UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

ANA CAROLINA COLNAGO ROCO DE AZEVEDO

NOVOS ENQUADRAMENTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO AMBIENTE ON-LINE: ANÁLISE DOS ATAQUES DE GRUPOS MASCULINISTAS CONTRA O BLOG "ESCREVA LOLA ESCREVA"

PRESIDENTE PRUDENTE - SP
2024

ANA CAROLINA COLNAGO ROCO DE AZEVEDO

NOVOS ENQUADRAMENTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO AMBIENTE ON-LINE: ANÁLISE DOS ATAQUES DE GRUPOS MASCULINISTAS CONTRA O BLOG "ESCREVA LOLA ESCREVA"

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/ Campus de Presidente Prudente, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação
Orientador: Prof. Dr. Divino José da Silva.

PRESIDENTE PRUDENTE - SP
2024

A994n

Azevedo, Ana Carolina Colnago Roco de
Novos enquadramentos da violência contra as mulheres no ambiente on-line : análise dos ataques de grupos masculinistas contra o blog "Escreva Lola Escreva" / Ana Carolina Colnago Roco de Azevedo. -- Presidente Prudente, 2024
144 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Divino José da Silva

1. Interseccionalidade. 2. Feminismo. 3. Violência. 4. Masculinistas. 5. Blog. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Novos enquadramentos da violência contra a mulher no ambiente on-line:análise dos ataques de grupos masculinistas contra o blog "Escreva Lola Escreva"

AUTORA: ANA CAROLINA COLNAGO ROCO DE AZEVEDOORIENTADOR: DIVINO JOSÉ DA SILVA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de **Doutora em Educação** ,pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. DIVINO JOSÉ DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - FCT/Unesp

Prof. Dr. PEDRO ANGELO PAGNI (Participação Virtual)FFC / UNESP/Marília (SP)

Profa. Dra. AMANA ROCHA MATTOS (ParticipaçãoVirtual) PPGPS / UERJ

Profa. Dra. JOSIANE PERES GONÇALVES (Participação Virtual) PPGEdu/FAED/UFMS / UFMS

Prof(a). Dr(a). TÂNIA SUELY ANTONELLI MARCELINO BRABO (Participação Virtual)
Departamento de Administracao e Supervisao Escolar / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciencias,Marilia

Presidente Prudente, 31 de agosto de 2023

Documento assinado digitalmente
gov.br
DIVINO JOSE DA SILVA
Data: 18/01/2024 09:22:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Divino José da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação FCT/UNESP/Campus de Presidente Prudente,SP.

AGRADECIMENTOS

Soa redundante afirmar que o caminho que trilhei até o fim dessa pesquisa foi longo. Mas assim o foi. Passar pela Pandemia de Covid-19 não estava em nenhum cronograma de desenvolvimento da pesquisa, e acabou se colocando como uma das maiores dificuldades nesse percurso. Trouxe medo, ansiedade e muitas incertezas acerca de algo tão elementar como a vida.

Ao mesmo tempo, continuar meu caminho formativo na UNESP trouxe muitas alegrias. Experiências que levo com muito carinho, além do apoio de pessoas que foram essenciais ao longo desse processo e que nas linhas abaixo tentarei externalizar minha gratidão.

Frequentemente recebemos a clássica pergunta dentro da faculdade: “Quem é o seu orientador?” Quando respondo: “O Professor Divino”, recebo sempre o mesmo sorriso, seguido de afirmações como: “Ele é Divino mesmo”. E posso afirmar com veemência que ter a orientação de alguém que admiro tão profundamente foi um dos maiores presentes dentro da academia. Professor Divino, a sua ética, respeito às nossas pesquisas e o cuidado com que acompanha cada estudante que passa pelo seu caminho, me faz acreditar que outras formas de Educação são sempre possíveis. Muito Obrigada por tudo, professor!

Também agradeço imensamente à minha família, que sempre me deu o suporte que precisava (quando nem eu sabia o quanto precisava). Meu pai com seus pequenos grandes gestos de carinho e com a ansiedade compartilhada de adorar uma pesquisa, um desafio, rs. Conseguiu concluir a graduação que tanto sonhava quando já via os filhos formados e após sofrer dois AVCs, sempre determinado e valorizando o caminho dos estudos. Minha mãe como parceira que me abraçou nesses muitos caminhos. Lembro vividamente de meu primeiro dia na escola, atravessávamos a rua e eu extremamente empolgada, tagarelava sobre as expectativas de começar a estudar, o que se seguia de uma descrição fiel das canetinhas que queria para compor o material escolar, rs. E assim se sucedeu por décadas, você de mãos dadas comigo, sempre me apoiando, segurando a barra com todas as crises de ansiedade que vivenciei nesses últimos anos. Chegamos juntas até aqui! Tudo que faço é também para você. Todo meu amor por vocês, sempre!

Ao Bruno, meu amor. Você faz cada momento ser mais precioso. Das nossas comemorações a cada pequena conquista, nas conversas antes de dormir, na partilha de objetivos tão comuns (até mesmo a sincronia em continuar juntos os estudos). No apoio incondicional durante a construção desse trabalho e sendo esse parceiro que eu tanto admiro, na luta incansável por aquilo que você acredita, na defesa de uma Educação pública de

qualidade, sempre disposto a olhar o outro a partir da diferença que nos une. A nossa família "multiespécie" é o meu "lugar" preferido no mundo, para onde quer que a gente vá. Te amo e muito obrigada por estar comigo nessa jornada (e em muitas que virão, rs). Agradeço também ao meu sogro, Cláudio, pelo incentivo e carinho de sempre.

Aos meus irmãos que são meus grandes amigos. Mariana que desde cedo mostrou ao mundo que não se curvaria aos domínios de ninguém. Forte, direta, decidida, sempre pronta a interromper meus momentos de "não vou conseguir". Sua parceria é das melhores coisas que tenho na vida! Matheus em sua tranquilidade, timidez, e que tem dentro de si os ideais mais lindos: ética, cuidado com o próximo (incluindo os bichinhos). Ainda trouxeram mais amor para a nossa família, assim, agradeço aos meus cunhados Juliana e Júnior, sempre incentivando, compartilhando risadas e carinho.

Ao Estevão, que inaugurou uma nova forma de amor que eu nem sabia que era possível. Meu sobrinho amado, risonho, dono de uma inteligência que me arranca as gargalhadas mais sinceras. Você mudou tudo e me fez ter forças para trilhar esse caminho. Agradeço a cada partida de jogo da memória (que você sempre ganha de mim, rs), aos nossos jogos de futebol, passeios, aos áudios que você envia me chamando para ir te ver e brincar. Tudo isso torna meus dias muito mais felizes.

À minha vó Ana, que fez nascer meu amor pela UNESP, ao sempre contar sobre o trabalho de minha tia Lina (*in memoriam*), a primeira de nossa família a cursar ensino superior e ingressar em um concurso público na UNESP. E que com isso conseguiu reverter a história de fome que marcou a vida de vocês. Estar aqui hoje é trazer vocês comigo, que tanto sofreram e foram excluídas dos mais diversos espaços, vivenciando diariamente as violências de ser mulher, negra e pobre nesse país. Vó, agradeço muito seu amor, o carinho a cada cafezinho que passou para mim nas noites que virava sem dormir estudando no curso de Geografia, o seu constante incentivo para que pudéssemos estudar e ter condições melhores de vida. Eu amo ouvir suas histórias e ter você comigo aqui em todos esses momentos. Muito obrigada!

Também agradeço à minha vó Jacira, sempre pronta a quebrar os estereótipos do que é ser mulher. E minha tia Aninha, a pessoa mais doce que conheço. Seu carinho, força, conversas, são sempre essenciais para mim. Além de tia você é amiga, irmã e alguém que admiro muito!

Lendo a obra de Itziar Ziga encontrei a seguinte frase: "Nós, mulheres, não podemos transitar pelo patriarcado sem amigas". Instantaneamente me lembrei de vocês: Maryna, Keith, Renata, Jéssica, Vivian, Kássia. Estar com vocês é sempre garantia de sorrisos, memes, apoio e muito amor. Agradeço por tê-las em minha vida.

Aos colegas de grupo de pesquisa que tanto auxiliaram nas discussões desenvolvidas e que se tornaram amizades que levo com muito carinho. Em especial, Nathália, Kallyne, Isabelle e Fabiana.

Aos professores que gentilmente aceitaram compor a banca: Professora Dra. Amana Rocha Mattos; Professora Dra. Josiane Peres Gonçalves; Professora Dra. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo; Professor Dr. Pedro Angelo Pagni. Ao participar também de suas aulas, Profa. Amana, Profa. Tânia e Prof. Pedro, tive a oportunidade e honra de estar em contato com pessoas que tanto admiro. O meu muito obrigada por dedicarem seu tempo e trabalho na análise da presente tese.

Agradeço a todas as professoras(es) que estiveram presentes em minha trajetória escolar. O processo que se encerra em uma tese tem as mãos da Profa. Sandra do Ensino Fundamental I, de Dolores e Cidinha do Fundamental II e de todos aqueles que vieram depois, no curso de Geografia, Pedagogia e na Pós-Graduação. Muito obrigada por me trazerem até aqui!

Agradeço ainda aos meus estudantes queridos! Que nesses mais de 10 anos de docência me transformaram em alguém mais forte, mais disposta a lutar por aquilo que acredito. Eu dedico esse trabalho a todos vocês!

Também agradeço ao Departamento de Educação da UNESP, em especial ao Prof. Rodrigo Barbosa Mugnai Lopes, que esteve na chefia nos últimos anos e à Ana Claudia Danioti Piciula Peres, por todo apoio no período em que atuei como bolsista na área de docência.

Às funcionárias(os) da UNESP, em especial: Ivonete, Cíntia, Aline, da seção técnica de Pós-Graduação.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Estudar é fugir. É estudar para fugir, para habitar o desterro, a catástrofe e os outros mundos possíveis que se precipitam ao fim deste (MOMBAÇA, 2021).

RESUMO

A presente investigação inserida na linha 1: "Desenvolvimento humano, diferença e valores", desenvolvida no âmbito do Doutorado em Educação, buscou problematizar os novos enquadramentos da violência contra a mulher no ambiente on-line, a partir do estudo do blog "Escreva Lola Escreva" e de sua autora Lola Aronovich. Para isso, a interseccionalidade foi tomada como ferramenta analítica para pensar Lola (e sua escrita no blog), e as categorias que perpassam os ataques por ela sofridos, eixos que atuam em via de sua desumanização. Ao mesmo tempo, a interseccionalidade serviu à análise dos grupos masculinistas, envoltos em um pacto da branquitude, heterossexualidade, tendo como pano de fundo (e impulso de ações) o Estado-Nação brasileiro, palco de um recente recrudescimento do fascismo. Dessa forma, a metodologia adotada permeou o âmbito qualitativo dos estudos desenvolvidos no rol da interseccionalidade. Nesse contexto, os enquadramentos assumidos no presente trabalho no que concerne aos feminismos, busca relacionar os históricos deste movimento com as suas características centrais, abordando também os seus apagamentos, o que a nosso ver foi essencial para pensar a interseccionalidade em conjunto com os feminismos no Brasil, o que também auxiliou a discutir a emergência dos feminismos digitais. A partir disso, buscamos demonstrar na discussão sobre o aparato digital o porquê incluir em nosso trabalho a escolha do blog e apontar as conexões que se dão com o Twitter, no caso do "Escreva Lola Escreva". Em conjunto, expomos como na atual sociedade da informação, novas formas de controle dos sujeitos são criadas e/ou potencializadas. Em seguida, analisamos como a violência perpetuada no ambiente on-line incide sobre o ativismo feminista, momento em que nos voltamos para a trajetória de Lola Aronovich em seu embate com grupos masculinistas, que se utilizam de notícias falsas, ameaças contra ela e sua família. Esses enfretamentos e a resistência de Lola levaram à aprovação do Projeto de Lei nº 4614/16, conhecido como "Lei Lola", o que demonstra a importância de sua ação na militância feminista. Concluímos indicando como as categorias de raça, classe e gênero se tornam vitais tanto para a constituição dos grupos masculinistas, quanto na seleção de seus alvos. Além disso, debatemos a violência produzida sobre o corpo feminino, trabalhando com a hipótese de que há uma tentativa de desumanização destes corpos via discurso de ódio e violência que são perpetrados por grupos misóginos. Finalizamos propondo a articulação desses campos com a Educação, como forma de resistência e transformação da realidade estudada.

Palavras-chave: Feminismos; Blog; Escreva Lola Escreva; Lola Aronovich; Interseccionalidade; Masculinistas.

ABSTRACT

The present investigation inserted in line 1: “Human development, difference and values”, developed within the scope of the Doctorate in Education, sought to problematize the new frameworks of violence against women in the online environment, based on the study of the blog “Write Lola Write” and its author Lola Aronovich. For this, intersectionality was taken as an analytical tool to think about Lola (and her writing on the blog), and the categories that pervade the attacks she suffered, axes that act towards her dehumanization. At the same time, intersectionality served the analysis of masculinist groups, involved in a pact of whiteness, heterosexuality, having as a backdrop (and impulse of actions) the Brazilian Nation-State, the scene of a recent resurgence of fascism. Thus, the adopted methodology permeated the qualitative scope of the studies developed in the intersectionality list. In this context, the frameworks assumed in the present work with regard to feminisms, sought to relate the histories of this movement with its central characteristics, also addressing its erasures, which in our view was essential to think about intersectionality together with feminisms in the Brazil, which also helped to discuss the emergence of digital feminisms. From this, we seek to demonstrate in the discussion about the digital apparatus why we include in our work the choice of the blog and point out the connections that occur with Twitter, in the case of the Write Lola Write. Together, we expose how in the current information society, new forms of control of subjects are created and/or enhanced. Then, we analyze how the violence perpetuated in the online environment affects feminist activism, at which point we turn to the trajectory of Lola Aronovich in her clash with masculinist groups, which use false news, threats against her and her family. . These confrontations and Lola's resistance led to the approval of Bill nº 4614/16, known as “Lei Lola”, which demonstrates the importance of her action in feminist militancy. We conclude by indicating how the categories of race, class and gender become vital both for the constitution of masculinist groups and in the selection of their targets. In addition, we debate the violence produced on the female body, working with the hypothesis that there is an attempt to dehumanize these bodies through hate speech and violence that are perpetrated by misogynistic groups. We conclude by proposing the articulation of these fields with Education, as a form of resistance and transformation of the studied reality.

Keywords: Feminisms; Blog; Escreva Lola Escreva; Lola Aronovich; Intersectionality; Masculinists.

RESUMEN

La presente investigación inserta en la línea 1: "Desarrollo humano, diferencia y valores", desarrollada en el ámbito del Doctorado en Educación, buscó problematizar los nuevos marcos de violencia contra las mujeres en el entorno en línea, a partir del estudio del blog " Escribe Lola Escribe" y su autora Lola Aronovich. Para ello, se tomó como herramienta de análisis la interseccionalidad para pensar en Lola (y su escritura en el blog), y las categorías que impregnan los ataques que sufrió, ejes que actúan en pro de su deshumanización. Al mismo tiempo, la interseccionalidad sirvió para el análisis de grupos masculinistas, envueltos en un pacto de blanquitud, heterosexualidad, teniendo como telón de fondo (e impulso de acciones) el Estado-Nación brasileño, escenario de un reciente resurgimiento del fascismo. Así, la metodología adoptada permeó el alcance cualitativo de los estudios desarrollados en la lista de interseccionalidad. En este contexto, los marcos asumidos en el presente trabajo con respecto a los feminismos, buscaron relacionar las historias de este movimiento con sus características centrales, abordando también sus borrados, lo que a nuestro juicio fue fundamental para pensar la interseccionalidad junto a los feminismos en Brasil. , que también ayudó a discutir la emergencia de los feminismos digitales. A partir de ello, buscamos demostrar en la discusión sobre el aparato digital por qué incluimos en nuestro trabajo la elección del blog y señalar las conexiones que se dan con Twitter, en el caso de la Escribe Lola Escribe. Juntos exponemos cómo en la actual sociedad de la información se crean y/o potencian nuevas formas de control de los sujetos. Luego, analizamos cómo la violencia perpetuada en el entorno online incide en el activismo feminista, momento en el que recurrimos a la trayectoria de Lola Aronovich en su enfrentamiento con los grupos masculinistas, que utilizan noticias falsas, amenazas contra ella y su familia. Estos enfrentamientos y la resistencia de Lola llevaron a la aprobación del Proyecto de Ley nº 4614/16, conocido como "Lei Lola", que demuestra la importancia de su acción en la militancia feminista. Concluimos indicando cómo las categorías de raza, clase y género se vuelven vitales tanto para la constitución de los grupos masculinistas como en la selección de sus objetivos. Además, debatimos la violencia que se produce sobre el cuerpo femenino, trabajando con la hipótesis de que existe un intento de deshumanización de estos cuerpos a través de discursos de odio y violencia perpetrados por grupos misóginos. Concluimos proponiendo la articulación de estos campos con la Educación, como forma de resistencia y transformación de la realidad estudiada.

Palabras clave: Feminismos; Blog; Escreva Lola Escreva; Lola Aronovich; Interseccionalidad; Masculinistas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia de Lola Aronovich.....37
Figura 2: Captura de tela do layout do blog "Escreva Lola Escreva" 55
Figura 3: Captura de tela da seção “arquivo” do blog “Escreva Lola Escreva”.....56
Figura 4: Captura de tela da caixa de pesquisa do blog "Escreva Lola Escreva".....57
Figura 5: Imagem de Comentário no Escreva Lola Escreva 59
Figura 6: Captura de tela de postagem do blog "Escreva Lola Escreva" 60
Figura 7: Imagem do perfil de Lola Aronovich no Twitter.....64
Figura 8: Link para nova postagem no Escreva Lola Escreva 65
Figura 9: Protestos contra Judith Butler no Brasil 80
Figura 10: Captura de Tela de vídeo no Youtube 83
Figura 11: Imagens de Protestos que declaram apoio à Lola Aronovich 90
Figura 12: Captura de tela de comentário do Blog "Escreva Lola Escreva".....91
Figura 13: Captura de tela de Tweet com ofensa gordofóbica. 91
Figura 14: Imagem de conversa entre Lola e Marcelo Mello no Twitter.....93
Figura 15: Captura de tela do layout do "Dogolachan".....94
Figura 16: Imagem de fórum masculinista: plano para criação de um blog fake de pedofilia 96
Figura 17: Imagem de fórum masculinista sobre blog fake 96
Figura 18: Captura de tela de tweet.....103
Figura 19: Captura de tela de chan masculinistas. 109
Figura 20: Imagem da desciclopédia que ilustraria Lola Aronovich 110
Figura 21: Ameaça dirigida à Lola Aronovich.....111
Figura 22: Captura de Tela de postagem no Twitter 111
Figura 23: Texto de blogueiro masculinista sobre a ascensão social por eles idealizada. 114
Figura 24: Fracasso de masculinistas frente ao sonho neoliberal.....115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
SEÇÃO 1: DE QUAIS FEMINISMOS ESTAMOS FALANDO? 17
1.1 De onde fala esse feminismo 17
1.2 Avançando na teorização acerca dos feminismos - Um contraponto às ondas ou gerações feministas 19
1.3 O uso da interseccionalidade 23
1.4 Feminismos no Brasil e suas conexões com a interseccionalidade 27
1.5 Feminismos Digitais 33
1.6 Feminismos no Escreva Lola Escreva e a feminista Lola 36
SEÇÃO 2. APROFUNDANDO AS DISCUSSÕES ACERCA DA INTERNET 46
2.1 Surgimento e caracterização dos blogs no âmbito da Web 2.0 46
2. 2 O blog "Escreva Lola Escreva": como os feminismos emergem on-line 54
2. 3 Twitter*:* Redes que extrapolam e se conectam ao blog 62
2.4 Habitar os espaços on-line e por ele ser habitado: a vulnerabilidade dos sujeitos na sociedade da informação 67
SEÇÃO 3: O FEMINISMO DE LOLA – ATUAÇÃO E RESISTÊNCIA FRENTE À MISOGINIA ON-LINE 74
3.1 Alguns apontamentos acerca da emergência dos grupos masculinistas nos ambientes on-line 74
3.2 As notícias falsas como forma de ataque à Lola Aronovich 78
3.3 A violência dirigida à Lola Aronovich 84
SEÇÃO 4: A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA PARA PENSAR OS GRUPOS MASCULINISTAS NO BRASIL 105
4.1 A interseccionalidade como ferramenta analítica dos grupos masculinistas no Brasil 105
4.2 Lola entre as intersecções: as categorias utilizadas nos ataques recebidos que visam a sua desumanização 108
4.3 Análise dos grupos masculinistas em suas intersecções 112
4.4 Fascismo à brasileira: o contexto social do processo de recrudescimento do antifeminismo e da crescente ansiedade sexual 117

4.5 Alguns apontamentos acerca do papel da Educação no debate sobre gênero e sexualidade e na prevenção de grupos masculinistas 123
CONSIDERAÇÕES FINAIS 128
REFERÊNCIAS 131

INTRODUÇÃO

Pela escrita muitas coisas nos escapam. Tentei ao longo da presente tese quebrar os meus próprios vícios de escrita e pensamento no que diz respeito a uma universalidade masculina da episteme. Tenho certeza de que não consegui fazer isso do início ao fim do texto. Entendo que não há neutralidade em nenhum campo da vida, logo, a língua e nosso posicionamento teórico carregam também a lógica de um mundo cisheteropatriarcal. Conforme aponta Foucault, "Escrever é pois mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro" (2000, p. 150).

Ao buscar uma definição sobre os feminismos para iniciar esse trabalho, destaco que "não é difícil compreender que não se pode falar em feminismo no singular. Pessoas com diferentes filiações político-ideológicas são partidárias de distintos feminismos" (SAFFIOTI, 1987, p. 112). Assim, buscamos nos referir a partir da ótica da pluralidade. Ainda no campo de uma definição sobre os feminismos, recorremos à bell hooks:

> Eu queria que tivessem uma resposta para a pergunta "o que é feminismo?" que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia. Queria que tivessem esta simples definição para ler repetidas vezes e saber que: "Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão (2018, on-line).

Ao enfrentar a norma patriarcal, os feminismos e demais movimentos que lutam por justiça social e que são marcados pela coletividade são vistos como ameaçadores, pois identificam, denunciam, exigem reparação das injustiças e desigualdades percebidas (BENTO, 2022). Assim, se "Os sistemas de sexo/gênero não são emanações a-históricas da mente humana; eles são produtos da atividade humana histórica" (RUBIN, 1993, p. 23) e passíveis de transformações, o que poderia derrubar muitos privilégios.

A partir de uma gama de teóricas e vertentes múltiplas, que de forma direta contribuíram para a constituição dos feminismos contemporâneos, chegamos à concepção da interseccionalidade, que responde muito bem aos questionamentos acerca da realidade brasileira e da pesquisa aqui proposta.

> Ao vincular fenômenos aparentemente independentes, o uso da interseccionalidade como forma de investigação e práxis críticas pode lançar luz sobre a relação entre o crescimento dos Estados neoliberais coercitivos, o capitalismo global e a configuração de divisões e hierarquias sociais baseadas em classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, deficiência, religião, nacionalidade e localização (COLLINS; BILGE, 2021, p. 178-179).

Essa visão das categorias como articuladas e indissolúveis se faz necessária, pois apresenta a perspectiva de que as “Relações de dominação de gênero, raça, classe, origem, entre outras guardam muita similaridade na forma como são construídas e perpetuadas através de pactos, quase sempre não explicitados” (BENTO, 2022, p. 14).

Nessa perspectiva, pensar a interseccionalidade é apontar que

> em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16).

Dentro dessa conjuntura, começamos a pensar nas características dos feminismos contemporâneos, em que o ativismo digital e as manifestações que emergem na internet ocupam um importante lugar, seja enquanto meio para compartilhar vivências, levantar pautas, ou na repercussão das teorizações produzidas no ambiente acadêmico. Eclodem blogs, sites, fóruns e perfis em redes sociais que contêm características feministas ou antifeministas.

Paralelamente, no âmbito institucional, essencialmente no escolar, falar sobre assuntos que se vinculam à sexualidade e gênero tornou-se um exercício cada vez mais difícil e restrito, sobretudo nos últimos anos, com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da república, o que potencializou a pauta dos costumes nos discursos e políticas de governo. Ainda, “A branquitude convicta e autoritária permite ao político ser grosseiro, violento, antidemocrático e abertamente racista, homofóbico e machista, uma atitude que provoca identificação de muitos apoiadores de lideranças públicas, mais do que suas políticas” (BENTO, 2022, p. 51).

Nesse período, viu-se no Brasil uma série de mudanças normativas que facilitaram o acesso às armas, como o aumento do limite de armamento e munição que pessoas com porte permitido podem adquirir, além da obtenção de armas de maior potencial ofensivo, o que anteriormente era de uso restrito das forças de segurança. Acrescente-se a isso o fato de que o Exército revogou portarias que facilitavam o rastreamento de armas e munição. Dessa forma, o registro de armas por civis teve um aumento em 2020 de 91% ante o registrado em 2019, segundo a Polícia Federal. Com relação aos anos anteriores, a alta de 12,6% é o maior registro desde 2009 (BENTO, 2022). Com isso, uma população alinhada aos valores defendidos pelo então presidente viu-se cada vez mais armada e com seus desejos de aniquilação chancelados.

Globalmente, a ascensão da extrema direita não apenas transcende as divisões de classe como base de apoio aos partidos políticos, como envolve segmentos consideráveis entre as

maiorias sociais, em torno do nacionalismo contra minorias. Nesse contexto, compreender como as plataformas digitais contribuem para a normalização da violência contra pessoas consideradas um problema para órgãos políticos nacionais é uma questão premente de interesse público. Os marcos interseccionais trazem uma luz analítica muito importante, por exemplo, sobre a maneira pela qual a ultradireita cria comunidades on-line eficientes e transnacionalmente vinculadas, recorrendo a uma variedade de repertórios de nós/eles que são interseccionalmente constituídos e propagam uma interseccionalidade de ódio. Assim, análises interseccionais de casos de violência digital são imprescindíveis no momento presente, mais que nunca. (COLLINS; BILGE, 2021).

Com base nessa conjuntura, a presente tese objetiva problematizar os novos enquadramentos da violência contra as mulheres (aqui, não incorremos a um essencialismo biológico para adotar a noção de "mulher", e sim a partir de uma perspectiva que ultrapasse a cisgeneridade) no ambiente on-line, a partir do estudo do blog "Escreva Lola Escreva" e de sua autora Lola Aronovich.

O aparato teórico e metodológico por nós utilizado, parte, sobretudo, da interseccionalidade para pensar Lola e sua escrita no blog "Escreva Lola Escreva", além das categorias que perpassam os ataques por ela sofridos. Ao mesmo tempo, a interseccionalidade serviu à análise dos grupos masculinistas, devido às múltiplas nuances que os envolvem e situam entre ações machistas, racistas, etc.

Para a análise qualitativa realizada, selecionamos os materiais (livros, artigos, dissertações e teses) atinentes às temáticas pesquisadas e procedemos a análise do material vinculado no blog "Escreva Lola Escreva", que conta com um vasto número de postagens, (superior a 5.000) ao longo dos 15 anos de sua existência. Dessa forma, elencamos descritores que abrangiam os temas estudados (essencialmente os ligados à escrita feminista, além dos conectados aos grupos masculinistas – com os ataques recebidos por Lola etc.) e procedemos no exercício de leitura e análise dos textos previamente catalogados.

A partir disso, temos na seção 1, intitulada: "De quais feminismos estamos falando?", a discussão dos enquadramentos assumidos no presente trabalho no que concerne aos feminismos situados na perspectiva da pesquisadora, além de destacar a interseccionalidade como uma potente constituição de teoria e método. A partir dessa percepção, introduzimos alguns pontos dos feminismos no Brasil, além de discutir os feminismos digitais e sua subsequente articulação com os feminismos de Lola Aronovich em suas relações com o blog "Escreva Lola Escreva".

Já ao longo da seção 2 "Aprofundando as discussões acerca da internet", buscamos ampliar o debate sobre o ambiente virtual, destacando as características centrais que permeiam

o formato do blog e do Twitter[1], além de expor alguns aspectos que se enunciam na atual sociedade da informação, com novas formas de controle dos sujeitos sendo criadas e potencializadas, o que também implica em novas formas de violência.

No âmbito da terceira seção com o título: “O feminismo de Lola – atuação e resistência frente à misoginia on-line”, abordamos como a violência perpetuada no ambiente on-line incide sobre o ativismo feminista, de forma mais específica, sobre Lola Aronovich, que recebe constantes ataques de grupos masculinistas, que se utilizam de notícias falsas, ameaças contra ela e sua família, o que acarretou até mesmo na aprovação do Projeto de Lei nº 4614/16, conhecido como “Lei Lola”.

Por fim, temos na última seção nomeada “A interseccionalidade como ferramenta analítica para pensar os grupos masculinistas no Brasil” a proposta de adotar a interseccionalidade como ferramenta de análise para a leitura dos grupos masculinistas em nosso país. Ademais, ampliamos o debate acerca da violência produzida sobre o corpo feminino, trabalhando com a hipótese de que há uma tentativa de sua desumanização, além de abordar a ascensão de uma direita fascista no Brasil como parte importante dessa trama que se constrói. Por último, apresentamos as intersecções com a escola abordando a necessária luta contra a barbárie.

[1] Vale destacar que a compra do Twitter pelo bilionário Elon Musk, no ano de 2022 e as mudanças que foram posteriormente implementadas, tem conduzido a plataforma a uma paulatina descredibilização. As mudanças se situam na alteração do próprio nome da rede (passou a se chamar X), além da verificação para contas, que passou a ser cobrada mensalmente. Vide matéria do G1 que aponta as principais transformações: https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/07/02/o-que-mudou-no-twitter-desde-que-elon-musk-comprou-a-empresa.ghtml. Acesso em: 16 jan. 2024.

SEÇÃO 1: DE QUAIS FEMINISMOS ESTAMOS FALANDO?

> As teorias se compreendem de verdade quando você pode aplicá-las à sua própria vida (ZIGA, 2022).

Nessa primeira seção da tese, apresentamos de forma mais ampla, os enquadramentos assumidos no presente trabalho no que concerne aos feminismos. Nesse momento, além de situar-me enquanto pesquisadora feminista, busco enunciar o problema da pesquisa e trazer os motivos que levaram à escolha do blog "Escreva Lola Escreva" para a análise subsequente.

Além disso, abordamos a interseccionalidade como uma potente constituição de teoria e método, relacionando os próprios históricos dos feminismos e de seus apagamentos com as características centrais para pensar a interseccionalidade.

À vista disso, introduzimos também, alguns pontos dos feminismos no Brasil, além de discutir os feminismos digitais, esfera central para a compreensão do que se pretendeu discutir ao longo da tese e que será retomado nas seções subsequentes. O encerramento da seção se dá com um perfil dos feminismos de Lola Aronovich em suas relações com o blog "Escreva Lola Escreva".

1.1 De onde fala esse feminismo

A escrita de um trabalho como este - uma tese de doutorado - perpassa muitos caminhos e mudanças de trajetórias, seja pelo amadurecimento no decorrer da pesquisa, passando pelas escolhas teóricas que se fazem, desfazem e refazem...ao mesmo tempo, se relaciona com a forma como vivenciamos esses longos anos na academia, com as mudanças que acompanham o nosso modo de ser no mundo. Ao escrever, apagar e reescrever esse início, resolvi por situar quem fala nessa tese, além das autoras com quem frequentemente "converso" ao longo dos parágrafos.

Eu, mulher cis, heterossexual, não branca, escrevo também a partir das minhas intersecções, ainda que seja para confrontá-las. Minha trajetória acadêmica é perpassada pela educação pública, do ensino básico à pós-graduação, e ao mesmo tempo que tive o privilégio de ter percorrido esse longo trajeto de estudos, como poucas de minha geração (e menos ainda se levar em consideração as gerações anteriores), carreguei comigo as dificuldades de uma educação também precária.

Durante anos, os estudos sobre feminismo me pareciam algo muito distante, uma ideia emoldurada, como uma fotografia repleta de mulheres em protestos, empunhando cartazes (e bem longe de mim). Não foi ao longo de minha educação básica que esse contato se iniciou, nem mesmo em minha primeira graduação na UNESP, no curso de Geografia, mas sim com a internet.

Foi por meio de blogs e redes sociais o meu despertar para o feminismo, anos atrás. Lembro de ser questionada na época se me considerava feminista. Titubeei, parecia algo difícil de se intitular, ainda mais a partir dessas vivências aqui rememoradas. Lembro que respondi que ainda não, estava estudando e no caminho para isso. Hoje, vejo que é no próprio caminho que criamos esse pertencer, não existe uma cartilha que nos guie nessa trajetória do ativismo.

Um dos primeiros blogs feministas que tive contato foi o "Escreva Lola Escreva", escrito por Dolores Aronovich Aguero desde o ano de 2008. Se com o passar do tempo as minhas leituras e referências foram se ampliando e extravasando o espaço virtual como fonte primeira, o início continua marcado ali, até mesmo na forma de comentários nas caixas do "Fala gente fala".

Foi durante a minha segunda graduação na UNESP, no curso de Pedagogia, que escrevi um pré-projeto de TCC voltado para o estudo de blogs feministas e recebi o acolhimento de meu atual orientador, professor Divino. Naquele momento eu pensava que a academia não era mais lugar para mim, mas com o incentivo dele ingressei no PPGE no ano de 2018 e após o exame geral de qualificação (2020) recebemos a indicação do doutorado direto, que aceitamos. Tudo isso se insere no momento da pandemia de Covid-19, que além de modificar nossas vidas, de um modo geral, também transformou a forma como o trabalho acadêmico se desenvolvia. O processo que já é solitário e potencializador de ansiedade, se tornou ainda mais complexo.

Nesse percurso, vejo que minha experiência se dimensionou como ponto de partida para a construção da tese, tanto no que diz respeito ao meu vínculo com o feminismo, quanto na identificação de ter sido leitora do blog "Escreva Lola Escreva". A pergunta do trabalho surgia por meio de inquietações rotineiras de tirar o sono. Questionava-me sobre diversos aspectos que circunscrevem a sua escrita e leitura, passando pelo potencial formativo do blog, pois outras pessoas como eu recorriam a ele para se formar sobre os temas atinentes a gênero e feminismo. Além disso, o próprio exercício de escrita de Lola me chamava atenção, levando-me a perguntar: a função do blog poderia ter similaridade com um diário, ser caracterizado como uma escrita de si?

Com o passar dos anos e as alterações no trabalho, outros contornos surgiram para pensar a pesquisa. Além disso, as leituras foram ganhando um novo direcionamento. Consigo

ver com nitidez que o início de meus escritos era construído essencialmente a partir de um feminismo branco e colonial. Hoje, situo-me a partir da interseccionalidade, que a meu ver consegue captar de forma profunda as nuances de uma realidade brasileira com que tenho trabalhado (perspectiva que será melhor elucidada no próximo tópico).

O próprio olhar sobre o blog foi sendo paulatinamente alterado. Ao mesmo tempo em que a experiência individual pode ser tão potente, também pode tornar-se uma dificuldade no momento de análise e produção teórica. Desvencilhar-me também foi necessário, para pensar as fragilidades, dar lugar ao confronto etc. Visto que, "Experiências pessoais são importantes para o movimento feminista, mas não podem substituir a teoria" (hooks, 2019, p.64-5). Outras mudanças ocorreram no decorrer da seleção das postagens do blog. A violência parecia se delinear como um eixo que perpassava as experiências narradas. Tanto das leitoras, quanto da autora, Lola, constantemente ameaçada por grupos masculinistas pelo trabalho que desenvolve com o blog.

Dessa forma, enuncio o que colocamos como problema de pesquisa após todos esses redimensionamentos: Problematizar os novos enquadramentos da violência contra as mulheres no ambiente on-line, a partir do estudo do blog "Escreva Lola Escreva". Para isso, a interseccionalidade é tomada como ferramenta analítica para pensar Lola Aronovich e as categorias que perpassam os ataques por ela sofridos, eixos que atuam em via de sua desumanização. Ao mesmo tempo, a interseccionalidade servirá à análise dos grupos masculinistas, envoltos em um pacto da branquitude, heterossexualidade, tendo como pano de fundo (e impulso de ações) o Estado-Nação brasileiro, palco de um recente recrudescimento do fascismo.

1.2 Avançando na teorização acerca dos feminismos - Um contraponto às ondas ou gerações feministas

Até a versão anterior desse trabalho (relatório de qualificação), o texto continha uma narrativa para contextualizar o feminismo a partir da ideia de ondas, ou gerações. Ainda que já considerasse algo que fugisse à analise aqui proposta, essa ruptura só se concretizou após a banca de qualificação. Parte-se aqui, de uma perspectiva que tenta levar em consideração os feminismos em sua pluralidade intrínseca, posicionamento que se opõe à ideia de *um* feminismo essencialmente centralizado em *uma* história universalizante, que remeta ao ideal de progresso. Nesse sentido,

> Essas versões oficiais da história podem ser amplamente aceitas, mas a interpretação direta da história que elas fazem privilegia alguns grupos em detrimento de outros e realça certas experiências em detrimento de outras. As pessoas são ensinadas a tratá-las como universais, mas as histórias oficiais apresentam, em geral, uma visão parcial do mundo, de acordo com a perspectiva dos grupos dominantes (COLLINS; BILGE, 2021, p. 89).

Aqui cabe nos indagarmos: "Quem aparece nas versões oficiais da história feminista?" Ou melhor, "quem **não** aparece nesses registros?" Esses protagonismos ou apagamentos na história das lutas faz transparecer fortes questões de raça, classe, gênero (tomado em sua forma binária e essencialista), além de nuances do poder, que visam contar uma história linear e única.

> É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantitvo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2019, p. 22-23).

Podemos pensar, por exemplo, nas demandas que surgiam dentro dos grupos feministas em alguns momentos da história – direito ao voto, acesso ao mercado de trabalho, liberdade sexual e reprodutiva – pontos extremamente importantes, sem dúvida, mas que não se mostravam como centrais para outros grupos de mulheres, que demandavam distintas urgências. "Nesses debates, era sempre a "dona de casa" de classe média que era representada como vítima de opressão sexista, e não a mulher pobre, negra e não negra, que são as mais exploradas (hooks, 2020, p. 233). Assim, é importante realçar, que "Para as mulheres racializadas, afirmar o que é, para elas, ser mulher, foi um campo de luta" (VERGÉS, 2020, n.p).

> O movimento de mulheres do século XIX também era contaminado pelo preconceito de classe. Susan B. Anthony se perguntava por que seu apelo às mulheres da classe trabalhadora na questão do voto era tão frequentemente recebido com indiferença. Ela indagava o motivo pelo qual essas mulheres pareciam muito mais preocupadas em melhorar sua situação econômica do que em conquistar o direito ao voto. Por mais essencial que a igualdade política fosse para a campanha mais ampla pelos direitos das mulheres, aos olhos das trabalhadoras afro-americanas e brancas isso não era sinônimo de emancipação. O fato de que as estratégias de luta se baseavam conceitualmente na condição específica das mulheres brancas das classes privilegiadas colocava tais estratégias em desacordo com as percepções de empoderamento das mulheres da classe trabalhadora. Não surpreende que muitas delas tenham dito à sra. Anthony: "Mulheres querem pão, não voto" (DAVIS, 2017, p. 16).

À vista disso, mulheres negras no século XIX tinham consciência do fato de que a verdadeira liberdade não estava vinculada somente à libertação da organização social sexista. Essas mulheres participaram tanto da luta por equidade racial, quanto do movimento de direitos das mulheres. bell hooks ainda cita o discurso de Anna Cooper, no Congresso Mundial de Mulheres Representantes, no ano de 1893, em que aponta que a mulher branca pôde ao menos litigar sua própria emancipação. Já as mulheres negras, não puderam mais do que sofrer e lutar e permanecer em silêncio, em sua dupla escravidão (hooks, 2020).

O discurso abaixo proferido por Sojourner Truth, em 1851, "E eu não sou uma mulher?" demonstra que as mulheres negras não estavam integradas ao modelo universal feminino naquele momento (um ideal branco). Seu famoso discurso ainda simboliza um grito contra a violência e invisibilidade de tantas mulheres negras que não tinham suas histórias contadas, suas demandas colocadas como centrais nos movimentos sociais e políticos. Estavam apagadas da história enquanto sobreviviam.

> Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?
> Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso… [alguém da audiência sussurra, "intelecto"). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? [1851]/(2014).

Percebemos então, que o próprio desejo pela emancipação de um grupo de mulheres se construiu com o suporte da não libertação de outras (não por acaso nomeadas como "outras"). E isso diz respeito não apenas à realidade estadunidense. O Brasil que carrega marcas pulsantes de um passado colonial escravocrata, com sua desigualdade social inegável, por muito reproduz os interesses de um feminismo branco e liberal. Por essa razão, é essencial trazer como pauta dos movimentos feministas o recorte de raça. Conforme aponta Lélia Gonzalez, "a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra" (2020, p. 43). Além disso, o apagamento de mulheres negras de uma "história oficial do movimento feminista",

demonstra como o racismo também está incrustrado nas instituições, movimentos sociais e academia.

Em certa medida, podemos pensar que o reconhecimento de outras categorias, como raça e classe, exigia nomear os próprios privilégios de que gozavam essas mulheres e um redimensionamento das estruturas do movimento feminista. Conforme apontou Heleith Saffioti (1987), a categoria social *mulheres* é extremamente heterogênea. Logo, aquilo que interessa a mulheres de uma classe social pode não interessar a mulheres de outras classes. Ademais, as mulheres diferenciam-se também quanto à etnia. No Brasil, existem profundas diferenças de tratamento dispensado às brancas e a não brancas. Desse modo, o que constitui prioridade número um para um grupo de mulheres brancas pode receber o número dez na ordem de prioridade de um grupo de mulheres negras.

Nesse ponto, é importante destacarmos a necessidade de autocrítica dentro dos movimentos feministas. "Resistimos ao domínio hegemônico no pensamento feminista se o encaramos como uma teoria em formação que necessariamente precisa ser criticada, questionada, reexaminada e confrontada com novas possibilidades" (hooks, 2019, p. 39). E quando trazemos esse debate para o recorte temporal atual, "ignorar o subalterno hoje é – quer queira, quer não – continuar o projeto imperialista (SPIVAK, 2010, p. 127).

O trabalho que produzimos na academia, que desenvolvemos nos movimentos sociais não são envoltos por uma neutralidade, seja por nosso posicionamento teórico e metodológico, seja do ponto de vista das nossas próprias trajetórias enquanto sujeitos. Assim, um deslocamento das raízes coloniais se faz extremamente necessário.

> A guerra em que estamos é uma guerra pela narrativa", disse Kimberlé Crenshaw a Abby Disney em uma entrevista em junho de 2020. Para criar um feminismo igualitário, extirpado das pautas dominantes da branquitude, todas as feministas, e em particular as feministas de cor, devem reformular a história do movimento de tal forma que o papel desempenhado pela branquitude no seu desenvolvimento se torne visível. Devemos acabar com a celebração de "heroínas" feministas que sustentaram a supremacia branca, no passado e no presente (ZAKARIA, 2021, p. 244-245).

Desta feita, apresentamos no tópico seguinte um breve debate acerca da interseccionalidade, seguido de uma discussão sobre os feminismos brasileiros (também conectados com a interseccionalidade). Isso se faz necessário, pois para além do suporte teórico e metodológico do trabalho, a interseccionalidade se mostra como uma negação aos projetos neoliberais e centrados em um pacto de branquitude e do cisheteropatriarcado.

1.3 O uso da interseccionalidade

Segundo Bilge, a interseccionalidade "é uma teoria e uma práxis, uma ferramenta analítica e política elaborada por atores sociais menos poderosos que enfrentam múltiplas situações de minorização" (2018, p. 73). Em seu cerne, a interseccionalidade ainda "Traz consigo a ideia de superação de um feminismo eurocêntrico e de classe média e conjuga categorias como raça, gênero, classe, sexualidade, periferia, dentre outras" (RIOS; PEREZ; RICOLDI, 2018, p. 37).

Collins (2022) elucida que no ambiente acadêmico, a interseccionalidade foi conceituada a partir de múltiplos usos: como conceito, paradigma, estrutura, dispositivo heurístico e teoria. Para a autora, essa diversificação se mostra como algo positivo, pois convida à participação na construção da interseccionalidade a partir de múltiplas perspectivas, sinalizando um caráter dinâmico. Ao mesmo tempo, as definições e usos da interseccionalidade extrapolam o ambiente da academia:

> a interseccionalidade está em toda parte e é poliglota: fala tanto a língua do ativismo e da organização comunitária quanto a da academia e das instituições Fala tanto à juventude por meio das mídias sociais e da cultura popular quanto ao corpo acadêmico através de conferências e publicações especializadas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 11).

Outro ponto importante é que a interseccionalidade "elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais" (AKOTIRENE, 2018, p. 35). Nesse sentido, seu vínculo com uma prática feminista que seja também decolonial é extremamente importante para que não se caia na armadilha do pensamento colonial[2]:

> Um feminismo à escuta dos combates das mulheres mais exploradas, das empregadas domésticas, das profissionais do sexo, das queer, das trans, das migrantes, das refugiadas e daquelas para quem o termo "mulher" designa uma posição social e política, não estritamente biológica. *Um* feminismo, não *o* feminismo, e, portanto, aberto a questionamentos, à possibilidade de rever suas análises, que não busca o reconhecimento das instituições, mas que se ancora nas lutas (VERGÈS, 2020, on-line).

[2] "A colonialidade do poder introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de "raça". A invenção da "raça" é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação. A humanidade e as relações humanas são reconhecidas por uma ficção em termos biológicos" (LUGONES, 2020, n.p).

A interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra. Na modernidade eurocêntrica capitalista esse processo de racialização e generificação é binário, dicotômico e hierárquico. A intersecção nos mostra um vazio, e por isso, uma vez que a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a logicidade da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial, visto que esta lógica historicamente seleciona somente o grupo dominante: as mulheres burguesas brancas heterossexuais e, portanto, esconde a brutalização, o abuso, a desumanização que a colonialidade de gênero implica (LUGONES, 2020).

Podemos ainda, elencar "seis ideias centrais da interseccionalidade: a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 45). Já as premissas orientadoras da interseccionalidade são hipóteses de trabalho ou suposições que irão influenciar a investigação e a práxis da interseccionalidade e perpassam quatro pontos centrais: raça, classe, gênero e sistemas similares de poder são interdependentes e constroem-se mutuamente; A intersecção das relações de poder produz desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnia, capacidade, idade; A localização social de indivíduos e grupos determina suas experiências e perspectivas no mundo social; Resolver problemas sociais dentro de um dado contexto espacial requer análises interseccionais (COLLINS, 2022). Desse modo, a partir desse corpo teórico e metodológico que se constrói a partir da interseccionalidade, percebemos que:

> Pensar as articulações entre marcadores sociais da diferença é uma questão sociológica e política: a não essencialização das identidades, a não somatória de ordens de dominação, e não partir do fato de que existem de modo estanque sujeitos mais oprimidos do que outros são fundamentais para uma análise atenta a contextos de interação, histórias e situações conjunturais. Por exemplo, mulheres negras de um país sul-americano não são necessariamente mais oprimidas, nem sua situação é pior do que aquela de homens negros ou homens árabes. Para fazer essa análise é preciso levar em conta questões de contexto, de nacionalidade e de situações de marginalidade, pois só o fator gênero não configura por si só um marcador de maior desigualdade em qualquer caso (BENÍTEZ; MATTOS, 2019, p. 79).

Quando nos voltamos para a sua nomenclatura, os trabalhos de Kimberlé Crenshaw são comumente citados como marcadores de um início da interseccionalidade. No artigo intitulado "Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas", a autora aponta como utilizava o termo naquela análise empreendida:

> Devo dizer desde logo que a interseccionalidade não está sendo aqui apresentada como uma nova teoria totalizante da identidade. Nem quero sugerir que a violência contra as mulheres não-brancas só possa ser explicada através dos quadros específicos de raça e gênero aqui considerados. Na verdade, os fatores que eu abordar apenas em parte, como classe ou sexualidade, são muitas vezes bem críticos na formação das experiências das mulheres não-brancas. Meu foco nas intersecções de raça e gênero apenas destaca a necessidade de explicar múltiplos motivos de identidade ao considerar como o mundo social é construído (CRENSHAW, 2017, on-line).

Não desejamos criar aqui um quadro que demarque a exata origem da interseccionalidade, de maneira rígida e linear. Acredito que fazendo isso incorreríamos ao mesmo erro da crítica elucidada anteriormente, em relação às ondas feministas ou gerações. Ou: "A história da interseccionalidade não pode ser precisamente organizada em períodos ou pontos geográficos (COLLINS; BILGE, 2021, p. 89). Ainda pelo olhar das autoras,

> Um sem-número de especialistas contemporâneos ignora ou não tem consciência desse período, pressupondo que a interseccionalidade não existia antes do fim da década de 1980 e do início da década de 1990, quando foi nomeada. Ao contrário, apontam a "cunhagem" do termo pela estudiosa de direito afro-americana Kimberlé Crenshaw como um momento fundamental da interseccionalidade. O trabalho de Crenshaw é vital, mas discordamos da visão de que a interseccionalidade começou a partir do momento em que foi nomeada. A escolha desse ponto de origem específico apaga o período anterior, quando houve uma forte sinergia entre a investigação crítica da interseccionalidade e a práxis crítica, e facilita a reformulação da interseccionalidade como apenas mais um campo acadêmico. A incorporação institucional da interseccionalidade durante a década de 1990, período em que ela se institucionalizou no ensino superior, não foi fácil nem direta. Frequentemente entendida em algumas narrativas como o suposto advento da interseccionalidade, a década de 1990 somente faz sentido em relação às décadas imediatamente precedentes a ela. Essas décadas também estabeleceram o contexto para o alcance global subsequente da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021, p. 90).

Nesse ponto, "As mulheres negras individuais engajadas no movimento feminista, escrevendo teoria feminista, persistiram em nossos esforços para desconstruir a categoria "mulher" e defenderam a ideia de que o gênero não é o único determinante da identidade feminina" (hooks, 2013, p. 105). A exemplo disso, pode-se afirmar acerca da importância do "Movimento das mulheres afro-brasileiras, em que estas avançaram as ideias da interseccionalidade antes do surgimento do próprio termo" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 72). O excerto abaixo demonstra um pouco mais das origens desse exercício interseccional no pensamento brasileiro:

> não podemos silenciar quanto à violência cotidiana da exploração econômica e da opressão racial a que estão expostas milhares de glórias marias, de lecys, de aglaetes, de alziras e de reginas da vida. Do fundo do poço do seu anonimato – nas favelas, na periferia, nas prisões, nos manicômios, na prostituição, na "cozinha da madame", nas frentes de trabalho nordestinas -, talvez nunca tenham ouvido falar de *direito de cidadania*, mas têm consciência do que significa ser *mulher*, *negra e pobre*, ou seja, viver acuada, à espreita do próximo golpe a ser recebido, vigiando-se e "saindo de cena" para não ser mais ferida do que já é quando se trata de diferentes agentes da exploração, da opressão e também da repressão. Significa se jogar inteira no desenvolvimento das chamadas "estratégias de sobrevivência", dia após dia, hora após hora, sem deixar, no entanto, de apostar na vida. As conhecidas histórias de Carolina Maria de Jesus, Marli Pereira Soares e Francisca Souza da Silva aí estão, enquanto testemunhas comoventes do que significa ser *mulher*, *negra* e *pobre* (GONZALEZ, [1984] 2020, p. 111).

Nesse ponto, retorno a pensar o papel da interseccionalidade, uma potente ferramenta que se constitui como teoria e práxis para tencionarmos não apenas a constituição das identidades[3], mas também das lutas e do reconhecimento de direitos humanos básicos. Nos reconhecermos enquanto sujeitos múltiplos, atravessados por experiências diversas é um primeiro exercício interseccional, pois nos encaminha a considerar as categorias (gênero, raça, geração, nacionalidade, deficiência) de modo indissolúvel. "Em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para a outra, entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 188).

Nesse sentido, veremos no tópico seguinte as relações entre a interseccionalidade e os movimentos feministas no Brasil, buscando demarcar algumas origens e permanências em suas práticas atuais, algo que se mostra essencial em nosso trabalho.

[3] Insiro o seguinte trecho acerca de uma das críticas correntes da interseccionalidade: "Uma das críticas à interseccionalidade diz respeito ao uso excessivo da identidade pessoal como categoria analítica e argumenta que, por dar muita atenção à identidade, a interseccionalidade minimiza a importância das análises estruturais, especialmente as análises materialistas de classe e poder. No entanto, uma leitura cuidadosa dos estudos de interseccionalidade, passados e presentes, revela que essas críticas apenas são sustentáveis quando se ignora a centralidade das análises estruturais que caracterizam a interseccionalidade desde o início. Por exemplo, o trabalho de Frances Beal, a declaração do CRC e o foco explícito na transformação institucional de figuras-chave que introduziram a interseccionalidade na academia sugerem que, quando se trata de identidade, a interseccionalidade há muito tempo enfatiza uma combinação de análises estruturais e culturais. As análises materialistas permanecem relevantes nos estudos contemporâneos da interseccionalidade, como mostra, por exemplo, a abordagem interseccional da deficiência por Nirmala Erevelles, que foca as "condições sociais e econômicas reais que afetam a vida das pessoas (com deficiência) e que são, simultaneamente, mediadas pelas políticas de raça, etnia, gênero, sexualidade e nação" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 199).

1.4 Feminismos no Brasil e suas conexões com a interseccionalidade

No tópico anterior discutimos algumas características que consideramos centrais na interseccionalidade, além de trazer indícios de sua conexão com os movimentos de mulheres no Brasil. No presente tópico, buscamos adentrar as articulações acerca dos movimentos feministas brasileiros, pensando em alguns elementos que consideramos cruciais de sua história (tendo em vista os seus elos com o movimento negro) e seu posterior vínculo com a interseccionalidade. A separação dos tópicos visa criar uma sequência dos enquadramentos dos feminismos que desejamos expor na presente tese.

Quando retomamos partes da história brasileira que se conecta à origem dos movimentos sociais, percebemos que:

> Não chega a ser exagero afirmar que entre 1888 e 1970, com raras exceções, o negro brasileiro não pôde expressar-se por sua voz na luta pelo reconhecimento de sua participação social. Soa interessante que tal expressão venha a acontecer num momento em que o país estava sufocado sob uma forte repressão ao livre pensamento e à liberdade da reunião. Este era o momento dos anos 70 (NASCIMENTO, 1985, p. 47).

O desenvolvimento e expansão dos movimentos sociais durante a década de 1970[4] propiciaram a mobilização e a participação de diversos setores da população brasileira. No que diz respeito à população negra, essa organização se dará, sobretudo, no movimento negro e no movimento de associações de moradores de bairros periféricos. Destaca-se que o movimento negro desempenhou um papel de extrema relevância na luta antirracista brasileira, sensibilizando inclusive os setores não negros e buscando mobilizar diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para as práticas do racismo no país. Além disso, a presença de mulheres negras não apenas em sua criação, como na sua direção, não pode ser apagada. Assim, é no movimento negro que se encontra o espaço necessário para as discussões e o desenvolvimento de uma consciência política acerca do racismo e da exploração de classe. Por

[4] "Vale destacar o ato de 1971 que evocou a resistência do povo negro marcando o dia 20 de novembro como dia de luta do negro no Brasil, um contraponto ao 13 de maio de 1888, que não garantiu direitos humanos à população negra brasileira. Era um período em que o movimento se inspirava na luta por libertação dos povos africanos, particularmente em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; nas lutas contra o apartheid na África do Sul e pelos direitos civis dos negros estadunidenses. Este contexto influenciou o avanço dos embates contra o racismo no Brasil. O lançamento do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em 1978, nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, representou uma mudança qualitativa na forma de se fazer política: o Estado é responsabilizado pelas precárias condições de vida da população negra, e políticas públicas de reparação são reivindicadas" (SOUZA, 2021. P 11-12).

outra via, o movimento feminista ou de mulheres, tem suas raízes na classe média branca e geralmente apaga a questão racial (GONZALEZ, 2020).

> no caso brasileiro, o discurso sobre identidade nacional possui essa dimensão escondida de gênero e raça. A teoria de superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar. A expressiva massa de população mestiça construída na relação subordinada de mulheres escravas negras e indígenas com seus senhores tornou-se um dos pilares estruturantes da decantada "democracia racial brasileira" (CARNEIRO, 2020, p. 151).

Nesse contexto, a década de 1970 marca o fortalecimento dos movimentos de mulheres no Brasil, seja no ambiente da academia (marcado naquele momento pela representação de mulheres brancas), ou na articulação com as camadas populares e suas organizações de bairro. Conforme demonstra Sarti (2004), tal atuação conjunta marcou o movimento de mulheres no Brasil e deu-lhe matizes próprias. Envolveu, em primeiro plano, uma delicada relação com a Igreja Católica, que se mostrava como importante foco de oposição ao regime militar. Neste viés, as organizações femininas de bairro ganharam força como parte do trabalho pastoral inspirado na **Teologia da Libertação**. Isso colocou os grupos feministas em permanente enfrentamento com a Igreja na busca de hegemonia dentro destes grupos populares, sendo que o tom predominante foi o de uma política de alianças entre o feminismo, que buscava enunciar as questões de gênero, os grupos de esquerda e a Igreja Católica, todos navegando contra a corrente do regime autoritário da ditadura militar. Desacordos eram evitados, pelo menos publicamente. O aborto, a sexualidade, o planejamento familiar e outras questões permaneceram no âmbito das discussões privadas, feitas em pequenos grupos, sem ressonância pública. (SARTI, 2004).

Por outro lado, Lélia Gonzalez (2020) aborda que as conexões com a Igreja Católica mudavam de tom quando se tratava do movimento negro, não existiam conciliações, ainda que parciais, como as que se estendiam às mulheres brancas:

> E eu, enquanto fundadora do Movimento Negro Unificado, me recordo que a Igreja católica também nunca nos viu com bons olhos, inclusive porque éramos o criouléu de esquerda, o criouléu que estava tentando articular questões de raça e classe, como o caso do Movimento Negro Unificado. Não tínhamos muita guarida na Igreja católica (p. 240).

Além disso, "a hegemonia da Igreja nos grupos populares circunscreveu o conteúdo ideológico da luta das mulheres pobres, promovendo a participação das mulheres na vida comunitária, mas reforçando seus papéis familiares tradicionais" (SARTI, 1998, p. 06).

Conforme demonstra Gayle Rubin (2003), ao discutir a contraofensiva da direita sexual como uma reação à liberação sexual da década de 1960 e do início da década de 1970 nos Estados Unidos, o discurso de João Paulo II na década de 1980 reafirma esse lócus de subalternidade da mulher e demonstra como os interesses da Igreja não coadunavam com o que entendemos dos movimentos feministas, que inclusive teve os seus próprios discursos incorporados e subvertidos para a reafirmação de uma postura retrógrada.

> O discurso feminista tem uma lamentável tendência a ressurgir em contextos reacionários. Por exemplo, em 1980 e 1981 o papa João Paulo II fez uma série de pronunciamentos reafirmando seu compromisso com uma visão mais conservadora, mais próxima do pensamento do apóstolo Paulo, da sexualidade humana. Ao condenar o divórcio, o aborto, a prática de coabitar por algum tempo antes de casar, a pornografia, a prostituição, o controle da natalidade, o hedonismo desenfreado e a luxúria, o papa usou, em larga medida, a retórica feminista sobre objetificação sexual. Num estilo que lembrava o da polemista feminista lésbica Júlia Penelope, Sua Santidade explicou que "encarar uma pessoa com luxúria faz dessa pessoa um objeto sexual e não um ser humano a quem se deve respeito" (RUBIN, 2003, p. 53).

Ainda dissertando sobre a década de 1970 no Brasil, quando nos voltamos para outros temas essenciais, como a educação, percebemos que o crescimento das taxas de escolaridade feminina no ensino superior (conforme elucida a citação abaixo), não se aplicava às mulheres negras. Lélia Gonzalez (2020) retoma o trabalho de Rose Marie Muraro que contém alguns dados da década para demonstrar que 83% das trabalhadoras negras concentravam-se sobretudo nas ocupações manuais.

> A primeira metade da década foi o auge do "milagre brasileiro". [...] A força de trabalho feminina dobra de 1970 para 1976. Mais interessante ainda: em 1969 havia 100 mil mulheres na universidade para 200 mil homens. Em 1975 esse número tinha subido para cerca de 500 mil mulheres (para 508 mil homens), passando a proporção de 1:2, em 1969, para 1:1 em 1975. O número de mulheres na universidade havia quintuplicado em cinco anos! Vemos aí como se conjugam, então, os fatores econômicos reforçando os comportamentais e vice-versa. Isso pode explicar, ao menos em parte, que nestes primeiros cinco anos da década, mesmo sem haver movimento organizado, tenha surgido interesse tão agudo para o problema da mulher. Foi nesses cinco anos, mesmo, que se processou a *maior transformação da condição da mulher na história de nosso país*. (GONZALEZ, 2020, p. 98).

Ainda nesse contexto de fortalecimento de movimentos sociais no Brasil, no ano de 1975, no início da Década das Mulheres promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), ocorreu a apresentação do Manifesto das Mulheres Negras no Congresso das mulheres brasileiras. Tal manifesto chamou atenção para como elementos da vida das mulheres negras

no trabalho, na família e na economia eram moldados por gênero, raça e sexualidade (vemos aqui, a noção articulada das diferentes opressões). Durante essa década, as feministas brancas permaneceram indiferentes ou incapazes de abordar as preocupações das mulheres negras. (COLLINS; BILGE, 2021).

Cabe apontar o entendimento que temos aqui do que constitui ser uma feminista branca: "É crucial que mulheres brancas compreendam que ser branca e ser mulher não são os critérios que fazem de uma mulher uma feminista branca; é, na verdade, recusar reconhecer seu privilégio branco" (ZAKARIA, 2021, p. 261). Como exemplo, podemos elencar o trabalho de Heleieth Saffioti, uma mulher branca que reconhecia a importância de se ter um feminismo centrado em gênero, classe e raça. Seu trabalho trouxe uma crítica para os próprios movimentos de esquerda que estavam focados apenas nas questões de classe.

> As pessoas situadas na esquerda política, e especialmente as comunistas, não admitem a luta contra o patriarcado e contra o racismo em pé de igualdade com a luta de classes. Privilegiam, incontestavelmente, esta última. Este privilegiamento deriva da crença na maior importância da contradição entre as classes como princípio estruturador das sociedades caracterizadas pela presença do patriarcado-racismo-capitalismo. No fundo, acredita-se que, abolindo-se as classes sociais através da socialização dos meios de produção, ou seja, da eliminação da propriedade privada dos meios de produção, chega-se, com menor esforço, à igualdade racial e entre as categorias de sexo[...] esta etapa, que determina a estratégia de luta de priorização do combate às classes sociais, visando à sua eliminação, deriva de uma apreensão atomizada, em separado, dos três sistemas, fundidos em um só, de dominação-exploração. A cabeça das pessoas que participam desta crença funciona como se a realidade se sentisse obrigada a se enquadrar em seu esquema de pensamento. Ora, passa-se exatamente o inverso, pois é o pensamento que deve amoldar-se à realidade, a fim de bem apreendê-la, sem deformá-la. Há, portanto, uma inversão dos termos no raciocínio das esquerdas em geral (SAFFIOTI, 1987, p. 88-89).

Nessa conjuntura, cultivando uma identidade feminista negra de feições políticas no cruzamento entre racismo, sexismo, exploração de classe, história nacional e sexualidade, as afro-brasileiras desenvolveram uma política identitária. Em um ambiente em que os direitos das mulheres englobavam apenas as necessidades das mulheres brancas e a população negra vivenciava um racismo antinegro sob uma suposta democracia racial, as afro-brasileiras recebiam um tratamento diferenciado tanto no movimento feminista, quanto no movimento negro, pois nem o feminismo brasileiro, liderado por mulheres que eram sobretudo ricas e brancas, nem o movimento negro, que estava ativamente engajado em reivindicar uma identidade negra coletiva que identificava o racismo como uma força social, poderiam por si só abordar de maneira adequada as questões das afro-brasileiras. Mulheres negras que

participavam do movimento negro tinham aliados combativos quando se tratava de ativismo negro antirracista, mas encontravam muito menos compreensão a respeito do fato de que os problemas enfrentados pela população negra carregavam formas específicas de gênero. As questões específicas da vivência da mulher negra no Brasil, no cruzamento de racismo, sexismo, exploração de classe, cidadania de segunda classe e heterossexismo, tinham pouco reconhecimento. Nesse contexto, os movimentos sociais isolados, contemplando feminismo, antirracismo e movimentos da classe trabalhadora, foram importantes, e muitas mulheres negras continuaram a participar deles. No entanto, como nenhum movimento social conseguiu resolver adequadamente as questões específicas das mulheres afro-brasileiras, elas criaram um movimento próprio (COLLINS; BILGE, 2021).

> Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Sueli Carneiro (2011), também destaca que enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração de múltiplas vivências que são permeadas pela desigualdade, sejam elas no campo dos afetos, do trabalho, na saúde, na segurança pública etc.

Por fim, ao pensarmos os movimentos feministas no Brasil, foram produzidas contribuições essenciais no processo de democratização do Estado brasileiro, além de inovações importantes no campo das políticas públicas, como a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. Outro ponto foi a violência doméstica tida como algo da dimensão do privado que alcançou a esfera pública e tornou-se objeto de políticas específicas. Esse deslocamento levou a administração pública a criar novos organismos, como as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher, os abrigos institucionais para a proteção de mulheres em situação de violência, o treinamento de profissionais da segurança pública para lidar com as situações de violência contra a mulher etc. Ainda, é necessário destacar o protagonismo que tiveram nas lutas pela anistia, por creche, na

luta pela descriminalização do aborto que penaliza, inegavelmente, as mulheres de baixa renda, que o fazem em condições de precariedade e determinam em grande parte os índices de mortalidade materna existentes no país; entre outras importantes ações (CARNEIRO, 2003).

Ainda no âmbito da violência contra a mulher,

> Ao longo dos anos 1970 e início dos anos 1980, feministas desenvolveram a campanha Quem ama não mata, denunciando a elevada incidência de homicídios de mulheres perpetrados por seus maridos ou companheiros. Denunciaram também a utilização do argumento da legítima defesa da honra nos tribunais, com o qual assassinos confessos de suas esposas ou companheiras eram absolvidos ou recebiam sentenças irrisórias, revertendo a lógica da justiça, posto que a vítima se transformava em ré, isto é, em culpada de seu próprio assassinato (PITANGUY, 2019, p. 91).

Dessa forma, algumas conquistas que amparam hoje as mulheres são reflexos dessas primeiras lutas, algo que vai além do direito ao sufrágio: passa pela licença-maternidade; a criminalização do assédio sexual nas relações de trabalho; a equiparação de direitos jurídicos e de direito à posse de terra - no meio urbano e rural; Leis como do Feminicídio e Maria da Penha; e a legalização do aborto para casos de anencefalia (MOTA, 2017).

Entretanto, muito há de se conquistar, em todos os âmbitos que já foram cenário de luta, por exemplo: podemos votar, mas ainda somos minoria na representação política. De acordo com o IBGE e de informações obtidas na Agência Senado (2022), mais da metade da população brasileira (51,13%) é feminina, e elas representam, segundo Tribunal Superior Eleitoral, 53% do eleitorado. E, no entanto, ocupam hoje menos de 15% dos cargos eletivos.

Em relação à violência contra a mulher, uma pesquisa realizada a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre os dias 9 e 13 de janeiro de 2022, com participantes acima dos 16 anos em 126 cidades, em todas as regiões do país, apontou que um terço das mulheres brasileiras já sofreu algum episódio de violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida. Esse índice foi apurado pela primeira vez e é mais alto que o registrado globalmente (27%), em um levantamento feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021. Quando incluídas as violências psicológicas, o número de mulheres brasileiras que já sofreram episódios de violência sobe para 43%. A maior parte das ocorrências foi direcionada a mulheres negras, cuja prevalência de algum tipo de violência ao longo da vida ficou em 48%, diante de 33% da população em geral. Ainda no âmbito da violência, conforme o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU), o Brasil é ainda o país que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo pelo 13° ano consecutivo.

Já no quesito renda, um estudo divulgado pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Universidade de São Paulo (Made/USP), demonstra que é nítido que a pobreza tem um forte viés de gênero e raça no Brasil, com a população feminina negra, que representa o decil mais baixo da renda, sendo quatro vezes mais presentes do que homens brancos nesse grupo. Em contrapartida, as mulheres negras representam menos de 11% do décimo mais rico do país.

A representação breve dessas estatísticas acerca do espaço que ocupamos no Brasil contemporâneo nos faz questionar o quanto ainda precisamos avançar, a luta em torno da justiça social no país ganha contornos de um castigo de Sísifo.

Veremos no tópico seguinte um breve delineamento sobre os feminismos digitais, o que nos ajudará a pensar em como os movimentos feministas se articulam na contemporaneidade, dentro e fora da academia.

1.5 Feminismos Digitais

Por um longo período, o movimento feminista dependeu de que as mulheres se organizassem em espaços presencialmente, ainda que diversos, como os espaços de trabalho, da universidade, associações de bairro etc. Será a partir da década de 1990 que a cultura digital abrirá a possibilidade de que a comunicação ocorra de forma mais generalizada e pulverizada se tornando, ela mesma, objeto de uma nova epistemologia feminista, também conhecida como ciberfeminismo, movimento estético e político orientado pela popularização das tecnologias digitais que renovou o debate feminista, questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência, a tecnologia e a cultura eletrônica. Embora o ciberfeminismo tenha se alimentado de diversas fontes de inspiração artísticas como o ciberpunk, o Manifesto Ciborgue, de Donna Haraway (1995), é apontado como seu propulsor (MARTINEZ, 2019).

> Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de "experiência das mulheres". Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. Ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se

> de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (HARAWAY, 2019, p. 157-158).

Passa-se, então, a observar "um protofeminismo novo, *nerd* e *geek*, repaginado, especialmente atrativo para as mulheres mais jovens, crescidas no ambiente digital" (NATANSOHN, 2013, p. 28). Neste viés, seja readequando conceitos, refletindo sobre a epistemologia ou reivindicando velhas categorias a serem usadas em conjunto com as questões contemporâneas, os feminismos se capilarizam em diversos formatos e tendências, ampliando a participação de mulheres em todos os seus recortes e interseções (MARTINEZ, 2019).

Podemos apontar que "Ainda que a força das ruas não possa ser atribuída integralmente às redes sociais, a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas. Nunca as táticas e a militância foram tão potencializadas e produziram reações e alianças na escala que se vê hoje" (COSTA, 2018, p. 43). Mais adiante discutiremos até qual ponto essas novas articulações produziram mudanças efetivas nas lutas feministas. Mas é inegável que uma nova movimentação, deveras profunda se produziu com o advento da internet e das redes sociais digitais. A partir disso,

> Na atualidade, é possível que o sujeito feminista fale nas mídias digitais sobre problemas sociais como machismo, violência doméstica, assédio sexual, misoginia, etc. Nesse lugar, o sujeito pode falar desses temas com outros sujeitos, interagindo por meio de mensagens instantâneas ou fóruns, proliferando saberes. Consequentemente, a dispersão de saberes propicia práticas de subjetivação (o sujeito trabalha sobre si mesmo) ou, ainda, define formas de sujeição (o sujeito se sujeita a outro). Com isso, é possível mobilizar os sujeitos nas mídias digitais tanto para o debate quanto para outras ações, como por exemplo, a formação de comunidades, coletivos, páginas e, até mesmo, reuniões e protestos em espaços públicos. Exemplo disso é a Marcha das Vadias, movimento que se organiza em comunidades virtuais no Facebook, e que migram do virtual para as ruas (GONZAGA, 2018, p. 180).

Conforme aponta Ferreira (2015), na relação entre feminismos, tecnologia e internet esses grupos apostaram no potencial transformador dessa articulação, no que se refere à apropriação de novas tecnologias, a partir de seus processos mais horizontais de funcionamento, nos novos espaços a serem ocupados (como a internet), e na desconstrução de categorias pré-fixadas e unitárias nos estudos de gênero. A partir disso, no que diz respeito à interseccionalidade,

> Novas TICs mudaram o terreno da produção intelectual e da ação política para pessoas, Estados-nação, empresas e movimentos sociais. A mídia digital agora serve como plataforma vital para a comunicação sobre direitos humanos,

> justiça reprodutiva e iniciativas similares que são importantes para a interseccionalidade – e a própria interseccionalidade se tornou um tópico bastante debatido na internet. A mídia digital também forneceu espaço para a difusão de notícias falsas e interferência em eleições democráticas e está comprometida em alguns atos flagrantes de violência. O alcance crescente da mídia digital levanta questões importantes sobre o uso que a interseccionalidade faz e pode fazer dessas plataformas (COLLINS; BILGE, 2021. p. 122).

A conexão entre a interseccionalidade dos feminismos digitais (que emergem nos blogs e redes sociais digitais) e a interseccionalidade produzida na academia, funciona sinergicamente: há uma dupla incorporação do que se produz nesses espaços, o que movimenta tanto teoria, quanto práxis, resultando em novas formas de organização dos feminismos, em novos estudos que são produzidos, além de uma amplificação da divulgação dessas práticas.

A mídia digital e as plataformas como o Facebook, Twitter, Instagram e YouTube criam novos públicos feministas on-line e desempenham um papel importante na introdução do feminismo entre as novas gerações de meninas e adolescentes. Ainda há dúvidas sobre quem são as feministas digitais que têm acesso aos principais meios de comunicação social, e quem tem legitimidade para ter suas manifestações acolhidas. Em relação à interseccionalidade, dada à sua influência potencial no público feminista on-line, é importante entender como o conceito é adotado por intelectuais e ativistas que trabalham com e nas culturas digitais em todo o mundo, o que fazem com a interseccionalidade on-line e como isso molda o caminho pelo qual mulheres e meninas descobrem o feminismo (COLLINS; BILGE, 2021).

> O fato é que, no período de 2001 a 2010, houve um crescimento de 10% no contingente de brasileiras que se considera feminista, sendo as mulheres jovens (entre 15 e 34 anos) as que mais se declaram como tal (Sorj; Gomes, 2014). Nessa cronologia, o intervalo de 2011 a 2014 parece ser o período de agregação desse campo discursivo de ação em torno da internet no Brasil, coincidindo com a popularidade e o crescimento do Facebook entre os brasileiros. Dentro disso, a questão da autonomia sobre o próprio corpo emerge como pauta central na reflexão feminista cibernética, se articulando a marchas e protestos feministas[...] (SORJ; GOMES, 2014). (MARTINEZ, 2019, p. 10-11).

A nosso ver, os feminismos digitais também podem potencializar um “Feminismo de escolha” – termo cunhado por Linda Hirshman, que visa nomear e criticar a convicção difundida nos Estados Unidos de que o movimento das mulheres as libertou para tomar a decisão que quiserem Com medo de se envolver em política, o feminismo de escolha não contesta o *status quo*, celebra as mulheres não importando as escolhas que elas façam (ainda que isso prejudique outras mulheres). A partir disso, ao tornar tudo feminista, o feminismo de

escolha garante que nada mais é feminista, nada exige mudanças, nada exige sacrifício do interesse individual pelo bem coletivo. Outrossim, prioriza as necessidades e crenças de feministas brancas, baseado na escolha individual, porque desenvolver um coletivo e se engajar no processo político e contestar demandas não se encaixa em seus propósitos (ZAKARIA, 2021).

Nesse amplo contexto dos feminismos digitais, apresentaremos no tópico seguinte o blog "Escreva Lola Escreva", em vias de inserir como aparece nesse espaço virtual tanto as nuances de seu *corpus* digital, quanto as suas conexões com a academia. Além disso, visa iniciar o próprio feminismo(s) de sua autora, Lola Aronovich, algo que será retomado a partir de agora ao longo de todo o trabalho.

1.6 Feminismos no Escreva Lola Escreva e a feminista Lola

Dolores Aronovich Aguero, conhecida pelo apelido "Lola" nasceu em Buenos Aires e em 1967, aos quatro anos de idade, veio com a família viver no Brasil, sendo então naturalizada brasileira.

> [5]quando nasci em Buenos Aires, meus pais, argentinos, já haviam decidido que eu me chamaria Lola, por causa de um poema do Garcia Lorca chamado La Lola [...] Só que, segundo o que me contam, chegando lá no cartório disseram pra eles que Lola não podia, porque era nome espanhol (foi numa das ditaduras argentinas), e porque era apelido de Dolores [...] decidiram oficialmente me nomear Dolores e informalmente me chamar de Lola (ARONOVICH, 2008, on-line)

A fotografia abaixo (figura 1), visa trazer o rosto de quem será mencionada ao longo de todo esse trabalho por via do texto.

[5] A partir deste excerto escolhemos por destacar as citações extraídas do blog com uma formatação que facilite a visualização e diferenciação em relação às demais citações. Será neste caso, sempre utilizada a fonte Trebuchet MS (a mesma utilizada no blog) no tamanho 11.

Figura 1: Fotografia de Lola Aronovich

Disponível em: https://twitter.com/GenteCalma/status/1252049044974768128
Acesso em 18 jan. 2024.

Lola é mestre e doutora em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Literatura em Língua Inglesa da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mas para além dessa amostra que podemos encontrar em seu currículo lattes, Lola se autodefine da seguinte forma:

> Mas quem não conhece a história deve estar se perguntando: quem é você? Quem são eles? Então, começando por mim: sou uma mulher de meia idade, feminista, professora, blogueira, gorda, casada, hétero, de esquerda, adoradora de cães e gatos, cinéfila. Tudo isso me define, mas nada disso isoladamente me define. Por exemplo, ser gorda faz parte da minha identidade (sou gorda desde a puberdade), mas sou muito mais que uma mulher gorda. Quando grupos organizados se focam em um só aspecto de quem eu sou, tentam me reduzir a apenas isso. E pode acreditar: sou atacada por cada um dos itens da descrição que mencionei. E muitos outros (ARONOVICH, 2021, p. 63).

Em relação à sua identidade racial, Lola diz que se considera “mais ou menos branca”, conforme destacado nos trechos da postagem abaixo, escrita após forte discussão no Twitter desencadeada por um tweet em que ela diz o seguinte “Tô tão feliz! Hj, num seminário na UFC, fui identificada pela moderadora da mesa como mulher negra. Preciso escrever sobre isso” (ARONOVICH, 2015, on-line).

Conversamos um pouco, e eu disse que não me via como negra, mas também não me via como branca. E que já fazia tempo que eu queria escrever sobre essa minha identidade. [...] Toda a minha vida, eu me identifiquei como branca. E, pelo que sei, fui identificada como branca também[...] Em primeiro lugar, eu também havia

> comprado aquela ideia de que na Argentina não havia negros. E não é verdade. [...] Segundo que, com o blog, eu me tornei uma pessoa mais pública, mais ou menos conhecida dentro do mundinho na internet. E vi que montes de pessoas cismavam com meu cabelo. Pra elas, eu não ter cabelo liso era sinônimo de desleixo, feiura e falta de higiene. Dezenas de vezes me mandaram alisar e pentear o cabelo (como se, poder ser cacheado, estivesse despenteado) [...] Daí passei a perceber que muitos dos meus inimigos não me identificavam como branca [...] Num fórum mascu que também é neonazista, eu sou às vezes chamada de macaca, e sempre de parda. E desde que comecei a palestrar (sobre gênero), tenho percebido minha relutância em me ver como branca. Aliás, até antes. Em várias crônicas de cinema, se eu tenho que falar da minha cor, está sempre lá: "mais ou menos branca". Nas palestras, eu uso o exemplo da raça pra dizer por que os homens não podem ser protagonistas no feminismo: "Seria como se eu, que sou mais ou menos branca, quisesse liderar o movimento negro". Eu não conseguia dizer "sou branca". Sempre saía assim, "mais ou menos branca". [...]Talvez um dia, quando ninguém estiver olhando (no Censo do IBGE, por exemplo, ou quando eu não tiver mais blog), eu seja realmente audaz e me diga mais ou menos preta. (ARONIVCH, 2017, on-line).

Um ponto interessante de se ressaltar é que quando Lola relata alguma leitura enegrecedora de outrem a seu respeito, é com propósito de atacá-la. Ainda, nos entrecruzamentos de raça e gênero

> Podemos, então, pensar que, em uma sociedade como a brasileira, na qual a ideologia racista e sexista perpassa todos os campos, exigindo das mulheres flexibilidade e adequação aos padrões estéticos da branquitude, como cabelos lisos e traços afinados, ser branca pode aparecer como um valor mais desejado para as mulheres, já que, de antemão, na hierarquia de gênero, estas são mais vulneráveis (SCHUCMAN, 2020).

Todavia, pensamos ser importante destacar que a passabilidade de Lola se considerar "mais ou menos branca", aparece em nossas análises, pois percebemos que a centralidade dos ataques à Lola está no fato desta ser mulher, feminista e gorda e não por ser vista frequentemente como negra.

Em relação ao feminismo, Aronovich demonstra em alguns textos do blog e em entrevistas, que esse esteve presente em sua vida desde o período da infância, quando aos 8 anos já escrevia em seus diários e cadernos sobre "o poder das mulheres" e aos 13 sobre "feminismo x machismo":

> "O poder das mulheres

> Era uma vez que as mulheres eram escravas. Agora não, agora, as mulheres são capazes de fazer tudo que os homens podem fazer.”
> Felizmente, com treze anos eu já havia melhorado minha gramática e meu feminismo:
> “Agora, um assunto bem sério, Feminismo x Machismo
> Sim, eu sou feminista e digo isso com muito orgulho. Por que algumas pessoas (mulheres, principalmente) quando ouvem alguém falando de feminismo, começam à rir e deixam tudo por isso mesmo. A vida inteira é uma guerra, um desafio, mas eu acho que as maiores guerras são: a pobreza e o machismo. Até as pobres crianças, influenciadas pelos pais, são machistas. Eu acho que a culpa é mais das mulheres do que dos homens. Se as mulheres tivessem feito alguma coisa antes, desde a epóca de Adão e Eva, o machismo não existiria mais. Mas a maior culpada é, sem dúvida, a nossa sociedade. Você realmente acredita em Adão e Eva? No 'Deus' que fez primeiro o homem e depois a mulher? E Eva ainda foi a culpada pela expulção do Paraíso. Isso é um absurdo, entre outras coisas. O homem pode adiar o casamento se sua noiva não ser virgem. Mas, e o homem? Porque só os padres podem dar missas? E as freiras? Eu acho que noventa e nove vírgula nove das coisas que nós dizemos e fazemos são machistas. Até 'primeiro as damas' é machista. Também acho que a mulher é bem mais forte do que o homem, fisicamente e mentalmente. Só que a mulher não está acostumada a usar a sua força. Uma professora amiga minha, já me disse: 'É claro que as mulheres estão ganhando muito com isso, mas também estão perdendo muito. Eu trabalho muito como professora e quando chego em casa tenho que lavar pratos e fazer a limpeza da casa.' E daí? A culpa é de quem? A culpa é da professora. Ela deveria exigir ajuda do marido. [...] Sabe, eu sou um pouquinho comunista. Álias, todas as feministas são um pouco comunistas. Afinal, nós não queremos 'direitos iguais'? Mas não se preocupem. Eu vou ser uma revolucionária. Contra a pobreza e o machismo. Só esperem um pouquinho. 'Independência das mulheres ou morte'! (ARONOVICH, 2008).

Ao longo de sua trajetória, Lola reafirma que não se atém a uma única vertente feminista, assim, não existe em seu blog textos por ela escritos e que se destinam a elucidar um posicionamento. Sobre sua posição escreve assim: “O feminismo é plural, e eu acho que só dando muita sorte pra encontrar duas feministas que pensem exatamente igual sobre todos os assuntos” (ARONOVICH, 2011, on-line). Este posicionamento de Lola, ao destacar uma pluralidade vai ao encontro de outras autoras feministas, como Angela Davis.

> Gosto bastante de falar sobre o feminismo não como algo que adere aos corpos, não como algo enraizado em corpos marcados pelo gênero, mas como uma abordagem – como uma forma de interpretação conceitual, como uma metodologia, como um guia para estratégias de luta. Isso significa que o feminismo não pertence a ninguém em particular. O feminismo não é um fenômeno unitário, de modo que há cada vez mais homens envolvidos nos estudos feministas, por exemplo (DAVIS, 2018, p. 40).

Em entrevista realizada no IHU on-line, Lola, ao ser questionada sobre quais autoras são determinantes para se discutir gênero, demostra como percorre estas diferentes vertentes analíticas e de militância, passando pelo feminismo liberal, de influência marxista e pós-modernos.

> [...] Adoro autoras mais antigas que continuam relevantes, como Susan Faludi e Naomi Wolf. bell hooks [pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escrito em letras minúsculas], que prega um feminismo para todos e define o movimento como uma luta contra todas as opressões, incluindo as raciais e econômicas. Elisabeth Badinter ainda faz um bom debate sobre o mito do amor materno. Beatriz Preciado, por fazer provocações interessantes, Julia Serano, e também Berenice Bento, por serem referências no transfeminismo. Joan Scott e Donna Haraway, que pergunta como seria viver num mundo pós-gênero. Guacira Lopes Louro, por tratar de gênero na educação. Heleieth Saffioti e seu feminismo marxista. Sueli Carneiro, que foca no feminismo negro. Kimberlé Crenshaw e seu pioneirismo em relação à interseccionalidade. Jovens autoras negras, como Djamila Ribeiro, Roxane Gay, Chimamanda Ngozi Adichie, e tenho certeza que esqueci de um monte de gente (ARONOVICH, 2017, on-line).

Essa interlocução de Lola possibilita aos seus leitores o acesso a diferentes interpretações sobre as produções feministas. Ora retomando textos clássicos, para reafirmar pontos que os mantem atuais, ora apresentando novas possibilidades de leitura frente às concepções de gênero e feminismo. Isso pode ser observado na retomada da obra, "Mística Feminina", de Betty Friedan, referência de um feminismo liberal norte-americano, que demonstrava o crescente número de mulheres destinadas apenas às atividades domésticas de suas residências, sem participação nas atividades intelectuais e no mercado de trabalho.

> A década de 50 vivenciou um enorme backlash, um retrocesso conservador em inúmeros sentidos. Foi a única vez no século 20 que o número de mulheres com curso superior despencou. Isso porque até a educação passou a ser vista como algo supérfluo pro sexo feminino. As mulheres que iam pra faculdade só iam pra arranjar marido. Os cursos "pra mulheres" não eram levados a sério. Havia matérias como culinária na faculdade, porque a única ambição da mulher era ser mãe e dona de casa. E, ainda assim, mesmo conseguindo "tudo" que queriam, elas não estavam felizes.
> Mística é um livro fascinante de mais de 400 páginas, cheio de exemplos e estatísticas, e dói que tanta gente fale mal dele sem

> nunca ter chegado perto. Dá pra lê-lo de graça, em português, aqui. É um excelente retrato da situação da mulher na década de 50. Ou pelo menos da mulher americana branca de classe média. E é um grande chega pra lá nas almas que apregoam besteiras como “a gente era feliz e não sabia”. Não éramos felizes, e sabíamos (ARONOVICH, 2009).

Conforme apontado por Lola, o trabalho de Friedan representava uma vivência das mulheres brancas, já que em 1950, nos EUA, “cerca de 90% das mulheres negras eram trabalhadoras domésticas” (DAVIS, 2018, p. 70). Ou seja, já estavam inseridas há muito no mercado de trabalho, ocupando as posições mais subalternas. Essa articulação com raça se mostra extremamente importante nos feminismos, seja na análise de elementos da contemporaneidade, seja revistando escritos “clássicos”.

Esse feminismo levantado por Lola não exclui, por exemplo, a figura do homem, discussão também presente em autoras como Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, bell hooks, entre outras: “No mais íntimo do meu ser, sabia que nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, pessoas femininas e masculinas, mulheres e homens, meninas e meninos, a se aproximar do feminismo (HOOKS, 2018, p. 10).

> Minha posição sobre o assunto não mudou nesses 6,5 anos de blog: sim, homens podem ser feministas. Aliás, eu quero mais é que sejam. Eu quero que todo mundo se assuma feminista, ué. Eu não segrego, eu não excluo. Mesmo que minha definição de feminismo tenha se alterado um pouquinho -- antes eu achava que era só ser "a favor de direitos iguais", hoje eu acho que é uma luta contra todas as opressões, principalmente contra a opressão do machismo --, eu sempre achei que feminismo é pra todo mundo[...]
> Pra mim, o feminismo deve ser inclusivo. Não é pra um grupinho seleto que leu as "bíblias" do feminismo (livros sagrados que variam bastante, de acordo com cada corrente). Não é um clubinho fechado. Não é apenas pra quem milita. É pra todo mundo. E como esse "todo mundo" poderia querer excluir homens? [...]
> Em toda palestra que eu vou tem homem. E em todas eles parecem ouvir atentamente, ávidos para aprender. Em muitas eles perguntam o que eu acho dos homens no feminismo. Minha resposta é sempre a mesma: eu acho ótimo. Vengan! Só não creio que homens devem ser protagonistas [...]
> Pra mim, me dizer feminista me basta. Não preciso, nem quero, me enquadrar em nenhuma corrente feminista específica. Tenho discordâncias e concordâncias com todas as correntes que conheço, e até dentro de correntes específicas há bastante pluralidade [...] (ARONOVICH, 2014a).

No que concerne às alianças na luta feminista, “Uma identidade transformada pode ser transformadora e duradoura. Uma vez que as pessoas mudam no nível individual por meio da conscientização política, também se tornam atores da mudança coletiva” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 210). E quando essa coletividade começa a ganhar corpo, mais facilmente mudanças efetivas passam a ocorrer.

> MEU FEMINISMO NÃO É PRA MIM
> Meu feminismo sempre acreditou que é possível melhorar a vida de todos, homens e mulheres. Mesmo que a minha não tenha muito que melhorar.
> Até porque se fosse lutar pra melhorar apenas a minha vida, eu não teria por que lutar. E é bem provável que, se eu não acreditasse que o feminismo fosse benéfico pra todo mundo (não só pras mulheres), eu não seria feminista. Feliz Dia Internacional da Mulher (ARONOVICH, 2013).

Um ponto comum apresentado nas postagens de Lola se refere à tentativa de uma educação, em seu sentido mais amplo, que permeie ações que combatam as construções sociais que se baseiam nas diferenças de gênero como justificativa para comportamentos opressores. Nesse sentido, conforme aponta Daniela Auad, quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, conseguimos perceber que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder, que vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas. Tais características são, na verdade, construídas, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente (AUAD, 2006). Discussão que aparece no excerto da postagem a seguir.

> Adoro um estudo que registra as reações de pessoas a bebês, ou melhor, ao mesmo bebê. Como a gente sabe, meninas bebês são muito parecidas a meninos bebês se não estiverem usando algo que as diferenciem (brinco na orelha, laço no cabelo, roupinha rosa). E como a gente também sabe, as pessoas costumam ficar muito ansiosas se não sabem o sexo do bebê. Elas precisam de algum código, como o nome do bebê (masculino ou feminino), para saber como agir com ele. Então tem mais de um estudo que mostra pessoas expostas ao mesmo bebê e vê como elas se referem a ele. Se são avisadas que o bebê é menino, elas dirão que ele é forte, grande, corajoso, teimoso, viril, másculo, pegador, vai dar trabalho quando crescer, hein?

> Se são avisadas que o bebê é menina, dirão que ela é linda, fofa, pequena, quietinha, doce, uma princesa. Detalhe: é o mesmo bebê! Esses estereótipos atribuídos a cada gênero não têm nada de natural e se perpetuam por toda a vida. Somos ensinadas que somos sexos opostos, que existem coisas de menina e coisas de menino, que não podemos ser tudo que quisermos ser. É uma camisa de força para todos. E quem sai perdendo é a sociedade, que limita seus indivíduos baseados em noções retrógradas.
> "Ideologia de gênero", se existe, é exatamente isso: ditar o que meninas e meninos podem e não podem fazer, podem e não podem ser, como têm que agir, as oportunidades que terão na vida. Ou seja, é o que já vivemos (ARONOVICH, 2017).

A partir do excerto acima, podemos sublinhar que

> assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, "o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais", por meio do desdobramento de "uma complexa tecnologia política" (LAURETIS, 1987, p. 231).

Percebemos assim, que ao longo das postagens e dos comentários, Aronovich, retoma outras questões iniciais discutidas na teoria feminista, como a falsa assertiva de que o feminismo seria correspondente ao machismo, situados em uma mesma esfera de opressão.

> lola aronovich disse...
> Gata de Tiara, não, machismo e feminismo não são opostos. Machismo é um preconceito e faz parte do senso comum. Feminismo é uma luta contra esse preconceito. Nem sempre machismo quer mostrar a superioridade dos homens. Às vezes quer só ditar qual o papel do homem e da mulher na sociedade. Feminismo não é achar que mulher é superior ao homem. O movimento luta por igualdade de direitos, não por superioridade. Não tem nada de guerra dos sexos. O feminismo não quer nada de mau pro homem. Pelo contrário, quer que ele tenha também liberdade de escolha para poder sair de um modelo pré-concebido (e falido) de masculinidade. Assim como quer romper com um conceito ultrapassado de femininidade. Ser a favor de direitos iguais é justamente o que quer uma feminista. Por que ela não deveria se dizer feminista, se o feminismo é justamente isso? Vc não acha que está se baseando numa definição do feminismo que não é a correta? Lutar pelos direitos das mulheres não impede que outras pessoas (e as próprias feministas) lutem pelos direitos de outras minorias. Todos merecem direitos iguais. Mas o foco das feministas é pelos direitos das mulheres, ué. O discurso de "vamos lutar pelos direitos de todo mundo" não funciona porque, lamentavelmente, nesse "todo mundo" as minorias sempre acabam sendo esquecidas

> (ARONOVICH, COMENTÁRIO EM POSTAGEM 31 DE MARÇO DE 2011 21:54).

Além disso, alguns temas, como o aborto, recorrente nas discussões feministas, aparecem nas postagens blog. Conforme afirma Scavone (2008), o aborto, como questão de direito individual remete ao princípio democrático liberal do direito aplicado ao corpo, baseado nas ideias de autonomia e liberdade do liberalismo, o que se expressa na comum frase “nosso corpo nos pertence”, que se difundiu internacionalmente a partir dos países centrais e marcou as lutas feministas relacionadas à sexualidade, à contracepção e ao aborto.

> Pesquisas atuais indicam que o perfil da brasileira que aborta não é exatamente o que associamos a feministas. A mulher que aborta (e são muitas as que já abortaram, provavelmente uma em cada sete brasileiras entre 18 e 39 anos) é geralmente casada, já tem filhos, e é cristã. Há grandes chances que você conheça e conviva com mulheres que já abortaram.
> A razão da legalização do aborto ser uma das muitas pautas feministas (longe de ser a única) é bastante óbvia: o aborto clandestino é uma das maiores causas de mortalidade materna, e feministas defendem mulheres. Além disso, é uma exigência feminista que o corpo das mulheres seja visto como pertencente às mulheres, não como propriedade dos homens. Até hoje mulheres são tidas como receptáculos de bebês, e os "pró-vida" não escondem que, entre optar por um feto e por uma mulher já nascida, priorizam sempre o feto (ARONOVICH, 2014).

O aborto, além de ser desmistificado e apresentado no blog a partir de estatísticas e como questão de saúde pública, também aparece nos *Guest Posts*, em que mulheres apresentam relatos de sua realização, compartilhando as violências vividas neste processo, o que aproxima outras leitoras, que muitas vezes não encontram outros espaços para abordar este tema, visto que ainda é um tabu para a maioria da população, conforme indica o relato abaixo, de uma leitora do blog.

> Na nossa casa o diálogo sempre foi aberto, exceto sobre um tema: sexo! Quando eu tinha entre meus 6 ou 7 anos, minha mãe teve "a conversa", me explicando de onde nascem os bebês, e depois nunca mais tocamos nesse assunto. Todo o resto eu fui aprendendo na escola, na TV, ou depois de mais velha, na prática. Era como se esse tema não existisse. E agíamos sempre como se sexo fosse algo que não existisse. Eu entendia o recado, e pensava em sexo como algo

> promíscuo, em algo em que eu não deveria nem pensar, nem falar, e muito menos fazer. [...]
> Pois bem, aos 16 anos eu comecei a namorar o meu melhor amigo da escola. Ele também era um rapaz muito correto, da minha idade, com ótimas notas, religioso, educado, boa família... No início minha mãe achou engraçadinho, e o tratava muito bem (meu pai sempre teve "ciúmes", mas também sempre tratou meu namoradinho muito bem). Nos víamos na escola, e fim de semana sempre estudávamos juntos (estávamos nos preparando para um vestibular muito difícil), ou íamos ao cinema.
> Depois de alguns meses, meus pais começaram cada vez mais a "dificultar" nossos passeios, pois começaram a perceber que o namoro estava ficando sério, e o risco de que começássemos a pensar em sexo aumentava.
> Obviamente não usávamos nenhum método contraceptivo: primeiro, porque eu não tinha dinheiro pra comprar nada. Eu era adolescente, não trabalhava, e meu pai me dava dinheiro pro cinema, lanche da escola e só. Segundo, porque mesmo se eu arranjasse dinheiro, eu morreria de medo de guardar camisinhas ou caixa de anticoncepcional em casa (se minha mãe encontrasse, saberia que estávamos fazendo sexo, e nem sei o que aconteceria). [...]
> Mas, aos 17, engravidei.[...] os pais dele acabaram descobrindo sobre a gravidez. [...] me obrigaram a fazer o aborto! E nem tiveram a preocupação de me levar em uma clínica ou algo assim: o pai dele conseguiu os comprimidos de Cytotec e me mandou usar (engolir 2 e colocar 2 na vagina). No dia seguinte nada ainda tinha acontecido, e ele comprou mais e me mandou repetir a dose. [...]
> Cheguei na casa de praia, e no meio da noite acordei com cólicas fortes, e havia começado um sangramento intenso. Eu não tinha a menor ideia do que esperar. Me disseram que iria sair sangue, como uma menstruação normal, e depois sairia uma bolinha, que talvez eu nem visse. O que saiu foi um feto do tamanho da palma da minha mão, totalmente formado, e ficou pendurado em mim pelo cordão umbilical.
> Hoje imagino que eu deveria estar com 3 ou quase 4 meses de gestação. Eu cortei o cordão com as mãos, e depois de um tempo senti outra coisa saindo (hoje eu sei que era a placenta; naquela época eu nem sabia que isso existia) (GUEST POST, 4 de dezembro de 2017).

Nesse momento, não focamos em uma análise pormenorizada dos escritos de Lola, seja no blog, em entrevistas, artigos e capítulos de livros. Desejamos a introdução de um primeiro enquadramento de Lola, focando em como a mesma se define, em como situa a sua atuação feminista, além de começar a inserção dos tópicos que irão aparecer no blog (que é reconhecido como um blog feminista). Na seção seguinte, pretendemos expor de forma mais detalhada as especificidades desse formato virtual, e discutir seus limites e potencialidades.

SEÇÃO 2. APROFUNDANDO AS DISCUSSÕES ACERCA DA INTERNET

Na seção anterior, inserimos as discussões acerca dos feminismos que compõem o corpo teórico e metodológico do trabalho e que retornam a todo momento dando suporte para a análise empreendida na presente tese. Finalizamos com a apresentação dos feminismos digitais, seguido de um perfil inicial da feminista Lola Aronovich e dos feminismos que aparecem no blog "Escreva Lola Escreva". A continuidade proposta nesta seção 2, visa ampliar o debate acerca do ambiente virtual.

Soa estranho uma pesquisa que se finaliza no ano de 2023 ter como foco de análise as discussões que permeiam um blog, formato popularizado em décadas anteriores e que para muitos, já caiu em desuso, sendo gradualmente substituído por outras redes sociais digitais. Ao longo da presente seção, pretendemos demonstrar o porquê incluir em nosso trabalho a escolha do blog e ainda demonstrar as conexões que se dão com o Twitter, no caso do "Escreva Lola Escreva". Por fim, intentamos expor como na atual sociedade da informação, novas formas de controle dos sujeitos são criadas e/ou potencializadas.

2.1 Surgimento e caracterização dos blogs no âmbito da Web 2.0

O objetivo desta presente subseção é de inserir algumas características centrais que nos ajudam a compreender a especificidade dos blogs (incluindo o "Escreva Lola Escreva") e como seu surgimento trouxe novas nuances para a comunicação mediada via internet e por dispositivos digitais.

Iniciamos com um ponto importante para alavancar a popularização do computador pessoal e do acesso à internet: a passagem do paradigma da Web[6] 1.0 para a 2.0[7] a partir dos anos 2000. Segundo Trein e Schlemmer (2009), a Web 1.0 teria como característica principal a disponibilização da informação em formato textual, que poderia ser acessada por qualquer pessoa com conexão à internet. Já a Web 2.0 incorpora uma nova forma de perceber a rede mundial de computadores, visto que potencializa a interação e colaboração dos usuários. É

[6] "A World Wide Web – WWW (rede de alcance mundial), ou simplesmente Web como é mais conhecida, é um sistema de páginas interligadas disponíveis na internet. Esta rede foi idealizada por Tim Berners no Organization for Nuclear Research – CERN e criada em 1989. Ela é posterior a ideia de hipertexto, que surge na década de 60 com Ted Nelson" (TREIN; SCHLEMMER, 2009, p. 4).

neste momento que temos o surgimento da Wikipédia, além do Google, que com uma interface simples e englobando diferentes serviços estabeleceu uma nova forma de conectividade, visando angariar o máximo de usuários, e consequentemente, potencializando os lucros obtidos.

Assim, se observa uma passagem das páginas estáticas e com conteúdos raramente renovados, para, aos poucos, sites dinâmicos e constantemente atualizados. Ao invés de serem lugares para se visitar, as páginas da web tornaram-se plataformas de interação, espaços abertos que permitem a qualquer um consumir e produzir conteúdo (ZAGO, 2010).

> Enquanto aquela primeira geração de empresas on-line procurava vender coisas, a versão 2.0 foi considerada diferente por confiar nos usuários como 'co-desenvolvedores' das mais diversas iniciativas comerciais.
> Assim, assumindo uma sagacidade muito mais afinada com as novas táticas de capitalização da vida alheia, a meta passou a ser outra: 'ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação', segundo uma das tantas definições oficiais, 'equilibrando a grande demanda com o autosserviço'. A peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com a nova dinâmica do *mostre-se como for*, embora ainda encontre suas manifestações mais extremas na própria internet, vem transbordando as suas fronteiras cada vez mais voláteis para impregnar muitas outras zonas da vida atual. A tendência tem contagiado os meios de comunicação mais tradicionais, por exemplo, enchendo incontáveis páginas de revistas, livros e jornais – que, por sua vez, são cada vez mais lidos na própria rede -, além de invadir as clássicas telas do cinema e da televisão. Por toda parte, então, os usuários, leitores ou espectadores são convocados a participar, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado 'proativo' (SIBILIA, 2016, p. 23).

É nesse contexto da Web 2.0 que emergem os blogs, que "Baseados, principalmente, em mecanismos de fácil atualização de websites em HTML" (RECUERO, 2003, p. 01), difundiram-se, essencialmente, a partir dos anos 2000. Segundo Blood (2000), "O termo "weblog" foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1997, para referir-se a um conjunto de sites que 'colecionavam' e divulgavam links interessantes na web como o seu Robot Wisdom" (BLOOD, 2000, apud AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 28). Já o blog mais antigo ainda na ativa é o *Scripting News*, de Dave Winer – no ar desde abril de 1997, antes mesmo de weblogs serem assim denominados (ZAGO, 2010).

Algumas características podem ser apontadas na caracterização dos blogs, a saber: "A mais nova atualização vai sempre no topo do website, com data e hora. As atualizações são feitas em pequenas porções, chamados posts" (RECUERO, 2003, p. 03). Ainda, "Weblogs são totalmente hipertextuais e geralmente possuem vários links no decorrer do texto" (RECUERO, 2003, p. 08).

Outro ponto essencial no que concerne à interação entre autores e leitores dos blogs foi a possibilidade de se estabelecer trocas a partir dos comentários, função que aparece, majoritariamente[8], ao final das postagens e que permite o envio de mensagens assinadas por nome, e-mail ou mesmo anônimas.

Recuero (2010) aponta algumas características concernentes aos blogs que facilitaram a sua popularização, visto que, "Weblogs são modos simples de compartilhar ideias. Os atores percebem que podem, assim, utilizar o blog para "publicar-se", ou seja, para criar uma presença pessoal na Internet" (RECUERO, 2010, p. 08). E ainda, é um espaço "de expressão dos sentimentos, que poderia ser percebido como outra forma de constituição da personalização. Blogs, assim, não são apenas ferramentas caracterizadas pelo seu produto: são formas de publicação apropriadas pelos seus usuários como formas de expressão" (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 34).

Pensando em seu viés comunicacional, algumas definições acerca dos blogs são fornecidas por Amaral, Recuero e Montardo (2009). Elas iniciam retomando a conceituação de Marlow (2004), que "considera weblogs uma mídia que difere das demais pelo seu caráter social, expresso através do seu caráter conversacional tanto dos textos publicados quanto pelas ferramentas anexadas e que hoje são características dos sistemas, como os comentários" (AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009, p. 30-1).

Uma outra definição conceitual sobre os blogs tende a compreendê-los como artefatos culturais. Para Shah (2005), "Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de ideias." (SHAH, 2005, apud AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009, p. 31). Sendo que os blogs, "se observados enquanto artefatos culturais, podem revelar diferentes ideias de por que as pessoas blogam e quais são os motivos do meio – ciberespaço – que eles herdaram" (SHAH, 2005, apud AMARAL, RECUERO, MONTARDO, p. 32, 2009).

Pensando na tipologia dos conteúdos veiculados nos blogs, Aquino (2009, p. 244-5), retoma a categorização feita por Recuero (2003), e apresenta cinco vertentes de blogs, a saber: Weblogs diários, voltados para elementos da vida pessoal do autor; Weblogs publicações, que trazem posts de modo opinativo, visando o debate e o comentário; Weblogs literários, direcionados para a escrita ficcional, de crônicas, poesias etc; Weblogs clippings, que apresentam links e recortes de outras publicações; Weblogs mistos, nos quais coexistem posts pessoais e informativos.

[8] O autor do blog pode optar por desativar a função comentários, ou ainda, moderá-los, controlando as informações que serão disponibilizadas aos seus leitores.

Entretanto, Primo (2010) identifica 16 gêneros de blogs que derivam de 4 vertentes principais, nas quais apenas uma se motiva pelo cunho pessoal. A primeira tipologia apresentada refere-se ao blog de teor profissional. Assim, "O autor, ao assinar os posts como um especialista, reconhece que a credibilidade de seus textos reflete a reputação construída no tempo, em virtude do sucesso de suas ações como profissional. " (PRIMO, 2010, p. 131). Percebe-se, ainda, a monetização como fator que predomina nesta categoria, que se divide em: profissional autorreflexivo; profissional informativo interno; profissional informativo; e profissional reflexivo.

A outra dimensão definida por Primo (2010) é a do blog pessoal, que se apresentaria em quatro subtipos: pessoal autorreflexivo; pessoal informativo interno; pessoal informativo; e pessoal reflexivo, e que de modo geral pode ser assim entendido:

> Trata-se de uma produção individual, mas que se diferencia dos blogs profissionais por não ser guiada por objetivos e estratégias bem definidos e em consonância com o trabalho do autor. Pelo contrário, as principais motivações que movem o blogueiro são o prazer de expressar-se e interagir com os outros (PRIMO, 2010, p. 135-6).

Para tencionar as produções de blogs coletivos, Primo (2010) classifica-os como grupais, sendo "aqueles produzidos por pelo menos duas pessoas. O foco se volta para temas de interesse do grupo. A publicação dos posts pode tanto ser individual, e cada participante escreve seus textos em separado, quanto assinada por todos os participantes" (PRIMO, 2010, p. 138). Nesta categoria, não há necessidade de uma coesão das postagens, podendo ocorrer divergências de opiniões entre aqueles que assinam os posts. A subdivisão também ocorre a partir de quatro subtipos, sendo eles: grupal autorreflexivo; grupal informativo interno; grupal informativo e grupal reflexivo.

Como exemplo de blogs grupais, elencamos o *Blogueiras negras*[9], que surge em 2012 e permanece sendo atualizado mais de uma década depois, já tendo sido tema de estudo de diversos trabalhos na academia, como os de Malta e Oliveira (2016), Silva (2019), entre outros.

Por fim, ainda na modalidade de blogs coletivos, Primo (2010) ressalta a categoria do blog organizacional, "aqueles cujos posts e interações são sobredeterminados pela formalização das relações e sistematização das forças de trabalho em busca de objetivos que delimitam e direcionam a atuação de cada participante do processo" (PRIMO, 2010, p. 138). Também são

[9] Disponível em: https://blogueirasnegras.org/. Acesso em: 18 jul. 2023.

cunhadas quatro divisões, a de blog organizacional autorreflexivo; organizacional informativo interno; organizacional informativo; organizacional reflexivo.

No tocante à sua perspectiva temporal, os blogs se constituem na simultaneidade entre o que é escrito e o que é veiculado na rede. As marcações do dia e hora exata, indicadas de modo automático no site, denotam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Assim, ao mesmo tempo em que o texto do blog se eterniza pela materialização dos suportes (da escrita, da internet), ele é também fugaz, visto que pode ser rapidamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação (KOMESU, 2004).

Entretanto, torna-se cada vez mais difícil a eliminação daquilo que é postado on-line, visto que existe a possibilidade de um compartilhamento massivo (costuma-se dizer que o conteúdo *viralizou*[10]) além da utilização das gravações de tela, como a função *Print Screen*[11]. Assim, "na internet, a possibilidade de apagar os posts é uma ilusão, já que quase sempre eles já foram copiados e replicados por outros, levando à impossibilidade do esquecimento" (BRUM, 2015).

Esta facilidade em se espalhar, e ao mesmo tempo de abrir possibilidade para posterior atualização[12], que algumas vezes ocorre instantes após a sua publicação, difere da escrita produzida nesse suporte de outras mais convencionais, como livros, artigos em jornais etc.

A utilização dos computadores e smartphones, funcionando como novo espaço de inserção de texto, operam também uma transformação profunda em uma área que ao longo dos últimos séculos se tornou central na experiência cotidiana: a da escrita e leitura, produzindo uma alteração dos hábitos estabelecidos anteriormente. Nesse contexto, emerge uma terceira revolução da escrita, que segundo Chartier (2003), é a transformação mais radical de todas, porque a tela como suporte textual mudou radicalmente a forma de lermos e fez surgir escritores e leitores também radicalmente diferentes dos anteriores, possibilitando inclusive o inédito contato de uns com os outros no mesmo suporte textual, podendo atingir dimensões planetárias com a utilização da internet, visto que qualquer pessoa que disponha de um computador e tenha acesso à internet passa a poder publicar qualquer tipo de texto sem restrições e sem interferências de tipógrafos, impressores, corretores ou editores. Na tela conectada à internet, o

[10] "Viral é um termo que surgiu junto com o crescimento do número de usuários de blogs e redes sociais na internet. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam sendo divulgados por muitas pessoas e ganham repercussão (muitas vezes inesperada) na web. O termo é relacionado a palavra vírus (de computador ou doença), já que as pessoas chegam a compartilhar o conteúdo viral quase que inconscientemente". Disponível em: EBC | Saiba o que significa "viral na internet". Acesso em: 01 fev. 2022.

[11] A tecla Print Screen está presente na maioria dos teclados de computador ou funciona por meio de atalho de teclas no celular e permite a captura da imagem de uma tela para que possa ser colada em um documento ou mensagem.

[12] O termo em inglês UPDATE é muito utilizado para esta função, mesmo em sites e blogs de origem brasileira.

escritor se tornou livre para desenvolver todo o processo de confecção e de divulgação de um texto, além de permitir o deslocamento da leitura para outros textos (via links), proporcionando diálogo com os leitores e com outros autores (LUCCIO, NICOLACIDA-COSTA, 2010).

A partir destas novas possibilidades de interação virtual, viu-se nos anos 2000 uma grande popularização dos blogs na rede, sendo que *weblog* foi eleita a palavra do ano pelo *Merriam-Webster`s Dictionnary*, em 2004, com a compra do Blogger pelo Google no mesmo ano (AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009, p. 28-9).

> De acordo com estatísticas do Technorati, no começo do mês de abril de 2007, o número estimado de blogs no mundo atingia a marca de 170 milhões. A cada dia são gerados 120 mil novos blogs: 1.4 por segundo, em média. E, quanto ao número de textos que diariamente são publicados nos blogs, o Technorati estimou uma média diária de 1.5 milhões por dia: 17 comentários ou posts por segundo [...]. Outro levantamento, realizado pela Intel, mostra que, dos 170 milhões de blogueiros do mundo, 5,9 milhões são brasileiros (ROSA; ISLAS, 2009, p. 167).

Esta estatística acima destacada tem como intuito apresentar a efervescência dos blogs no cenário virtual da primeira década dos anos 2000. Ao longo das décadas seguintes, as redes sociais passaram a absorver um grande contingente de internautas que utilizavam os blogs como meio de publicar-se e de buscar informação. Segundo levantamento divulgado em 2017 pela empresa *BigDataCorp*, que realizou o monitoramento semanal de mais de 20 milhões de sites brasileiros (dos quais 10 milhões estão ativos) chegou-se ao resultado que cerca de 5.5 milhões eram blogs, o que ainda correspondia a mais da metade dos sites atualizados e mantidos no país.

Nessa trama composta por um avolumado número de blogs no ambiente virtual, a influência dos algoritmos passa a ser muito relevante para o destaque do blog em meio à multidão, pois não basta um post ser bem escrito, ele precisa ser facilmente encontrado nos mecanismos de busca. Neste cenário entram em cena as técnicas de otimização (*search engine optimization* – SEO), que englobam aspectos linguísticos (otimização do conteúdo) e estruturais (otimização do código e estrutura). A partir disso, para que o *post* de um blog seja bem avaliado em mecanismos de busca, e apareça nas primeiras páginas de resultados, é preciso seguir uma série de recomendações, entre elas: definir palavras-chave, usá-las no título e repeti-las ao longo do texto, escrever textos de 300 palavras, entre outros. Para auxiliar nesse processo, existem, inclusive, *plugins*[13] que podem ser instalados em sistemas para publicação de blogs que aferem

[13] Na informática define-se *plugin* todo programa, ferramenta ou extensão que se encaixa a outro programa principal para adicionar mais funções e recursos a ele. Geralmente são leves e não comprometem o funcionamento do software e são de fácil instalação e manuseio" Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/hardware/210-o-que-e-plugin-.htm. Acesso em: 18 jul. 2023.

automaticamente se o *post* atende às estratégias de SEO (PRIMO; MATOS; MONTEIRO, 2021).

A possibilidade de exposição e de rentabilidade atraíram tanto a criação de blogs, quanto o incremento desses investimentos em mecanismos de aperfeiçoamento do conteúdo e de seu alcance. "Já em meados da primeira década do século XXI, alguns autores de blogs se converteram em protagonistas ativos de diversas campanhas publicitárias" (SIBILIA, 2016, p. 37). Com esse processo de "popularização da "blogosfera", começou a configurar-se o movimento de profissionalização de produtores independentes na Web. Os chamados probloggers transformaram seus blogs em empresas lucrativas" (PRIMO; MATOS; MONTEIRO, 2021, p. 75). Isso englobou ações voltadas ao mercado da moda, comportamento, saúde, literatura etc.

> Alguns autores de blog, por exemplo, foram descobertos e promovidos pela mídia de massa devido a sua notoriedade conquistada na internet, sendo então contratados por essas companhias mais tradicionais para publicar livros impressos – conhecidos como blooks, pela fusão de blog e book – ou colunas em revistas e jornais. Assim, esses jovens escritores começaram a receber dinheiro em troca de suas obras e, vários deles, converteram-se em pequenas estrelas desse reluzente novo campo (SIBILIA, 2016, p. 32).

Também será utilizada a expressão "literatura de blog" para designar na cena literária contemporânea a publicação de autores cujo primeiro livro é uma compilação dos melhores textos de seu blog, geralmente garimpado por editores que desejam apostar na projeção de novos nomes. Essa modalidade literária se conecta diretamente às questões de alcance de visibilidade e de circuitos de consagração no interior do sistema literário (AZEVEDO, 2023).

Outra informação que demonstra a popularização dos blogs e de seu teor de profissionalização é o Projeto de Lei 4289/2016, arquivado em 2019, de autoria do deputado João Henrique Caldas que dispõe sobre a profissão de vlogueiro[14] e blogueiro:

> Art. 1º. O exercício do ofício de Influenciador Digital Profissional ou Digital Influencer Profissional é considerado como atividade de natureza social, regulado pela presente Lei.
> Art. 2º. Para os fins desta Lei, entende-se como Influenciador Digital o obreiro que cria e publica conteúdo na Internet, em redes sociais, blogs e sites, na forma de vídeos, imagens ou textos, capaz de influenciar opiniões,

[14] Advém de "Vlog, ou Vídeo Blog, é, como o nome sugere, um blog em formato de vídeo. O conteúdo deixou de ser apenas a palavra escrita, o texto, e migrou para os meios audiovisuais. Os vídeos produzidos são hospedados em sites como o youtube.com e o usuário fica livre para acessar o conteúdo online, em dias e horários de sua preferência." Disponível em: Entenda o que é um vlog - Jornalismo Júnior (jornalismojunior.com.br). Acesso em: 27 jan. 2023.

> comportamentos e manifestações de seus seguidores e afins, além de informar a população sobre temas que julga relevantes (BRASIL, 2016, on-line).

Posteriormente, no ano de 2022, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), passou a reconhecer a atividade do Influenciador Digital como uma profissão, registrada sob o número 2534-10[15].

Ressaltamos, que com a popularização de redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram, a designação blogueiro se ampliou, e mesmo aqueles que não possuem um blog passam ser assim denominados. Seja por ter um papel de influenciador no meio digital, ou por partilhar aspectos de seu cotidiano para um público de "seguidores".

Em 2022 a revista Veja publicou uma matéria intitulada "Pesquisa revela que Brasil é o país dos influenciadores digitais"[16], em que foram apresentados os seguintes dados: segundo levantamento da Nielsen existem 500.000 influenciadores digitais no Brasil, com aos menos 10.000 seguidores (espalhados em diferentes plataformas). Outro levantamento, das agências Hootsuite e We Are Social, mostrou que somos o segundo país que mais segue influenciadores (44,3% dos usuários da internet), atrás apenas das Filipinas (51,4%).

Já o relatório "TIC DOMICÍLIOS" publicado em 2021, demonstra que considerando o total de usuários de internet no Brasil, 68% deles compartilharam algum conteúdo na rede em 2021, o que pode estar relacionado ao alto uso das redes sociais. Entretanto, apenas 31% declararam que postaram algum texto, imagem, foto, vídeo ou música de autoria própria. A pesquisa ainda demostra que 18% criaram ou atualizaram blogs e websites. Esses índices apontam para um perfil do internauta brasileiro enquanto reprodutor massivo de informações, imagens, memes, o que nos leva a pensar na qualidade daquilo que é visto na rede. Compartilha-se muito, checa-se pouco, o que pode dar espaço para o incremento da reprodução de notícias falsas, ponto que detalharemos mais adiante.

Além disso, conforme demonstramos na seção anterior, os movimentos sociais adentraram os espaços virtuais como forma de constituição de novas agendas políticas, além de serem atraídos pela facilidade na comunicação, compartilhamento de informações, leituras, experiências. Nesse sentido, demonstraremos como o blog "Escreva Lola Escreva" se inscreve nessa conjuntura.

---

[15] Disponível em: https://cbo.mte.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf. Acesso em 15 jan. 2024.

[16] Disponível em: Pesquisa revela que Brasil é o país dos influenciadores digitais | VEJA (abril.com.br). Acesso em 05 fev. 2023.

2. 2 O blog "Escreva Lola Escreva": como os feminismos emergem on-line

O blog "Escreva Lola Escreva", escrito por Dolores Aronovich Aguero (Lola), é mantido desde o ano de 2008, período em que a autora realizava um doutorado-sanduíche em Detroit (EUA), na *Wayne State University*.

> [17] Neste bloguinho não acadêmico falo de feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, maridão, combate a preconceitos, chocolate, e o que mais me der na telha. Apareça sempre e sinta-se em casa. Meu email: lolaescreva@gmail.com. Meu Twitter também é bem movimentado (ARONOVICH, seção quem sou eu).

Até o final de junho de 2023, o blog totalizava 5292 postagens, mantidas em um layout simples (Figura 2), hospedado no blogspot *(blogger)*[18]. Em relação à sua estrutura, o blog apresenta postagens em cronologia reversa, aparecendo em sua página inicial sempre o que foi escrito mais recentemente. Além disso, conta com o *blogroll* (lista de indicações para outros blogs) no canto direito da página, além de contabilizar o número de seguidores, elencar os posts mais visualizados ao longo dos anos, e por fim, oferecer a possibilidade de os leitores realizarem doações, via *paypal*[19], para a manutenção do blog.

[17] A partir deste excerto escolhemos por destacar as citações extraídas do blog com uma formatação que facilite a visualização e diferenciação em relação às demais citações. Será neste caso, sempre utilizada a fonte Trebuchet MS (a mesma utilizada no blog) no tamanho 11.

[18] Há, pelo menos, dois fatores que justificam a popularidade de uma ferramenta como o Blogger na produção dos escritos pessoais: a ferramenta é popular porque não demanda o conhecimento do especialista em informática para sua utilização e também porque é gratuita, não se paga por seu uso ou pela hospedagem do blog no site que oferece o serviço (KOMESU, 2004). Além disso, a edição de página se assemelha a de um editor de texto – como o Word ou o Libreoffice. Com poucos cliques é possível copiar e colar textos, imagens, hiperlinks, vídeos, etc (BUENO, 2020).

[19] O paypal é uma plataforma digital de pagamentos.

Figura 2: Captura de tela do layout do blog "Escreva Lola Escreva"

Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 19 jul. 2023.

Ressaltamos que na análise do total de postagens, é possível perceber como o volume decresceu ao longo dos anos, o ano que contou com mais postagens foi o do seu surgimento, 2008, com 645 textos. Seguido do ano de 2009 com 468 postagens. Já o ano de 2022 teve um total de 179 posts. Adiante veremos de forma detalhada algumas explicações para a diminuição

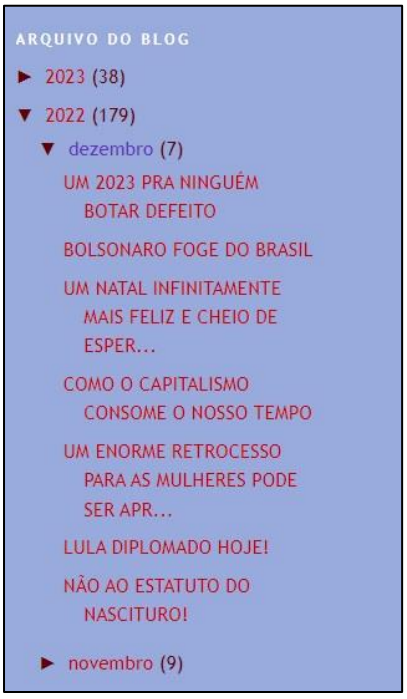
em suas publicações. Mas podemos adiantar que a utilização de outras redes por Lola, como o Twitter, ajuda a entender esse processo.

Ao longo desses quinze anos de existência, o blog pouco mudou em relação à sua identidade visual. Lola sempre reafirma o seu pouco contato com a internet e, principalmente, com uma linguagem de programação mais apurada.

> Já fazia tempo que eu queria ter meu próprio espaço com total liberdade editorial, mas não sou programadora, entendo muito pouco de internet, e não tinha ideia como fazer um blog. Então pedi pro Silvinho, que estava comigo em Detroit (ao lado, foto da época, no apê que alugávamos), aprender tudo que fosse urgente, e lançamos o blog. Depois disso foi tudo com a ajuda de vocês! (ARONOVICH, 2023).

A seleção do material que será elencado ao longo de todo trabalho foi feita a partir de um dos recursos do blog, a seção "arquivo" (figura 3), localizada no canto direito da página e que permite visualizar os títulos das publicações a partir do mês desejado. Além disso, uma caixa de pesquisa (figura 4) se localiza no canto superior esquerdo do layout do blog e proporciona a pesquisa a partir das palavras-chave que são digitadas.

Figura 3: Captura de tela da seção "arquivo" do blog "Escreva Lola Escreva"



Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 19 jul. 2023.

Figura 4: Captura de tela da caixa de pesquisa do blog "Escreva Lola Escreva"

Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 19 jul. 2023.

Rizzotto (2017), a partir de pesquisa realizada com as leitoras do blog traçou um perfil de quem frequenta o "Escreva Lola Escreva", e como resultado, observou que mais de 80% são mulheres, sendo que deste total, 94,93% se declaram feministas, enquanto apenas 64,65% dos homens assim se denominam. O público é, ainda, majoritariamente jovem, (52,93%) tem entre 20 e 29 anos e são poucos (7,98%) os que têm mais de 40 anos; quanto à orientação sexual (73,04%) se autodenomina como heterossexual. No que concerne ao tempo de acesso, a maior parte dos participantes da pesquisa conhece o blog há mais de 2 anos e a maioria, quase 80%, acessa o blog pelo menos uma vez por semana. Por fim, em termos de representação, a maior parte dos pesquisados considera Lola como uma professora (43,83%) e uma grande amiga (39,72%).

Ao observamos que muitas leitoras consideram Lola uma grande amiga, percebemos como o teor pessoal do que é veiculado no blog pode aproximar quem o lê, refinando essa criação de um vínculo, de uma aliança.

> Bom, meu blog é pessoal. Está no nome: Escreva Lola Escreva, que é um trocadilho com o filme alemão Corra Lola Corra. Então não é um portal, não é um site de notícias. É um blog de opinião. E é um blog feminista, sem dúvida, porque eu sou e sempre fui feminista (ARONOVICH, 2013).

Em uma postagem de 2013, Lola aprofunda a concepção deste teor pessoal e discute a não academicidade do blog, reafirmando a liberdade com que escreve ali rotineiramente, sem se ater a um rigor científico. Todavia, ressaltamos que sua escrita também é reconhecida a partir da legitimidade de sua formação e atuação profissional como professora universitária.

> Mas o blog nunca foi acadêmico, e continua não sendo. Ele está bem longe de ter qualquer rigor científico. Por outro lado, eu vejo um pouco meu blog como uma atividade de extensão do meu trabalho na universidade. Não deixa de ser uma forma de popularizar o

> feminismo, de levá-lo pra quem não está na academia, e de suscitar debates pra quem já está. Até agora, eu não tive pudores do tipo "Como uma professora universitária pode escrever isso?!". Espero nunca ter, porque a liberdade editorial continua sendo importante pra mim [...] Ele começou sem nenhuma pretensão, e é chocante vê-lo chegar a 250 mil, 300 mil visitas por mês e passar a ter alguma influência, a ponto de eu ser convidada para dar palestras e participar de mesas redondas em universidades de todo o Brasil. (ARONOVICH, 2013).

Outro ponto a ser ressaltado no que diz respeito ao teor pessoal do blog é sua não rentabilização (não realiza publicidade etc.), o que se opõe aos blogs de teor profissional que se destacam por voltarem-se para fins lucrativos. Assim:

> Durante sete anos, tentei algumas maneiras de capitalizar meu blog. Não sou nenhuma expert nisso, admito, e nem tentei muito. Recebi um pouquinho de dinheiro (R$ 2.200 em 2011) pelo Submarino, até que ele alterou as regras e deu calote em todos os blogueiros. Fui bem sucedida vendendo o livro que publiquei com crônicas de cinema (em dois anos, vendi uns 500 exemplares através do blog e em palestras), o que me rendeu mais que o Submarino. E agora botei o PayPal. É uma tentativa.
> Ano passado tentei incluir AdSense, para ver como era. Sabe o que o Google respondeu? Que meu blog é impróprio para AdSense por causa de imagens e temas. Sabe como é, blog feminista fala de estupro, aborto, prazer sexual [...] (ARONOVICH, 2015).

Ainda em sua análise, Carla Rizzotto aponta que o "Escreva Lola Escreva" também se destaca nos estudos de mídia como sendo "um observatório de fiscalização, pois visa a representação midiática das minorias e se caracteriza como progressista. Atua também nos âmbitos do ativismo midiático, da mídia cidadã e da pedagogia crítica da mídia" (RIZZOTTO, 2017, p. 130).

Nesse momento, podemos ressaltar outra especificidade do blog, que atua de forma potente como meio de trocas e vivências, pautando-se em inúmeros relatos. Temas como aborto, estupro, racismo, e a sexualidade são também escritos sob a perspectiva das leitoras, que semanalmente aparecem na seção *Guest Post*.

> Entre os 4 mil posts publicados nesta década, mais de 900 foram guest posts. Em outras palavras, textos que vocês escreveram [...] Entre os guest posts, há desde relatos anônimos de experiência a artigos de

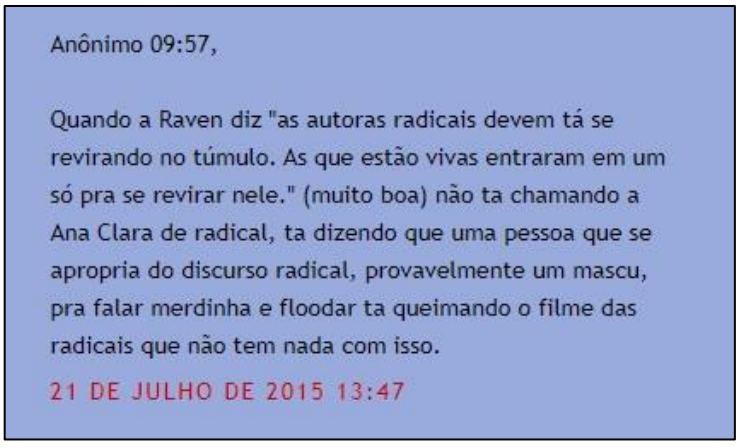
> opinião a textos mais acadêmicos de pessoas (re)conhecidas (ARONOVICH, 2018).

Conforme ressaltamos anteriormente, outra seção importante de um blog é a destinada aos comentários, o que potencializa a interação e troca entre leitoras e autora. No caso do blog estudado, aparece ao final de cada postagem um link intitulado “fala gente fala”, que irá destinar o usuário a uma página que contém o espaço para que se digite o comentário, e que fornece, ainda, as opções de fazer *login* com uma conta do Google, colocar nome/*url*, ou enviá-lo no modo anônimo.

> Adoro fazer o blog, e adoro os comentários d@s leitor@s. Muitas vezes a caixa de comentários fica muito mais interessante que o próprio post. Vira um fórum de debates mesmo. Então, como veículo de comunicação, o blog atende a todas as minhas necessidades. (ARONOVICH, 2011).

Esta interação entre leitoras e autora, e ainda, entre as próprias leitoras evidencia-se pela análise dos comentários. Em alguns momentos, para referir-se a um comentário anterior, feito por um anônimo (em que não há identificação de um nome, ou apelido) utiliza-se como referência o horário da postagem do comentário, o que cria uma possibilidade de identificação, e demonstra a plasticidade de adaptação da comunicação no meio virtual, conforme pode ser observado na Figura 5.

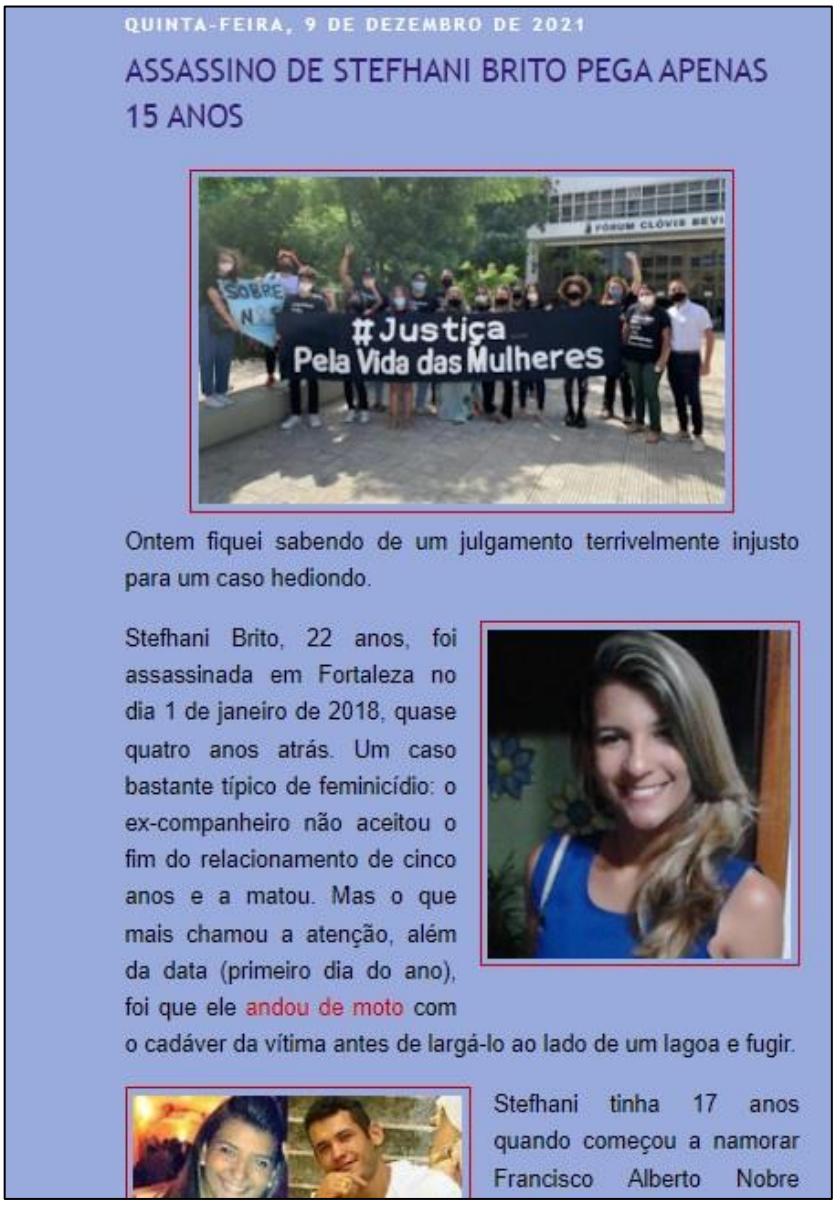
Figura 5: Imagem de Comentário no Escreva Lola Escreva



Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 26 out. 2019.

Outra característica marcante do blog “Escreva Lola Escreva” é o uso de imagens associadas aos textos das postagens (figura 6), podendo ser fotos, recortes de notícias e postagens on-line, mapas, gráficos, charges etc. Inferimos durante a análise realizada, que dificilmente haverá uma postagem dissociada do recurso imagético. Percebemos que esse recurso utilizado ultrapassa um caráter ilustrativo e meramente descritivo do que é abordado no texto, em muitos momentos busca trazer um enfoque voltado para emoções e para dar rosto àquelas que são mobilizadas ao longo dos escritos.

Figura 6: Captura de tela de postagem do blog "Escreva Lola Escreva"



Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2021/12/assassino-de-stefhani-pega-apenas-15.html. Acesso em: 01 maio.2023.

Por fim, após expor essas características básicas a respeito do blog "Escreva Lola Escreva", podemos aproximar o que foi abordado anteriormente, dentro do escopo de uma análise geral da blogosfera, com os aspectos mais particulares da trajetória do blog e de sua autora. Assim, percebemos que a escolha de criação e manutenção do blog (que já acumula mais de 15 anos) não se inscreve em uma tentativa de profissionalização no ambiente digital, em vias de obter uma rentabilidade a partir do trabalho exercido. A própria configuração de layout do blog (praticamente a mesma desde o seu início) não acompanha as possibilidades de recursos que surgiram nos últimos anos e que poderiam torná-lo mais atrativo, compartilhável e rentável.

Entretanto, a visibilidade obtida pelo blog impulsionou um novo campo na atuação de Lola Aronovich como docente e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará. Ao consultarmos seu currículo lattes[20], é possível observar que sua trajetória enquanto blogueira e alvo de ataques (que veremos na seção III) mobilizou suas últimas produções intelectuais na academia. Nos últimos cinco anos seus artigos publicados em periódicos foram:

1. "Utopias e distopias vividas por uma feminista", na Revista do programa de pós-graduação em estudos literários, ano de 2023 (ARONOVICH, 2023).

2. "Trajetória e resistência do Escreva Lola Escreva", na Revista Estudos Feministas, ano de 2022 (ARONOVICH, 2022).

Já em relação aos capítulos de livros publicados, das oito produções feitas nos últimos cinco anos, cinco estão diretamente relacionadas à sua trajetória enquanto ativista atuante no blog "Escreva Lola Escreva". Ainda podemos elencar as palestras, entrevistas, programas de televisão e rádio, podcasts etc., centrados em sua atuação on-line.

Dessa maneira, vemos a constituição de uma outra forma de vincular a sua escrita e militância digital com o seu trabalho desenvolvido enquanto docente e pesquisadora. Existe sim um teor profissional vinculado ao blog, ainda que sua rentabilidade não se dê de forma direta. A contrapartida será a partir de uma construção de notoriedade e de sua própria pesquisa dentro da academia.

Podemos pensar que esse motivo acima destacado já seja um indício das razões que levam Lola a manter o blog tantos anos depois. Ademais, o trecho abaixo, extraído da postagem "Quinze anões de bloguinho", apresenta outras razões acerca da continuidade do blog. Lola reconhece o desgaste do formato em sua potência comunicacional, mas destaca que manter os

[20] Disponível em: http://lattes.cnpq.br/9438085498694988. Acesso em: 19 jul. 2023.

registros desses quinze anos de textos a faz continuar, ainda que não seja com a constância de antes.

> Bom, quando comecei, se alguém tivesse me dito que o blog ainda estaria vivo em 2023, eu não acreditaria. Até porque o auge do blog, em termos de visitas e popularidade, foi em 2013. Dez anos atrás! E acho que não estou falando apenas daqui quando eu digo isso. O tempo dos blogs passou. Ficamos obsoletos. Plataformas mais visuais, como o Instagram, YouTube, TikTok, tomaram conta. O Facebook acabou com a caixa de comentários dos blogs.
> Então nem sei por que insisto. Não é mais pelas estatísticas, até porque o único contador de visitas que já usei teve um treco (em 2014 ou 2015), e nunca instalei outro. É porque aqui é um registro. Ainda que o sistema de buscas do Google (que também é o sistema interno de buscas do blog) esteja cada vez pior, tem muitas vezes que procuro algo que escrevi e ainda consigo encontrar. E isso ajuda bastante, é como um diário. Mas admito que os últimos quatro anos do governo fascista me deixaram exausta. Eu e muitas outras ativistas fizemos parte da linha de frente da resistência a Bolso. Não foi nada divertido. Mas sobrevivemos. E agora estamos cheias de esperança de que o Brasil possa ser reconstruído e que a extrema-direita seja varrida do mapa (bom, não será. O Congresso que toma posse hoje tá cheio dessas figuras grotescas) (ARONOVICH, 2023).

Assim, apesar da frequência de publicações no blog ter diminuído, Lola passou a se manter muito atuante em outras redes sociais. Assim, ao longo do presente trabalho algumas informações também serão extraídas de seu perfil no Twitter e do canal no Youtube[21]. Percebemos, de maneira geral, que o conteúdo do primeiro se baseia em comentários que são a extensão de discussões que surgem ou atravessam as temáticas do blog, além de repercutir notícias e proporcionar o contato com seus leitores, conforme veremos no tópico abaixo.

2. 3 Twitter*:* Redes que extrapolam e se conectam ao blog

O Twitter é uma ferramenta de micromensagens lançada em outubro de 2006, que com um espaço de até 280 caracteres por postagem, fornece a possibilidade de comunicação entre seus usuários, que "seguem" outros atores na rede e podem ser "seguidos". Em sua página

[21] A partir de junho de 2019, Lola também passou a manter um canal no Youtube, com um primeiro vídeo intitulado: "O caso Rhuan não tem nada a ver com ideologia de gênero", visualizado mais de 31.000 vezes até a última consulta em 16/01/2023. O que denota a ativa participação da autora no âmbito das redes e suportes via internet. Além disso, foi colunista do "The Intercept Brasil": https://theintercept.com/staff/lola-aronovich/.

inicial, o espaço para que a postagem possa ser digitada aparece com as opções de anexar imagens, gifs[22], além da possibilidade de criar perguntas e enquetes.

Inicialmente, o Twitter também foi denominado como um microblog. Segundo Zago (2010), microblogs podem ser considerados como espécies de "blogs simplificados", na medida em que possuem os recursos inerentes ao formato blog (como publicação de conteúdo em ordem cronológica inversa), mas de forma sintetizada. A principal diferença diz respeito ao fato de que as atualizações possuem limitações de tamanho, como no caso da ferramenta Twitter. Atualmente, com a expansão das funcionalidades do Twitter, este se distancia ainda mais da caracterização de um microblog.

O Twitter é um espaço no qual se busca e se repassa informação, por meio da coleta e difusão de notícias e acontecimentos. Assim, mensagens com este teor são especialmente úteis à rede social. Neste sentido, a preocupação com a relevância do que é publicado na rede está diretamente relacionada à busca por reputação, sendo que muitos usuários estão no sistema para receber informações consideradas relevantes, que poderão ser repassadas a outras redes sociais, como os blogs (RECUERO; ZAGO, 2009). Essa aproximação entre o que se discute no Twitter com o conteúdo de blogs aparece de forma nítida no perfil de Aronovich (Figura 7). Com 209 mil seguidores, mais de 307 mil postagens, Lola participa ativamente nesta rede social, desde seu ingresso em 2010.

[22] **Gif** (*Graphics Interchange Format ou formato de intercâmbio de gráficos*) é um formato de imagem muito usado na internet, e que foi lançado em 1987 pela **CompuServe**, para disponibilizar um formato de imagem com cores em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>. Acesso em: 01 out. 2019.

Figura 7: Imagem do perfil de Lola Aronovich no Twitter

Fonte: Twitter. Disponível em: https://twitter.com/lolaescreva. Acesso em 16 jan. 2023.

Ademais, o Twitter também é uma ferramenta para divulgações de novas postagens do blog (Figura 8), assim, há possibilidade de compartilhar o link que irá encaminhar os leitores para a página, e através dos "retweets[23]" abre-se a possibilidade de atingir um número maior de

[23] Retweet é uma republicação de um Tweet. Com a função Retweet do Twitter, você e outras pessoas podem compartilhar esse Tweet rapidamente com todos os seus seguidores. Você pode retweetar seus próprios Tweets ou os de outras pessoas. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/retweet-faqs.> Acesso em: 11 out. 2019.

visitantes, via “espalhamento” em rede, o que reitera uma das funções essenciais do twitter, de uma ferramenta que proporciona repassar informações. Ainda, “os retweets têm poder importante de influência, relacionado às características de homofilia encontradas nas redes de seguidores” (RECUERO, GRUZD, 2019, p. 34). Segundo as autoras, homofilia seria

> uma característica das redes sociais conectada ao fato de que as pessoas tendem a ter contato com pessoas similares, em termos de gostos, background etc. (MCPHERSON, SMITH-LOVIN & COOK, 2001). A homofilia auxilia na compreensão da tendência de uma determinada informação espalhar-se mais dentro de determinado grupo, especialmente em grupos políticos, como o trabalho de Adamic & Glance (2005) apontou, ao focar blogs políticos e suas relações igualmente polarizadas. Blogs filiados a um mesmo grupo político tendiam a conectar-se com outros blogs de mesma ideologia, com apenas algumas poucas conexões entre os dois extremos. Esta discussão está diretamente relacionada à criação de bolhas, grupos partidários, por exemplo. Esses grupos são homófilos em termos de partidarismo, crenças e posicionamento político (RECUERO, GRUZD, 2019, p. 34).

Figura 8: Link para nova postagem no Escreva Lola Escreva

:

Fonte: Twitter. Disponível em: https://twitter.com/lolaescreva. Acesso em 11 out. 2019

Essa noção de estar mais em contato com pessoas que apresentam afinidades semelhantes, essencialmente no aspecto político, em que a imagem da “bolha” daria essa noção de proteção, por se estar cercado de pessoas com interesses comuns, conforme narrado por Lola

na captura de tela da Figura 7 não impede que alguns tweets “furem a bolha”, o que pode atrair mensagens de discordância, além do ódio (algo já comum na trajetória de Lola). E quando falamos de um perfil aberto, com tweets públicos[24], a facilidade de atrair os ataques é potencializada.

Por fim, outra conexão possível aparece nas postagens que são criadas no blog e que se originam em discussões provenientes do Twitter, seja a partir de sugestão de postagens, traduções de textos publicados no exterior e até mesmo por discussões que mobilizam a escrita da autora, conforme o excerto seguinte, da postagem denominada “O Twitter e um exemplo de homem que não aceita ser corrigido”.

> Ontem pela manhã eu fiz um tuíte falando do discurso ridículo de uma deputada estadual reaça, e disse que, pra ser reaça hoje em dia, é pré-requisito ser misógino. Até pra mulheres conservadoras. Não quero dizer com isso que pessoas de esquerda não são machistas, racistas, LGBTfóbicas. São sim, a gente vê direto. Mas é uma vergonha pra alguém de esquerda ser assim. Pra direita, é motivo de orgulho.
> Um rapaz que não conheço e não sigo respondeu meu tuíte com um clichê. Ele afirmou que mulheres machistas são muito piores que homens machistas. Todo mundo já escutou isso, né? E simplesmente não é verdade. Então respondi pra ele que mulheres machistas (elas existem; não faço parte da galera que acha que mulher não pode ser machista, só reproduzir machismo -- pra mim, isso é, além de uma passada de pano nas mulheres machistas, uma retirada de agência delas) raramente matam mulheres, enquanto homens machistas cometem feminicídios todos os dias (ARONOVICH, 2019b).

Dessa forma, em alguns momentos de nossa análise nos remeteremos às postagens contidas no Twitter. Inicialmente, apenas o blog aparecia como foco do trabalho, todavia, observamos que a atuação de Lola no blog e sua militância tem fortes ressonâncias em outros espaços e que essa articulação em rede pode fornecer novas possibilidades de leitura para o que aqui nos propomos analisar, inclusive, concentrando um grande contingente de leitores que não mais recorrem ao blog de forma direta.

> Mayra Donini disse...
> Fazia muito tempo que não entrava em seu blog e só a acompanhava pelo twitter.

[24] “Tweets públicos (a configuração padrão): são visíveis para todos, independentemente de eles terem ou não uma conta do Twitter.Tweets protegidos: serão visíveis somente para seus seguidores no Twitter. Lembre-se de que seus seguidores ainda poderão capturar imagens dos seus Tweets e compartilhá-las”. Disponível em: Quem pode ver seus Tweets – configurações de privacidade e proteção do Twitter. Acesso em: 07 fev. 2023.

> Obrigada pelo texto, Lola! Foi muito importante descobrir (expondo meu pouco estudo sobre feminismo) que existem estudos e pesquisas sobre o fato da mulher continuar a se envolver com quem a estuprou, porque, se nos atentarmos às mulheres do nosso círculo de convivência (e à nós mesmas) veremos que isso, infelizmente, acontece (3 DE JUNHO DE 2019 17:47).

Por último, com essas articulações entre blog e outras plataformas digitais, percebemos como vai se caracterizando a comunicação na sociedade atual, com um caráter cada vez mais reticular. Soma-se a isso a necessidade que se cria de estarmos sempre à vista, ocupando os diversos espaços on-line. Visamos no próximo tópico ampliar o debate acerca dessa sociedade da informação contemporânea.

2.4 Habitar os espaços on-line e por ele ser habitado: a vulnerabilidade dos sujeitos na sociedade da informação

Donna Haraway em seu "Manifesto Ciborgue" (2019) nos faz pensar em como as máquinas tornaram ambígua a diferença entre o natural e o artificial, mente e o corpo, e entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado. As máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.

Nesse panorama,

> Segundo o coletivo Tiqqun, nós nos tornamos os habitantes inofensivos e maleáveis de sociedades urbanas globais. Mesmo na ausência de qualquer obrigação, escolhemos fazer o que nos mandam fazer; permitimos que nossos corpos sejam administrados, que nossas ideias nosso entretenimento e todas as nossas necessidades imaginárias sejam impostos de fora. Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente oferecemos feedbacks a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância (CRARY, 2016, p. 68).

Nesse contexto, a tecnologia digital da atualidade é "um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos" (MOROZOV, 2018, p. 07). Cada vez mais estamos cercados de aplicativos e sites que captam nossos desejos, em um mapeamento das nossas

atividades cotidianas de forma a criar padrões de consumo e conduta cada vez mais refinados. Como exemplo disso,

> Em 2012, o Facebook fechou um acordo com a empresa Datalogix, que lhe permitiria associar o que você compra no supermercado aos anúncios que vê no Facebook. O Google já tem um aplicativo – o Google Field – que analisa constantemente lojas e restaurantes na sua vizinhança para lhe indicar as últimas ofertas. Esse exemplo não tem nada a ver com o ódio à tecnologia ou à informação: trata-se de economia política, propaganda e autonomia (MOROZOV, 2018, p. 33).

Ao se aceitar os termos de uso em sites e aplicativos (na maioria das vezes sem lê-los) nossos dados passam a ser conectados também em rede, não há necessidade de ocorrer um vazamento de informações para que se fique exposto, pois a exposição já foi por nós "autorizada".

> Podemos exemplificar este fenômeno com uma piada que está circulando em redes sociais: o cara que liga pro delivery de pizza, e os da pizzaria já sabem tudo sobre ele: não apenas que gosto de pizza que ele compra sempre mas também como estão o colesterol e triglicérides, porque cruzaram dados da farmácia onde ele se cadastrou – em troca de um descontinho que não passa do 5% em pouquíssimos remédios – e sabem quando e quantas caixas de atorvastatina comprou, então sugerem pizza de ricota em vez de portuguesa. Ainda sabem que o cliente caminha pouco, pois pede muitos 99Taxi por dia, sabem onde foi de férias porque receberam os dados do AirBnb e do Booking, etc. E o cara, é bom dizer, não usa Facebook (NATANSOHN, 2019, p. 140).

Ainda no campo das analogias, é preciso pensar na estranheza do nosso arranjo atual. Imagine que os correios pudessem funcionar com um modelo de negócio distinto e mais propício às inovações. Esqueça os selos, eles custam dinheiro, por que pagar quando há uma forma de enviar correspondências gratuitamente? Assim, no lugar de selos, adotaríamos um sistema baseado em publicidade: abrimos todas as cartas que você envia, digitalizamos o conteúdo, introduzimos um anúncio relevante, fechamos de novo a carta e enviamos ao destinatário (MOROZOV, 2018).

Nessa sociedade o corpo se imiscui de uma centralidade que recorre à minúcia da subjetividade, ao que há de mais particular na essência do sujeito, e ainda: "O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles" (PRECIADO, 2018, p. 86). Logo, o poder adentra as esferas de toda vida social, sendo inalado como pequenas partículas que ocupam a totalidade dos espaços. Ou ainda:

> Na verdade, a governança algorítmica difere do modelo disciplinar descrito por Foucault. Segundo Bucher (2018), enquanto o panóptico impõe-se pela total visibilidade dos sujeitos, que ajustam seus comportamentos por estarem em contínua vigilância, o *feed* de notícias do Facebook, por exemplo, exerce controle através da ameaça de invisibilidade. Enquanto a visibilidade do panóptico é ubíqua e abundante, ela torna-se algo instável e escasso na arquitetura das plataformas. Além disso, nas mídias sociais a visibilidade torna-se uma recompensa e não uma punição (PRIMO; MATOS, MONTEIRO, 2021, p. 84).

Quando falamos de forma específica sobre as mulheres nesse arranjo tecnológico global, ainda temos algumas nuances de violência a pensar. Preciado (2018) destacou que o processo de implementação da pílula anticoncepcional como contraceptivo e símbolo da "libertação sexual" em voga na década de 1960 escondia um perverso sistema de testes realizados em Porto Rico para que os produtos chegassem às farmácias do ocidente. Destarte, "a ilha de Porto Rico foi tratada como uma extensão não branca do corpo feminino para quem a Pílula foi administrada nos termos do que Foucault chamou de "urbanismo terapêutico" (PRECIADO, 2018, p. 194). Porto Rico transformou-se no quintal farmacológico dos EUA: "A ilha era a fábrica invisível por trás da Mansão Playboy e da dona de casa norte-americana branca, livre e de classe média (PRECIADO, 2018, p. 190-1).

Práticas como as abordadas por Preciado ainda permanecem em voga, ancoradas por novas tecnologias e envoltas em um discurso de benevolência colonialista, conforme nos aponta Françoise Vergès:

> No século XXI, o controle de migração e o controle de natalidade, a organização de uma mão de obra móvel, racializada e feminina, continuam ocupando o centro das políticas neoliberais que receberam o aval das feministas civilizatórias. Como o da Fundação Bill & Melinda Gates, que promete facilitar o acesso a informações contraceptivas para 120 milhões de mulheres nos países mais pobres até 2020, promovendo a distribuição de novas tecnologias, em especial os implantes hormonais (Norplant, Sinoplant, Jadelle, inseridos no braço) ou injetáveis (Depo Provera, Noristerat, injeatos nos músculos glúteos, para liberação mais lenta). Os países mais visados são Índia, Nigéria e Brasil, onde a taxa de esterilização de mulheres negras é alta (42% delas) (2020, on-line).

Se a sociedade em que vivemos permanece marcadamente racista, capacitista, transfóbica, machista, elitista, as relações virtuais também serão assim marcadas. Conforme demonstra Collins e Bilge (2021), estudos têm demonstrado como os algoritmos de buscadores (Google, entre outros) moldam as opressões interseccionais e juntamente com aplicativos digitais ampliam a discriminação e a supremacia branca.

Nesse sentido, o trabalho de Carrera e Carvalho (2020), analisou 2.512 fotografias e ilustrações em três bancos de imagens digitais (*Getty Images*, *Shutterstock* e *Stockphotos*) com o intuito de perceber, se os resultados imagéticos atribuídos a famílias negras e brancas obedeciam ao mesmo padrão construtivo. As pesquisadoras concluíram que as imagens consideradas mais relevantes pelo filtro dos próprios sites, associavam a palavra-chave "*family*" a mulheres negras desacompanhadas com mais frequência do que a mulheres brancas, da mesma forma que os homens negros também apareceram mais sozinhos que os homens brancos. As autoras ainda constataram que há um indício de treinamento algorítmico para a consideração da branquitude como neutra e não como raça. Acredita-se que o termo "*white*" racializa para o algoritmo a busca, já que insere a cor em um contexto no qual a branquitude não se vê como identidade racial, conforme demonstrado por Schucman (2010) e sim como normativa e neutralidade. Para encontrar imagens de famílias brancas nesses bancos digitais somente há necessidade de fazer pesquisas genéricas, como "*family*".

Quando nos voltamos para a violência de gênero na internet, comumente pensamos naquela que está localizada no âmbito das interações. Vemos (e sentimos) continuamente assédios, denúncias de extorsão, ameaças, publicação de fotos e vídeos sem consentimento, *revenge porn*[25] etc. Isso é, sem dúvidas, uma extensão das corriqueiras violências de gênero estendidas para os ambientes digitais. Mas há uma outra violência, mais invisível, localizada na arquitetura da rede e no modelo de negócios de internet, que é a coleta de nossos dados cada vez que acessamos internet ou baixamos um aplicativo. Os exemplos vão dos aplicativos que monitoram a menstruação às novas possibilidades de contraceptivos (NATANSOHN, 2019). É importante lembrar que a sedutora gratuidade desses aplicativos e serviços escondem o verdadeiro lucro que envolve a coleta de dados e o consumo em rede. "Pagamos os sites de redes sociais com nossas próprias vidas!" (PRIMO, 2015, p. 127).

Quando o extrativismo de dados avançou a outros campos, como o da saúde, surgiu imediatamente a ideia de que, de alguma forma, muitas dessas atividades também poderiam ser subsidiadas por qualquer um que demonstrasse interesse em reivindicar o controle de dados gerados nessas áreas. Por aí se entende como o Google firmou um acordo com o NHS (*National Health Service*), o serviço nacional de saúde da Grã-Bretanha, que permitiu a implantação do serviço de inteligência artificial com o objetivo de processar os dados médicos de milhões de

[25] "A pornografia de vingança consiste em divulgar na internet, sem o consentimento da vítima, material midiático (podem ser vídeos, fotos, áudios, dentre outros) de conotação sexual, mesmo que tal conteúdo tenha sido obtido mediante consentimento prévio". Disponível em: https://www.oabsp.org.br/subs/marilia/noticias/artigo-a-violencia-contra-a-mulher-na-internet-o. Acesso em: 11 fev. 2023.

pacientes (tudo para encontrar sinais antecipados de doenças renais) (MOROZOV, 2018). A partir desse ponto de vista,

> por que estariam violando os direitos das mulheres? Por que devem ser consideradas violências de gênero? A saúde reprodutiva sempre foi cenário privilegiado para o controle dos corpos femininos. Menstruação, concepção, parto, puerpério, hormônios, menopausa, TPM, tudo é objeto de intervenção biopolítica e biomédica (RIZK, OTHMAN, 2016).
> Aqui no Brasil as pesquisadoras da coletiva (em feminino) Coding Rights (FELIZI, VARÓN, 2016) estão estudando as "menstruapps". Estas aplicações (app), são oferecidas para controlar a ovulação, ciclo e o período fértil, e alimentadas inocentemente com nossos dados, e funcionam como laboratórios para a observação de padrões fisiológicos e de comportamento feminino. Com as menstruapps, monitorar teu ciclo significa informar regularmente ao app se bebeu, fumou, tomou algum remédio, se fez sexo, se fez cocô regularmente, se teve problema de sono, como está a secreção vaginal etc. etc. Não se espante se amanhã seu convênio médico particular decide revisar seu plano de saúde. Talvez eles já saibam da sua saúde mais do que você mesma (NATANSOHN, 2019, p. 140).

Conforme demonstra Nicole Baumgarten (2021), as *femtech* têm uma projeção de angariar cerca de 50 bilhões de dólares até 2025, o que corresponde a vinte e cinco vezes o valor que absorventes e pílulas anticoncepcionais mobilizaram no final do século XX. As tecnologias voltadas para esse "cuidado feminino" englobam coletor de leite materno digitalizado, monitoramento de fertilidade, os já citados *menstruapps*, "soluções" para a menopausa, exercícios para o assoalho pélvico, além de diagnósticos médicos.

Ainda falando dos aspectos de saúde de pessoas que menstruam e do uso de contraceptivos, pontos relativos à segurança estão sendo inquiridos, pois uma questão chave deve ser lançada: "a quem essas informações serão destinadas?" Nessa conjuntura,

> O movimento feminista faz tempo que vem reivindicando o uso do copinho menstrual (o coletor de sangue menstrual) em lugar dos tampons, pois estes últimos, além de ser muito caros, são confeccionados com sustâncias com potencial efeito alergênico e tóxico (HOWARD et al., 2011), enquanto os copinhos são ecológicos, antialérgicos, baratos e promovem o autoconhecimento do corpo feminino, dentre outras muitas vantagens. No mercado de "menstruapp" se oferece um copinho menstrual que promete um ciclo menstrual "saudável" por meio de uma conexão a dispositivos Android e iOS via Bluetooth. Ele permite controlar desde o celular a cor do fluxo menstrual, conhecer exatamente quando temos que vaziar e voltar a colocar o copinho no canal vaginal. Outra proposta semelhante é a de uma marca de tampons que são vendidos acompanhados por um chaveiro com um chip que, combinado com o uso do celular, avisa à usuária sobre vazamentos ou derrames. E não acaba aí. Estão sendo desenvolvidos microchips para controlar a dose de hormônio anticoncepcional. Um chip é implantado embaixo da pele e pode ser ativado por um sinal de wi fi que libera a dose de

> droga programada (MANICA, 2015). O laboratório clínico onde realizo meus exames me envia, todo mês, um convite a baixar um app – disponível em IOS e GooglePlay – onde disponibilizariam, dentre outros serviços, os resultados dos meus procedimentos clínicos. Enquanto prometem privacidade, ao submeter-se aos termos de Google ou Apple, radicados nos EUA, como garantir que terceiros não tenham acesso a essa delicada informação?
> Estes exemplos nos interpelam: De que forma podemos garantir a segurança da administração medicamentosa a distância? Quem domina o código de programação desse dispositivo? Estamos colocando nossa vida e saúde nas mãos de terceiros (nem nós nem nossos médicos). Todavia, há quem especule com um cenário de revenge pregnancy ou hacking ovariano, pois esses mecanismos podem ser invadidos e controlados por terceiros até com fins de vingança. Por que não? Entidades médicas vêm discutindo faz tempo a inconveniência da informatização da história clínica dos pacientes, pois a manipulação, difusão não autorizada, venda ilegal, acesso por pessoal não autorizado fere o direito à intimidade e confidencialidade dos dados médicos (SOUZA, J. MACHADO, D. AVELINO, R., 2017). (NATANSOHN, 2019, p. 140-1).

Morozov (2018) salienta que em relação ao Brasil, por um lado, o país foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a importância de recuperar a soberania tecnológica. Todavia, as iniciativas e as promessas trazidas após as revelações de Edward Snowden[26] mostraram-se insuficientes e quase caíram no esquecimento, em meio às turbulências que afetaram a política brasileira nos anos posteriores. De outro lado, o Brasil também foi um dos primeiros países do mundo a insistir num enquadramento robusto dos direitos digitais – o chamado Marco Civil[27].

Quando pensamos na forma como esse emaranhado impacta a vida econômica, social e política no Brasil, veremos adiante a influência das notícias falsas no cenário brasileiro atual. Ressaltamos, também, que mesmo as pessoas que não utilizam frequentemente a internet estão inseridas nesse revés do extrativismo de dados, pois o preenchimento de um cadastro em um estabelecimento ou até mesmo em serviços públicos, alimentam banco de dados que se entrecruzam e que podem, ainda, resultar em vazamento de informações.

> Em janeiro de 2021, houve dois vazamentos de dados de 233 milhões de pessoas (incluindo falecidos). Entre as informações, estavam nome, CPF, data de nascimento, nível de escolaridade, número de telefone, endereço, tendo sido considerado pelos especialistas como o maior vazamento da história

[26] "Após baixar milhares de documentos da Agência Nacional de Segurança (NSA, na sigla em inglês) e da CIA, Edward Snowden mostrou como o serviço de inteligência dos Estados Unidos era capaz de coletar dados de pessoas de todo o mundo: desde cidadãos norte-americanos – que, pela Constituição do país, não poderiam ter conversas privadas, em regra, interceptadas – até lideranças como Dilma Rousseff e Angela Merkel". Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/mundo/ha-10-anos-edward-snowden-revelou-um-mundo-sitiado-pela-espionagem-americana/. Acesso em: 17 jan. 2024.

[27] A Lei do Marco Civil, de **número 12.965, De 23 de abril de 2014,** estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 11 fev. 2023.

> brasileira. (G1, 2021). A origem dos dados ainda não foi confirmada, entretanto, percebe-se que as organizações brasileiras (públicas e privadas) ainda não estão preparadas para gerenciar com qualidade e garantir a segurança dos dados pessoais (LIMA; PRESSER, 2022, p. 110).

Essa política de vazamento de dados, além de favorecer golpes financeiros, compromete de forma direta a segurança de alguns setores mais vulneráveis da população. A violência de gênero passa a ser também potencializada com a facilidade de uma rápida localização das vítimas. A próxima seção do presente trabalho visa ampliar essa discussão e trazer novos contornos para a violência contra mulheres on-line, tomando o caso de Lola Aronovich como foco de análise.

SEÇÃO 3: O FEMINISMO DE LOLA – ATUAÇÃO E RESISTÊNCIA FRENTE À MISOGINIA ON-LINE

> Confrontá-los não é representá-los (*vertreten*), mas aprender a representar (*darstellen*) a nós mesmos. (SPIVAK, 2010).

Ao longo da seção anterior, nos debruçamos sobre os aspectos que envolvem a internet em sua relação com os temas que são caros à nossa pesquisa. Assim, conectamos a emergência dos blogs com o surgimento do "Escreva Lola Escreva". Ao final, demonstramos como as subjetividades também são alteradas tendo em vista a sociedade informacional em que nos situamos. Práticas que envolvem a potencialização do controle sobre os corpos e novos contornos de violência passam a ser cada vez mais vivenciados.

Na presente seção analisamos como a violência perpetuada no ambiente on-line incide sobre o ativismo feminista. No caso de nossa análise, nos voltamos para a trajetória de Lola Aronovich em seu embate com grupos masculinistas, que se utilizam de notícias falsas, ameaças contra ela e sua família. Esses enfretamentos e a resistência de Lola levaram à aprovação do Projeto de Lei nº 4614/16, conhecido como "Lei Lola", conforme discutiremos nos tópicos que seguem.

3.1 Alguns apontamentos acerca da emergência dos grupos masculinistas nos ambientes on-line

Ao demonstrarmos até o momento como os feminismos se conectam com o ambiente digital, caminhamos para o momento de enunciar como os embates começam a ser travados, por meio de práticas antifeministas. Nesse sentido, se entrevemos novas formas do feminismo emergir on-line, o mesmo se aplica às práticas opositoras.

É importante ressaltar que o antifeminismo do qual tratamos conecta-se com as construções de masculinidades, que são "padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Esses padrões são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais" (CONNEL, 2016, p. 94). Assim, diferentes formas de exercer a masculinidade são forjadas, e se por um lado, os estudos de gênero e os feminismos impulsionaram mais discussões sobre o tema, buscando rever estereótipos densamente construídos, por outro lado, impulsionou uma forte resistência frente aos chamados e lutas de mulheres que denunciaram as profundas

desigualdades que se constituem por meio dos papeis atribuídos socialmente às mulheres e homens.

> As mulheres e os homens gays são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os *self-made men* constroem definições hegemônicas. As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens gays são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios (KIMMEL, 1998, p. 116).

Nessa lógica, tudo aquilo que foge a uma norma cisheterossexual rigidamente masculinizada parece se colocar como ameaça constante, englobando as subjetividades que precisam ser reafirmadas em sua virilidade a todo momento e um temor de perda dos privilégios detidos por séculos.

Conforme aponta Raewyn Connel (2016), os homens continuam sendo a grande maioria dos executivos, profissionais de alto escalão e ocupantes de altos cargos políticos. Em todo o mundo, ocupam nove em cada dez cargos de gabinete em governos nacionais, quase a mesma proporção de cadeiras no congresso e a maioria dos postos de alto escalão em agências internacionais. Coletivamente, os homens recebem aproximadamente o correspondente a duas vezes o salário das mulheres.

A partir das reações que flutuam entre resistências e modificações, "o masculino alocou-se entre a cultura machista (pautada no papel de protetor, patriarca, chefe, provedor e superior) e sua desmistificação em decorrência das conquistas obtidas pela luta política, especialmente alavancada pelo movimento feminista" (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 1618). Nesse viés,

> É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a "superioridade" dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos (SAFFIOTI, 1987, p. 11).

Vale destacar, que nos últimos anos, o fortalecimento da extrema direita em diversos países do mundo impulsionou o discurso de ódio de alguns grupos que utilizam ideais misóginos para atacar mulheres e outras minorias sociais. Por conseguinte,

> O outro patriarcado, neofascista e masculinista, ataca frontalmente as mulheres e os LGBTQIT+ e visa fazer retroceder direitos duramente conquistados – aborto, contracepção, direito do trabalho, direitos LGBTQIT+ e de pessoas trans. Nesse sistema, só é aceitável a submissão das mulheres à sua ordem heteronormativa, que institui o poder absoluto do pai e do marido. Essa perturbação chega na forma de incitações ao estupro e ao assassinato de

> feministas, mulheres eleitas de esquerda, transexuais, LGBTQIT+, militantes dos povos indígenas e migrantes. É um patriarcado que manipula a religião e que descobriu como despertar o ódio e o medo para justificar assassinatos (VERGÈS, 2020, on-line).

Ao nomeá-los como "mascus", Lola utiliza a redescrição, e assim, subverte a autonomeação desse grupo, o que pode ser visto como uma estratégia feminista deveras importante.

Conforme aponta Edfeldt (2016), os atos de difamação das feministas e do feminismo na internet nos tempos atuais ganha novos contornos. Se no século XIX e mesmo nos finais do século XX, os representantes principais do contrafeminismo vinham das instituições políticas e culturais, de homens de poder das classes privilegiadas, esses representantes parecem agora surgir de grupos marginalizados na sociedade que operam sob a égide do anonimato. O que assistimos são ameaças de violência física, na maioria das vezes uma violência sexualizada para silenciar as mulheres, e o que torna estas ameaças ainda mais graves é o fato de conterem exortações a outros para que também cometam estes atos.

Nesse contexto, vemos o surgimento de grupos que se autodenominam como defensores dos direitos dos homens, também conhecidos como masculinistas, que se caracterizam pela radicalização dos discursos e atos misóginos. O posicionamento antifeminista é uma de suas principais bandeiras. Além disso, sustentam a defesa da superioridade masculina, e a exclusão das mulheres de espaços de poder como elementos fundamentais da vida em sociedade (OLIVEIRA; SILVA, 2021).

> Os chamados masculinistas ou mascus - para usar uma expressão de Lola Aronovich (2012) - se constituem como um grupo de homens que se articulam e compartilham de uma identificação a partir de narrativas misóginas, ancoradas na ideia de uma supremacia masculina, expressa em seus discursos como uma posição ameaçada pelas mulheres. Eles não são um grupo homogêneo e se subdividem em organizações que variam nas nuances de suas ideologias e alvos de seu ódio: **incels (celibatários involuntários)**, **homens de bem**, **homens sanctos**, **fathers for justice**, **movimento pelos direitos dos homens**, para ficarmos em alguns exemplos. Apesar de suas particularidades, pode-se dizer que o ódio às mulheres é o elemento motor de suas existências, pois a elas é atribuída a culpa por eles se sentirem rebaixados e menosprezados em sua masculinidade (AMATO; FUCHS, 2022, p. 80, grifo nosso).

No que se refere às suas zonas de ação, "O caráter hipermasculino que determinados ambientes virtuais podem assumir na rede foi nomeado com um neologismo: *manosphere*, isso é, a esfera masculina (Van Valkenburgh, 2018). " (LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022, p. 1088). Um "Universo vazio em que circulam livremente todo tipo de pensamentos, numa espécie de

ambiente que pode conjugar piadas racistas, pornografia bizarra, imagens violentas, ideações suicidas e pensamentos assassinos, entre outras inúmeras produções perversas" (PINTO-NETO, 2019, p. 186). O suposto anonimato garantido pela rede mundial de computadores impulsionou a organização desses grupos supracitados, principalmente nos ambientes da *deep web*[28], essencialmente nos *chans*[29].

Outra denominação comumente utilizada por esses grupos se refere à *RedPill* (Pílula vermelha), em referência ao filme *Matrix*. A ideia de tomar a pílula significaria se dar conta das verdades inconvenientes do mundo, principalmente no que diz respeito a uma suposta "lavagem cerebral" que os movimentos feministas teriam empreendido nas sociedades ocidentais. Dentre os grupos que adotam a *RedPill*, situam-se os *incels (involuntary celibates)*, - celibatários involuntários, homens que se sentem rejeitados por mulheres e acabam assumindo posturas misóginas e atitudes hostis contra elas, utilizando principalmente as comunidades on-line para disseminar seu ódio generalizado e purgar seu ressentimento. Um dos pilares dos seguidores da RedPill, é o blog intitulado The Rational Male, um dos 80.000 sites mais acessados em todo o mundo. O título do blog também deu origem ao livro homônimo (TOMASSI, 2013), que em julho de 2021 constava no catálogo da Amazon como o 2430º livro mais vendido da plataforma, sendo o décimo segundo na categoria Dating - relacionamentos (LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022).

Ainda no quesito autores/obras que influenciam o pensamento masculinista, tem-se a figura de Jack Donovan, apontado como um dos percursores da atual radicalização da misoginia na extrema direita. Donovan é homossexual, mas repudia a cultura gay e se coloca como um "evolucionista", reivindicando a volta a um passado em que a mulher teria uma função apenas reprodutiva, e as relações sexuais entre os homens seriam as desejadas. Jack Donovan sequer eleva as mulheres ao status de humanidade. Sua teoria de supremacia masculina – ou "anarco-

[28] Deep Web/Deep Net: "São todas as páginas, lojas virtuais e fóruns de internet que estão escondidos e inacessíveis aos motores de busca, como, por exemplo, Google ou Bing. Eles usam os protocolos padrão HTTP/HTTPS para que possam ser acessados por navegadores próprios. Dark Net: São páginas que estão escondidas na internet convencional e inacessíveis aos motores de busca e que, para acessar, você precisa de um tipo específico de software. Chans podem estar tanto na dark net quanto na internet convencional". Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/03/14/chan-incel-dark-web-entenda-os-termos-ligados-ao-massacre-de-suzano.htm. Acesso em: 26 jul. 2023.

[29] "Chan/imageboard: Um imageboard ("quadro de imagens") é um tipo de fórum de discussão na internet. Ele tem interface simples e se baseia na postagem de imagens e textos, geralmente de forma anônima. Atualmente o termo mais conhecido do imageboard é "chan" (abreviatura do inglês "channel", canal). Neles, o conteúdo antigo é rapidamente excluído. Nem tudo postado lá é extremo: muitos chans estão entre as fontes mais populares de memes de internet. Mas por garantir o anonimato dos usuários, alguns tópicos permanentes abrigados por chans acabaram, ao longo dos anos, reunindo um perfil de pessoas propensas a preconceitos, cultura de ódio, trotes e até ameaças." Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/03/14/chan-incel-dark-web-entenda-os-termos-ligados-ao-massacre-de-suzano.htm>. Acesso em: 26 out. 2019.

fascista" – glorifica o corpo do homem e exclui o das mulheres. Recorrendo à filosofia de Nietzsche, ele naturaliza a escravidão e genocídios e recomenda libertar as mentes tribais. O "tribalismo bárbaro" significa atuar em gangues, seguir sua natureza predadora e violenta, criando comunidades de esportes, artes marciais e caça (MACHADO, 2019). Esse grupo que atua sob a influência de Donovan, vale lembrar, esteve envolvido na invasão do Capitólio[30] (Estados Unidos) no ano de 2021.

Retornando às ressonâncias no Brasil, conforme dito anteriormente, a abreviação "Mascu" foi cunhada por Lola Aronovich em 2011, para se referir aos masculinistas. Nos países de língua inglesa eles se dizem MRAs, ou *Men's Rights Activists* (Ativistas pelos Direitos dos Homens). Atualmente, são mais adotadas as nomenclaturas de subgrupos como *incel*; *MGTOW* (sigla para "*Men Going Their Own Way*", ou "homens trilhando seu próprio caminho"); e *PUA* (sigla para "*Pick-Up Artist*", ou "artista da sedução") (ARONOVICH, 2021).

Lola Aronovich teve um importante papel ao trazer para o público do blog "Escreva Lola Escreva" discussões sobre esses grupos, com definições e traduções de reportagens, além de um forte posicionamento que se mostra contrário às ideias por eles propagadas. Frente a isso, uma onda de ataques se volta contra a ativista, o que detalharemos a seguir, a partir da construção das notícias falsas.

3.2 As notícias falsas como forma de ataque à Lola Aronovich

Ao longo desse tópico, demonstraremos como a estratégia de veiculação das chamadas fake news tem sido massivamente adotada nos meios digitais, além de apontarmos alguns enquadramentos das intimidações direcionadas à Lola que partem de notícias criadas por seus agressores.

O conceito de fake news é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social. Parece-nos, assim, que três elementos seriam essenciais para a definição de uma fake news*:* (1) o componente de uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; (2) o componente da falsidade total ou parcial da narrativa e; (3) a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções através da propagação dessas informações na mídia social. A circulação de notícias falsas, deste modo, atua diretamente na produção de desinformação, de modo

[30] Vide: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226. Acesso em: 26 jul. 2023

particular, na internet, embora não seja o único ambiente usado para isso (SHAO *et al.*, 2018). (RECUERO, GRUZD, 2019).

Um ponto central residiria na intensa velocidade e facilidade de sua reprodução e não apenas no caráter falso da notícia "e isso acontece principalmente porque o capitalismo digital de hoje faz com que seja altamente rentável – veja o Google e o Facebook – produzir e compartilhar narrativas falsas que atraem cliques" (MOROZOV, 2018, p. 184).

> O espalhamento de desinformação ou de informação falsa também pode ser influenciado pelos diferentes tipos de atores na rede. Sha & Kumar (2018) apontam para a influência de robôs (bots) e atores muito engajados que podem criar falsas percepções de consenso, para que determinada informação circule. Esse processo é desenhado por meio da atuação do que Kumar et al. (2017) denominam "lobos solitários", ou seja, usuários humanos que criam certa quantidade de contas falsas para operar sob os mesmos pretextos e premissas, coordenadas de modo a criar falsos consensos e suportes (RECUERO, GRUZD, 2019, p. 34).

As eleições brasileiras de 2018 mostraram o alto custo a ser cobrado de sociedades que, dependentes de plataformas digitais e pouco cientes do poder que elas exercem, relutam em pensar as redes como agentes políticos. O modelo de negócios *da Big Tech* funciona de tal maneira que deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas, pois tudo o que importa é se elas viralizam. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas (MOROZOV, 2018).

Com Jair Bolsonaro na presidência e sua forma agressiva de se posicionar, somada à sua incitação ao armamento da população como recurso para combater a criminalidade e garantir a segurança pessoal, o ódio foi associado à coragem de dizer a verdade, o que de forma maniqueísta alocava a mentira e a corrupção no campo da esquerda política e se transformava em uma espécie de política espontânea do ódio. Espontânea porque faz crer que a indignação é individual e que os indivíduos isolados se encontram, por exemplo, on-line enxergando-se uns nos comentários dos outros, legitimando em boa medida sentimentos que foram orquestrados como políticas de governo ou ações pensadas por grupos organizados, tais como parlamentares da bancada BBB (bala, boi, Bíblia). O ódio como política faz com que as pessoas acreditem ou queiram acreditar, mesmo quando os fatos propalados não são comprováveis em um exame mais cuidadoso. Finalmente, o negacionismo que antes encontrávamos nos comentários de cidadãos comuns no Portal Globo.com ou nos Grupos do Facebook passaram a ser reproduzidos, após a posse de Jair Bolsonaro, em discursos oficiais do próprio presidente e/ou de ministros/as de seu governo (VIEIRA JUNIOR; PELÚCIO, 2020).

No que diz respeito à Lola Aronovich, ela afirma: “Sou alvo de fake news antes de o termo se popularizar, algo que aconteceu na eleição de Donald Trump em 2016” (ARONOVICH, 2021, p. 63). E ainda “Quem me ataca não me ataca por eu ser Lola. Eles nem me conhecem, nunca estiveram comigo pessoalmente. Eles me atacam por eu ser feminista.” (ARONOVICH, 2021, p. 63).

Pensando no ódio à figura feminista, no ano de 2017, a filósofa Judith Butler esteve no Brasil para um debate sobre “Os fins da democracia”, a presença da autora foi recebida sob protestos, com bonecos queimados, gritos de “queimem a bruxa” e acusações de pedofilia (Figura 09). No desembarque em Congonhas, Wendy Brown, mulher da escritora, foi confundida com Butler, e passou a ser perseguida pelo grupo, que empunhavam cartazes contra a presença da filósofa no Brasil. Em determinado momento, além das ofensas, uma mulher avança com o carrinho de bagagem sobre as pernas de Wendy[31].

Figura 9: Protestos contra Judith Butler no Brasil

Fonte: NUH (UFMG) Disponível em: ufmg.br. Acesso em 01 fev. 2023.

Após o ocorrido, Butler escreveu um texto em que debate sua vinda ao Brasil e discute os ataques recebidos na ocasião, ao que afirma:

> Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que se imaginou que eu daria. Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação.

[31] Vide Escritora Judith Butler sofre agressão no aeroporto de Congonhas - Jornal O Globo. Acesso em: 12 fev. 2023.

> Para aqueles que se opuseram à minha presença no Brasil, “Judith Butler” significava apenas a proponente de uma ideologia de gênero, a suposta fundadora desse ponto de vista absurdo e nefasto, alguém —aparentemente— que não acredita em restrições sexuais, cuja teoria destrói ensinamentos bíblicos e contesta fatos científicos (BUTLER, 2017, on-line).

Pensar na feminista enquanto inimiga da nação já é algo arraigado por um conservadorismo de teor misógino. “Mas é precisamente em épocas como essa, quando vivemos sob a ameaça de uma destruição inimaginável, que as pessoas ficam perigosamente enlouquecidas com a sexualidade” (RUBIN, 2003, p. 02) e consequentemente com quem fala sobre ela.

Percebemos com o ataque sofrido por Butler, que esse comportamento violento, ameaçador, obviamente não se restringiu aos espaços on-line,

> Seria improvável que a experiência vivida na internet, na qual o que aconteceu nas eleições foi apenas o momento de maior desvendamento, não mudasse o comportamento quando se está cara a cara com o outro, quando se está em carne e osso e ódio diante do outro, nos espaços concretos do cotidiano. Seria no mínimo estranho que a experiência poderosa de se manifestar sem freios, de se mostrar “por inteiro”, de eliminar qualquer recalque individual ou trava social e de “dizer tudo” – e assim ser “autêntico”, “livre” e “verdadeiro” – não influenciasse a vida para além da rede. Seria impossível que, sob determinadas condições e circunstâncias, os comportamentos não se misturassem. Seria inevitável que essa “autorização” para “dizer tudo” não alterasse os que dela se apropriaram e se expandisse para outras realidades da vida. E a legitimidade ganhada lá não se transferisse para outros campos. Seria pouco lógico acreditar que a facilidade do “deletar” e do “bloquear” da internet, um dedo leve e só aparentemente indolor sobre uma tecla, não transcendesse de alguma forma. Não se trata, afinal, de dois mundos, mas do mesmo mundo – e do mesmo indivíduo (BRUM, 2015, on-line).

No caso de Lola Aronovich, as fake news assumem diferentes frentes no espaço virtual. Segundo a autora (2021), uma tática comum é escrever tuítes em seu nome e tentar virilizá-los. Outra tática, é criar perfis contendo seu nome e foto em várias redes sociais, como no *Gab*, uma espécie de Twitter (totalmente sem censura). Alguns desses perfis, espalham o endereço residencial de Lola, com supostos convites para receber “visitas” dos leitores da rede *Gab*. A insistência dos ataques é algo a se destacar, conforme o excerto abaixo:

> Um mascu chamado Christoffer Rodrigues, que na época tinha 34 anos e era técnico administrativo na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, tirou o ano todo de 2014 para me atacar. Não estou exagerando: ele criou um blog em que compartilhava imagens pornôs de travestis e escreveu mais de quinhentos posts me xingando e inventando todo tipo de mentira sobre mim. Fiz um boletim de ocorrência no final de 2014, quando ele começou a dizer

> que meu amado e falecido pai teria abusado sexualmente de mim quando eu era criança (ARONOVICH, 2021, p. 67).

As notícias falsas ainda simulam que Lola abandonou um filho, porque era menino, que abusou sexualmente de outro individuo em um congresso escolar em Aracaju, e que administrou durante anos um cassino ilegal em Fortaleza, onde além da jogatina, da venda de drogas e contrabando de animais silvestres, havia prostituição infantil e clínicas clandestinas de aborto. (ARONOVICH, 2021).

No Youtube estão disponíveis alguns vídeos que atacam Lola Aronovich pautados em um discurso de ódio e sob uma suposta misandria por parte da blogueira[32]. Além disso, os que contém fake news também são comuns na plataforma, como o publicado em 24 de outubro de 2019 (Figura 10), no canal "*canibaltoa*", de título "Dolores Aronovich Aguero ou Lola Aronovich (Lola Escreva) é uma ESTUPRADORA! (Reup)". No vídeo, um homem aparece à frente de uma bandeira dos Confederados (que é amplamente utilizada por supremacistas brancos) e narra falsamente que fora estuprado por Lola enquanto era aluno na Universidade Federal do Ceará, como forma de acréscimo de nota.

[32] Lola Aronovich, uma das feministas mais misândricas do Brasil - YouTube. Acesso em: 12 fev. 2022.

Figura 10: Captura de Tela de vídeo no Youtube

Fonte: Youtube. Disponível em: Dolores Aronovich Aguero ou Lola Aronovich (Lola Escreva) é uma ESTUPRADORA! (Reup) – YouTube. Acesso em: 01 fev. 2023.

Essas fake news são impulsionadas e viralizam rapidamente com um esquema de compartilhamento de sujeitos alinhados aos valores misóginos da extrema direita, conforme consta no relato abaixo.

> Na Páscoa de 2015, eu e meu marido fomos descansar em Beberibe, Ceará. A pousada em que ficamos estava sem internet, e nós não temos celular. Portanto, ficamos alheios ao mundo durante três dias. Quando voltamos para casa, no domingo, meu Twitter estava cheio de mensagens de ódio e ameaças, Motivo: uma página mascu no Facebook chamada *Esquerdismo é doença mental* fez um tuíte em meu nome: "Deveria ter morrido o pai reaça dele tb". Foi o fim de semana em que o filho do governador Geraldo Alckmin morreu num acidente de helicóptero. A página misógina que defendia estupro corretivo para lésbicas não era muito lida. Ninguém ficaria sabendo da mentira se Luciano Ayan, do site *Crítica Política* (o mesmo que em 2018 foi um dos primeiros a espalhar fake news sobre Marielle Franco, no mesmo dia da sua execução), não tivesse feito um post com uma foto minha, rindo, e o título "Blogueira feminista diz que Geraldo Alckmin também deveria ter morrido no acidente." Ayan, cujo nome verdadeiro é Carlos Augusto de Moraes Afonso, e que foi preso em 2020 por lavagem de dinheiro, tinha uma estranha obsessão por mim. Volta e meia me difamava no seu blog, comparando-me

> até a uma terrorista. Mas se apenas ele tivesse escrito a mentira sobre o filho de Alckmin, meu nome não teria viralizado. Foi preciso que um perfil de extrema-direita no Twitter, Edmilson, especializado em *fake news*, fizesse um tuíte sobre o "meu" tuíte. Ele pôs um print da página mascu e escreveu: "Essa imunda é professora da UFC". Todos os "homens de bem" se sentiram na obrigação de ir no meu Twitter (de verdade) e me xingar. Um rapaz cujo perfil o descrevia como "um homem quando está em paz não quer guerra com ninguém" me enviou a mensagem: "Eu queria dar uma surra nessa vagabunda. Para ela apanhar que nem homem, pois ela queria ter pinto". Um médico professor da Unifesp disse: "Uma imbecil como essa, típica feminista mal amada, amarga, frustrada, só poderia fazer uma declaração de ódio como fez." Quando ele ficou sabendo que eu nunca havia escrito aquilo tuiíte, ele não se retratou nem pediu desculpas. Apenas apagou seu tuíte. Outros, nem isso (ARONOVICH, 2021, p. 73-4).

No tópico abaixo buscamos apresentar como a trajetória de Lola tem sido marcada por outros atos de violência contra ela, além de demonstrar como seu papel tem sido importante na denúncia de crimes que ocorrem no meio virtual e que apresentam nuances misóginas.

3.3 A violência dirigida à Lola Aronovich

Inicialmente, retomamos um comentário que Lola dirigiu a uma leitora no ano de 2008 (em que ocorreu o surgimento do blog). Neste momento, ter um *stalker*[33], um perseguidor, era algo não imaginado pela autora, já que sua atividade enquanto blogueira ainda se iniciava e as postagens feitas até então não rendiam tantas polêmicas e ofensas.

> lola aronovich disse...
>
> Juliana, que coisa terrível! Teve um stalker atrás de vc?! É, eu acho que se houvesse alguém que soubesse aonde estou a cada minuto e ficasse ligando pra casa pra me insultar, talvez eu desse um tempo da internet, porque essa experiência deve ser muito desagradável. E o pior é que deve ser fácil de fazer também, pra quem tem as manhas. No artigo do NY Times o autor fala de trolls que no fundo são mais que trolls - são stalkers e hackers. O preju passa a ser financeiro também quando alguém sabe o número do seu social security number (dá pra fazer muita coisa com esse número, pelo que vi), do seu cartão de crédito... Mas eu tenho fé na humanidade e acho que pessoas doentes assim, sem vida própria, que passam os dias atrapalhando as vidas de outras pessoas, são a minoria. Espero que

[33] "Stalkear é o ato de perseguir uma pessoa. Já o stalker é a pessoa que faz essa perseguição e, por isso, recebe esse nome". Disponível em: O que é stalkear e como denunciar stalking? - Olhar Digital. Acesso em: 12 fev. 2023.

> esse pesadelo na sua vida tenha passado. Abração! (ARONOVICH, 2008).

Nesse momento, Lola ainda não tinha vivido as perseguições que se sucedem nos próximos anos. Cabe ressaltar que a prática de *stalkear* ou perseguir outrem tem sido debatida mais veementemente nos últimos anos e está muito associada à violência contra a mulher. Tal conjuntura levou à criação da Lei 14.132, no ano de 2021, conforme destacado abaixo.

> Art. 147-A. Perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade.
> Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa.
> § 1º A pena é aumentada de metade se o crime é cometido:
> I - contra criança, adolescente ou idoso;
> II - **contra mulher por razões da condição de sexo feminino**, nos termos do § 2º-A do art. 121 deste Código;
> III - mediante concurso de 2 (duas) ou mais pessoas ou com o emprego de arma (BRASIL, 2021, on-line, grifo nosso).

Retornamos para um fato importante ainda no ano de 2008, em que Lola repercutiu no blog o assassinato de Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, ocorrido no dia 18 de outubro. O tom de misoginia que cercou o crime e o direcionamento dado pela polícia e mídia, além dos comentários que surgem nas redes sociais após a morte da menina, acendem um alerta.

> O Brasil acompanhou o drama da menina de Santo André em tempo real, ao vivo, com direito à mídia sensacionalista entrevistando o ex-namorado, Lindemberg Alves, por telefone. No programa vespertino de Sônia Abrão, na Rede TV, um advogado desejou que aquilo terminasse em "final feliz", "num casamento futuro entre ele a namorada, a apaixonada dele, né?" (ARONOVICH, 2008b). Outro fato marcante no caso, além da irresponsabilidade criminosa da mídia, foi a ação desastrosa da polícia de São Paulo, que devolveu uma refém, Nayara, amiga de Eloá, que já tinha sido libertada. No final nada feliz, a polícia invadiu o apartamento, Lindemberg atirou e matou Eloá, e também acertou Nayara na boca, mas ela sobreviveu. Ele foi condenado a 39 anos e continua preso (Michele MENDES, 2021).
> Um dos quatro posts que dediquei ao tema foi sobre uma comunidade no Orkut chamada "Eloá virou presunto – vai tarde". Na época, o Orkut ainda era muito mais popular no Brasil que o Facebook, e comunidades misóginas abundavam. Esta, assinada pela "Suprema Ordem dos Homens de Bem", já contava com 1.200 membros quando eu vim a saber da sua existência. Nos comentários, havia inúmeras *fake news*: Eloá seria uma prostituta e, Lindemberg, seu cafetão; Eloá estaria fazendo uma orgia com Nayara e dois colegas da escola, e Lindemberg flagrou a "vadia mirim". Havia também discordâncias entre os membros sobre o caixão branco em que Eloá foi enterrada, já que ela não seria mais virgem, logo, "não merecia a cor da

> pureza". Outro membro finalizou: "Que se foda a cor do caixão, o importante é que ela vai ser comida embaixo da terra" [...] Não entendia quem eram aqueles sujeitos e por que eles tinham tanto ódio das mulheres, ao ponto de saudarem Lindemberg como herói. (ARONOVICH, 2008a). (ARONOVICH, 2022, p. 02).

O caso da jovem Eloá escancara diversas facetas de como a misoginia é vivenciada no Brasil. Perpassa a culpabilização da vítima, mesmo após a sua morte violenta, o escrutínio público de sua sexualidade, além da aclamação do assassino como um herói. Esse contexto nos leva a pensar em quais vidas são passíveis de luto.

> Afirmar que uma vida pode ser lesada, por exemplo, ou que pode ser perdida, destruída ou sistematicamente negligenciada até a morte é sublinhar não somente a finitude de uma vida (o fato de que a morte é certa), mas também sua precariedade (porque a vida requer que várias condições sociais e econômicas sejam atendidas para ser mantida como uma vida). A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vidade de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. (BUTLER, 2019, p. 31).

A vulnerabilidade frente ao desconhecido é amplificada no ambiente virtual, principalmente no que concerne às minorias sociais (por já se situarem em um ponto constante de ameaça à vida). Navegam nossos rostos, palavras, dados e não sabemos por quem estamos sendo capturados. Isso em uma sociedade em que "Parte do problema da vida política contemporânea é que nem todo mundo conta como sujeito" (BUTLER, 2019, p. 54).

Por essa via, destacamos que o "humano é diferencialmente entendido de acordo com sua raça, a legibilidade dessa raça, sua morfologia, a reconhecibilidade dessa morfologia, seu sexo, a verificabilidade perpétua desse sexo, sua etnia, o entendimento categórico dessa etnia" (BUTLER, 2022, p. 13). Ao nosso ver, o corpo feminista não é visto no rol do humano por aqueles que o violentam, ele representa a insurreição frente aos ideais do que conta como humano.

Ainda pensando na trajetória de Lola frente ao masculinismo, em fevereiro de 2011, a partir de uma publicação denominada "O pensamento vivo (modo de dizer) dos masculinistas", em que foi apresentada uma descrição do perfil destes grupos de homens que odeiam mulheres, uma onda de comentários revoltosos por parte dos masculinistas foi gerada, com ameaças dirigidas à Lola (ARONOVICH, 2018).

> No início do ELE, com o número ainda bastante baixo de visitas e comentários, os trolls – comentaristas que têm como propósito ofender o autor e seguidores dos blogs que frequentam – eram bastante restritos. Mas desde então já tinham o mesmo perfil: homens brancos, heterossexuais, conservadores de direita altamente preconceituosos (não apenas machistas, mas também racistas, LGBTfóbicos, elitistas, transfóbicos, gordofóbicos). Até junho de 2012, ou seja, durante quatro anos e meio, o ELE não só era aberto a comentaristas anônimos, como também não tinha qualquer tipo de moderação. Os comentários eram automaticamente publicados. Portanto, havia muitos insultos. Mas chegou um momento em que cerca de cinco trolls atacaram simultaneamente, dois deles repetindo cada mensagem mais de cem vezes, invibializando a caixa de comentários.
> Quando precisei começar a moderar a caixa de comentários, os principais trolls do blog não eram mais homens preconceituosos de direita de uma forma geral, e sim uma categoria muito mais específica: os masculinistas. Ainda que masculinistas sejam homens preconceituosos de direita, eles têm sua própria agenda, e são guiados acima de tudo pela misoginia (ARONOVICH, 2018, on-line).

Foi também no ano de 2011 que Lola descobriu já ser conhecida em algumas comunidades on-line de masculinistas. “Em fevereiro de 2011 descobri não só que esses grupos no Brasil se autointitulavam masculinistas, como que eles já me xingavam fazia tempo. Pelo jeito, eu era a única feminista que eles conheciam” (ARONOVICH, 2018, on-line). Essas ameaças acabam por se estender, não aparecendo apenas nos comentários do blog, passam a inundar sua caixa de e-mails, seu local de trabalho, se dirigindo a membros de sua família e da universidade em que trabalha. Vale destacar que,

> Embora a ameaça não seja exatamente o ato quer ela prediz, ainda é um ato, um ato de fala, que não apenas anuncia o ato por vir mas registra certa força na linguagem, uma força que ao mesmo tempo pressagia e instaura uma força subsequente. Enquanto a ameaça tende a produzir uma expectativa, a ameaça da violência destrói a própria possibilidade da expectativa: ela inicia uma temporalidade na qual esperamos a destruição da expectativa e na qual, por consequência, não podemos esperá-la (BUTLER, 2021, p. 24-25).

Em meio às ameaças, Lola ainda aponta que em abril de 2011 a situação ganha novos contornos a partir do massacre de Realengo, quando Wellington Menezes de Oliveira entrou na escola municipal em que havia estudado e abriu fogo contra os estudantes, matando dez meninas e dois meninos. Após ser baleado por um policial, Wellington se suicidou. Todavia, a grande mídia não prestou atenção na discrepância entre o número de meninas e meninos mortos, nem nos depoimentos das testemunhas que apontavam essa direção. Lola insistiu na versão do crime de ódio e acompanhou a ação de blogs e fóruns masculinistas, que observaram em Wellington a utilização de uma linguagem comum (ARONOVICH, 2018). Além disso, “Antes

de cometer o que ficou conhecido como o massacre de Realengo, ele deixou alguns vídeos em que se dizia virgem e chamava as meninas de “seres impuros” (ARONOVICH, 2022, p. 06).

O discurso do assassino coaduna com os ideais dos *incels*, que se sentem destituídos de seus privilégios e ainda “ridicularizados, dolorosamente inferiorizados e humilhados pelas mulheres. Esses homens, portanto, sentem que têm “direito” legítimo à reparação. Devem ser compensados, ressarcidos de algum modo dos danos que as mulheres lhes infligiram” (LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022, p. 1096). Isso envolve ofensas, estupros e assassinatos.

Após o ocorrido em Realengo, conforme aponta Aronovich (2018), alguns blogs masculinistas fecharam as portas, inclusive o mais popular, “Silvio Koerich” (um pseudônimo), que um dia depois do massacre sumiu sem deixar vestígios, só reaparecendo seis meses depois para declarar que estava fechando o blog. Em seguida, um blog com o mesmo nome e layout começou a publicar textos e imagens exigindo a legalização do estupro, o estupro corretivo para lésbicas, o assassinato de mulheres, negros e gays, e a legalização da pedofilia. Além disso, continha ameaças de morte e estupro, em que os alvos preferenciais eram o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Lola.

> O blog de ódio permaneceu no ar entre agosto de 2011 e abril de 2012, apesar de ter sido denunciado quase 70 mil vezes na SaferNet, a primeira ONG de combate a cibercrimes contra Direitos Humanos no Brasil. O blog viralizou e gerava pânico, principalmente entre alunas da UnB, pois eram constantes os posts prometendo um massacre no prédio de Ciências Sociais daquela universidade, para matar “o maior número de vadias e esquerdistas”. Porém, a Polícia Federal não deu qualquer retorno de como estavam indo as investigações. Tivemos mais sorte com o grupo *Anonymous*, que descobriu a identidade dos dois principais autores do blog: Emerson Eduardo Rodrigues e Marcelo Valle Silveira Mello. Emerson era um antigo neonazista que já havia produzido provas contra si mesmo – um vídeo de dez minutos extremamente racista que ele gravou enquanto andava na Índia, afirmando que “o estado natural do preto é a sujeira, o estado natural da mulher é a prostituição”. Já Marcelo era conhecido nos chans, por ter sido o primeiro brasileiro a ser condenado por racismo na internet, em 2009, por agressões verbais que proferiu no breve período em que cursou Letras Japonês na UnB. Ele não foi preso na ocasião porque alegou insanidade mental (ARONOVICH, 2022, p. 06).

Ainda no ano de 2011, novos ataques começam a ser endereçados para Lola, tendo em vista a sua oposição às falas preconceituosas veiculadas no programa de televisão CQC (Custe o que custar), que ficou no ar na Rede Bandeirantes de 2008 a 2015 e que tinha uma versão estendida na internet, o CQC 3.0.

> Em junho de 2011, leitoras me avisaram sobre um programa, CQC 3.0, que passava na internet após o programa na Rede Bandeirantes, que zombava das mulheres que amamentavam em público. O humorista alçado a jornalista Rafinha Bastos começava lendo a carta de uma leitora que lhe perguntava para falar sobre o "mamaço", um protesto realizado em frente ao Itaú Cultural, em São Paulo, depois que uma mãe foi impedida de amamentar seu bebê. Rafinha então se manifestou: "Por que cargas d'água tem aquela mãe que enfia a teta nas caras das pessoas na rua, véio? Mano, vai prum banheiro, caralho, porque a gente olha, não tem como. Ele também disse que o mamilo de algumas mães "parece um rocambole". Marco Luque, outro da bancada do CQC, disse que amamentar era um pretexto, e o que a mulher queria mesmo era mostrar os seios. O problema, segundo Rafinha, não era querer mostrar "a teta", era "que quem quer mostrar é quem não deveria querer mostrar. Nunca é aquela gostosa. Geralmente é aquela mãe com aquelas buchibas". Rafinha, Luque e Marcelo Tas lamentaram que nunca viram a Giselle Bundchen amamentar, só aquela mulher que, segundo Rafinha, "não precisa de um sutiã, precisa de uma joelheira" (ARONOVICH, 2022, p. 02).

Em tom de resposta e crítica, Lola escreveu uma postagem em seu blog intitulada "CQC anti-amamentação, vai para a PQP[34]", no dia 1º de junho de 2011, que contou com mais de 600 comentários e intensa repercussão. Nesse processo, nos chama atenção não somente o fato do blog ganhar mais repercussão e Lola receber ainda mais ataques, mas também por demonstrar como atos que são direitos básicos (como da amamentação) ainda geram reações violentas e são associadas a uma tentativa de controle sobre o corpo da mulher, e que isso está presente no cotidiano, na mídia etc.

> No post, eu descrevia o que os jornalistas/humoristas disseram, e explicava que seios não servem apenas para vender cerveja, que o corpo das mulheres não existe para ser exibido ou utilizado pelos homens, e que falar mal das mulheres que amamentam em público equivale a se posicionar contra a amamentação. O post teve bastante repercussão, e no mesmo dia eu recebi um e-mail do Marcelo Tas, querendo saber onde e quando ele se posicionou contra a amamentação. Respondi que nem ele nem o resto da bancada se opuseram à amamentação, e sim à amamentação em público. Ele então me enviou um outro e-mail subindo o tom, pedindo retificação imediata e negando ser misógino. Publiquei os dois e-mails dele nos comentários do post, como um direito de resposta dele, mas ele me enviou um terceiro e-mail, que dizia: "Você vai aprender através de um processo por calúnia e difamação a ser mais responsável com o que publica, esta troca de e-mails documenta a minha tentativa de diálogo com você antes de tomar o caminho da Justiça" (ARONOVICH, 2022, p. 02).

Diante da ameaça de processo (algo que se tornou muito comum na tentativa de silenciamento de ativistas) do apresentador Marcelo Tas, Lola não recuou em seu

[34] Disponível em: Escreva Lola Escreva: CQC ANTI-AMAMENTAÇÃO, VAI PRA PQP. Acesso em: 12 fev. 2023.

posicionamento, recebendo o apoio de outras mulheres, conforme demonstra a figura 11, extraída da postagem “De qual Marcelo Tas você gosta?”, de 22 de junho de 2011.

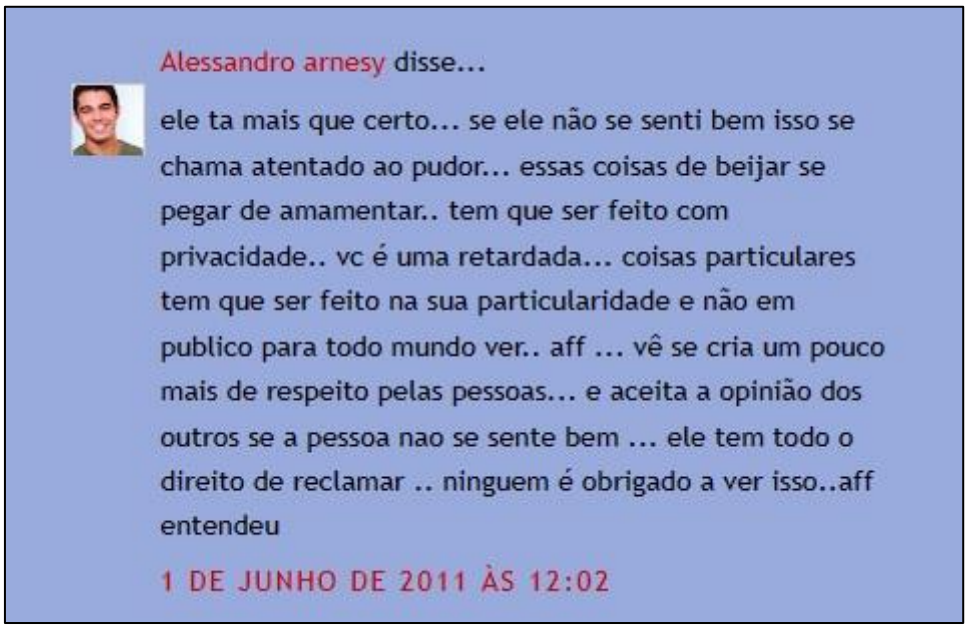
> Eu fui ao meu Twitter e comuniquei que Marcelo Tas tinha me ameaçado com um processo. No dia seguinte, publiquei o post “Liberdade relativa: Marcelo Tas quer me processar” (ARONOVICH, 2011d), que até hoje é o recordista em visualizações (cerca de cem mil no mesmo dia). No post, eu dizia que, se o *CQC* tinha o direito de criticar mães que amamentam em público, eu tinha todo o direito de criticar o *CQC* (ARONOVICH, 2011c).
> Pegou mal pro Marcelo Tas. Afinal, ele não era só um astro de TV há muitas décadas ameaçando uma reles blogueira. Ele também se vendia como arauto da liberdade de expressão (além de ter uma coluna na revista “Crescer”, para pais). Recebia muito dinheiro defendendo a liberdade irrestrita de expressão, e de repente estava processando uma blogueira por dar sua opinião sobre um programa em que ele era o principal nome. Como era a época das primeiras Marchas das Vadias no Brasil (e no mundo), várias manifestantes em cidades como São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza levaram cartazes me apoiando, com falas como “Marcelo Tas, deixa a Lola em paz” (ARONOVICH, 2022, p. 04).

Figura 11: Imagens de Protestos que declaram apoio à Lola Aronovich

Fonte: Blog Escreva Lola Escreva. Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 01 fev. 2023.

A partir das postagens sobre o referido programa de televisão, Lola atrai novas leitoras que não conheciam o blog e que se identificaram com as críticas feitas pela autora. Após a repercussão, o blog que recebia cerca de 90 mil visitas únicas por mês, subiu para 150 mil visitas/mês (ARONOVICH, 2022). Ao mesmo tempo em que recebeu comentários de apoio, alguns ultrapassaram a discordância, assumindo um tom de xingamento e ofensa, conforme demonstra a figura 12.

Figura 12: Captura de tela de comentário do Blog "Escreva Lola Escreva"



Fonte: Blog Escreva Lola Escreva.
Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 01 fev. 2023.

Nesse período, os ataques dirigidos à Aronovich pautam-se em notícias falsas acerca de sua conduta familiar, profissional (como professora universitária) e em sua aparência. Como exemplo, tem-se a criação de uma aposta para quem conseguisse "montar" (em analogia ao fato ocorrido na UNESP[35], no ano de 2010) em Lola Aronovich e filmar para divulgação nos fóruns e no Youtube, ato violento que além de misógino, se configura como gordofóbico (figura 13).

Figura 13: Captura de tela de Tweet com ofensa gordofóbica.

Fonte: Blog Escreva Lola Escreva. Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 4 fev. 2020.

A associação entre gordofobia e a questão feminina remete a mais um ponto que visa a desumanização, pois na lógica patriarcal, "as mulheres devem ser delicadas e frágeis; consequentemente, a mulher gorda será considerada grotesca, monstruosa. Sendo assim, as

[35] Disponível Em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-absurdo-rodeio-das-gordas-0umrmii6se0si5yb2r49ead72/. Acesso em: 27 maio. 2023.

mulheres gordas estão sob dupla vulnerabilidade por serem gordas e por serem mulheres" (PAIM, 2019, p. 03). Em nossa análise percebemos que a todo momento o corpo de Lola é comparado ao abjeto, inferiorizado e ridicularizado.

No mesmo ano de 2012, alguns eventos se tornaram marcantes na trajetória de Lola. O primeiro deles diz respeito aos masculinistas anteriormente citados nos eventos que narramos sobre o blog "Silvio Koerich" - Emerson e Marcelo, data de 2012 as suas prisões através da Operação intolerância, deflagrada pela Polícia Federal. A condenação de 6 anos e 7 meses de prisão se converteu em pouco mais de 1 ano de encarceramento (ARONOVICH, 2022).

> No apartamento de Marcelo, os agentes encontraram um mapa da UnB e instruções para preparação de bombas caseiras. Também foram encontrados R$ 440 mil em sua conta corrente. A polícia disse que os dois tinham conexões com o massacre de Realengo. Pouco depois, o site de ódio (que continuou no ar por mais algumas semanas depois que seus líderes foram presos) publicou a transcrição de uma suposta conversa entre Wellington Menezes e Silvio Koerich, em que o "guru" dizia ao jovem o que deveria ser feito na escola em Realengo (ARONOVICH, 2018, on-line).

A sensação de impunidade que envolve esses indivíduos chegou ao ponto de Lola, a vítima das ameaças, ser processada por um de seus agressores, Emerson, que ainda pediu o pagamento de uma indenização por danos morais.

> Em maio de 2013, assim que saíram da cadeia, eles, separadamente, me enviaram e-mails avisando que iriam me processar, pois me viam como grande responsável pela sua desgraça. Emerson de fato me processou. Numa ação que só chegou a mim em 2015, ele pedia R$ 41 mil de danos morais. Eu aceitei a sugestão das minhas advogadas (duas leitoras do meu blog que me ajudaram pro bono) e entrei com reconvenção contra ele, pois, naquele ano, ele fez dezenas de vídeos no *YouTube* me difamando – por exemplo, declarando que eu comprei carros de luxo e mansões com o dinheiro que eu teria roubado de uma compra de livros para a biblioteca da UFC (Emerson manifestou, assim, a sua total ignorância sobre como funcionam os trâmites numa universidade pública e sobre como a verba para novos livros é minúscula). Nunca tivemos uma única audiência e ele abandonou o processo. A minha ação, no entanto, continuou, e, no final de 2020, ele foi condenado a me indenizar em R$ 25 mil (ARONOVICH, 2022, p. 06).

No ano de 2013, Marcelo Valle Silveira Mello (naquele momento recorrendo da pena em liberdade) continuou com os ataques dirigidos à Lola, por meio de comentários publicados no blog e no Twitter, conforme demonstrado no excerto abaixo, a ela dirigido, e na figura 14.

> O mais divertido é que no Brasil a pena máxima é de 30 anos. Ou seja, eu poderia apagar você, o Delegado [responsável pela Operação Intolerância],

> poderia até mesmo estuprar e matar uma vagabunda feminista, a pena máxima é de 30. Por isto, lhe digo. O dia que você ver que um Delegado Federal em Curitiba foi assassinado, é bom que você sinta medo, pois você será a próxima. Eu não sou de mandar outros fazerem o serviço, eu mesmo faço (tudo sic) (ARONOVICH, 2022, p. 07).

Figura 14: Imagem de conversa entre Lola e Marcelo Mello no Twitter

Fonte: twitter.com/lolaescreva. Acesso em: 04 fev. 2020.

No mesmo ano de 2013 Marcelo cria o Dogolachan, (imagem 15), (que nesse momento não estava hospedado na *deep web*, como viria a ser em momento posterior), que estava disponível para qualquer internauta que desejasse acessar. Os objetivos dos que frequentam esse espaço se situam nos atos de "a) recrutar novos membros com o escopo de aumentar sua pressão em relação a quem é considerado inimigo; b) ameaçar, ridicularizar e matar o outro; c) doutrinar seu auditório social com conspirações, ideais racistas e juízos diversos" (RODRIGUES, 2023, p. 204).

> O cabeçalho desse chan, que ficava na superfície, não na *Deep Web* (uma parte da internet que não aparece nos mecanismos de busca e que não tem

> regulamentação), e podia ser acessado por qualquer pessoa, incluía as imagens de um cachorro branco, o mascote do chan, e três "heróis": Wellington, do Massacre de Realengo, Anders Breivik, um neonazista que,
> em junho de 2011, cometeu o maior massacre da história norueguesa, matando 77 pessoas, e Elliot Rodger, que, em maio de 2014, matou seis pessoas e se suicidou, deixando um manifesto de 140 páginas em que lamentava ser virgem (Rodger popularizou o termo *incel*). Ao lado dessas imagens, as palavras "/b/ a hero" (seja um herói). Este desejo de forjar novos mártires era frequente no Dogolachan – e em outros chans. Por atraírem muitos rapazes com tendências suicidas, não é incomum que um deles avise que irá se matar. A este anúncio costuma seguir-se uma mensagem, quase um coro: "leve a escória junto". Em outras palavras, vá a uma palestra feminista, a uma marcha das vadias, a uma parada do orgulho gay, a algum protesto do *Black Lives Matter*, mate o maior número possível de participantes, e depois se mate, ou seja morto pela polícia (há um termo em inglês para isso, divulgado em chans americanos: *suicide by cop*), e torne-se um herói entre os *channers* (ARONOVICH, 2022, p. 07).

Figura 15: Captura de tela do layout do "Dogolachan"

Fonte: Blog Escreva Lola Escreva. Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com/. Acesso em: 01 fev. 2023.

Lola Aronovich (2022) destaca que não conhecia o Dogolachan, só passou a saber de sua existência quando Marcelo deixou o link nos comentários blog, para que ela pudesse acompanhar as ameaças diárias que eram dirigidas a ela, além de seu marido e sua mãe. Ao tomar conhecimento do blog, Lola passa a consultá-lo para reconhecer alguns nomes que estavam por trás das ameaças que recebia (por telefone, por exemplo) e ainda reunia informações para provar que a autoria do Dogolachan pertencia a Marcelo.

> É inadmissível que essa gordona escrota continue dia após dia destilando misandria na internet, essa desgraçada é responsável pela lavagem cerebral de

> putinhas mirins que crescem lendo seu blog misandrico. Eu estava pensando isto: A morte é o fim inevitável de todos, dar a sua vida por uma causa nobre é a coisa mais sublime que existe. É por isso q estou disposto a me tornar um martir sancto, não aguento mais ser achincalhado pela sociedade, em 30 anos de existência. Eu quero galgar o paraiso dos martires, quero estar junto com ted bundy, George sodini, wellington, henry lucas, jack estripador e com elliot rodger que me inspirou a fazer uma ação sancta, morram depósitos de porras, morram seus lixos, eu irei deixar meu rastro de furia um dia (tudo sic) (ARONOVICH, 2022, p. 07).

Realizar uma *ação sancta* seria "quando os usuários realizam no mundo real o que especulam no âmbito virtual, liberando sua raiva e frustração sobre os que consideram ser responsáveis pelo seu fracasso vital– geralmente estudantes e mulheres" (PINTO-NETO, 2019, p. 184). A própria denominação utilizada dentro dos grupos para se referir às mulheres, demonstra o máximo desprezo por essas vidas.

> É de se notar que membros-locutores da organização "Dogolachan" empregam, em seu estilo discursivo, o signo ideológico "depósito", porquanto partem da premissa misógina de que mulheres seriam "depósito para o sêmen de homens". Nessa mesma direção, tradicionalmente, o "Dogolachan" persegue pré-adolescentes e mulheres em sua atividade extremista, pois não são "bonecas infláveis", e sim seres humanos com dignidade e voz. É por isso que são designadas como "merdalheres", um neologismo que conjuga as palavras "mulheres" e "merda (RODRIGUES, 2023, p. 218-9).

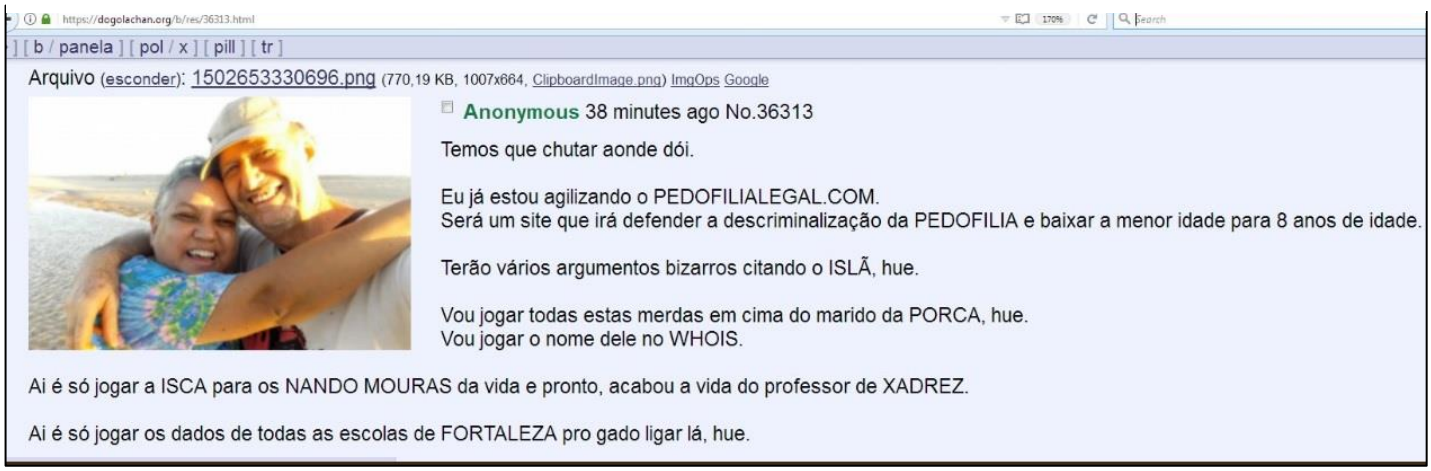
Em relação à Lola Aronovich, outra tentativa de intimidação foi a partir das ameaças a Silvio, seu esposo. Assim, informações pessoais foram obtidas e iniciaram os ataques, com telefonemas e e-mails contendo acusações ao professor de xadrez, que por lidar com um público jovem, foi alvo de um plano para se criar um blog falso (conforme feito anteriormente com Lola), que apresentasse postagens defendendo a pedofilia, com uso de textos e montagens (figuras 16 e 17).

> Para as ameaças que me pareciam mais sérias, eu ia a delegacias registrar boletins de ocorrência. Meu marido, Silvio, também teve que fazer um, já que, entre 2013 e 2017, Marcelo lançou vários sites de ódio (como "Realidade", "Homens de Bem", "Tio Astolfo", "PUAHate", "Reis do Camarote", "Filosofia do Estupro", e "Rio de Nojeira", além de "Guias de estupro", em que ensinava "como estuprar vadias" na USP, UFC, UFRGS, UFRJ e, óbvio, na UnB, sua obsessão), e alguns continham o nome de Silvio como autor do site, montagens com suas fotos, e endereço residencial (ARONOVICH, 2022, p. 08).

Figura 16: Imagem de fórum masculinista: plano para criação de um blog fake de pedofilia

Fonte: twitter.com/lolaescreva. Acesso em: 01 fev. 2023.

Figura 17: Imagem de fórum masculinista sobre blog fake



Fonte: twitter.com/lolaescreva. Acesso em: 01 fev. 2023.

Já em 2015, Marcelo e um grupo de misóginos criaram um site com discurso de ódio no nome de Lola, com fotos, link para o currículo Lattes, endereço e telefone residencial da feminista a cada postagem. O objetivo era que outros integrantes do fórum a reconhecessem na rua e a linchasse. O site falso apontava que Aronovich defendia o aborto para fetos masculinos,

infanticídio, castração de meninos, e queima de bíblias. E um post, a falsa Lola se vangloriava de ter realizado um aborto em uma aluna em sala de aula, na Universidade Federal do Ceará. O site viralizou, graças à divulgação de personalidades públicas como Olavo de Carvalho e Roger Moreira, que embora soubessem que o site era falso, ainda assim o divulgaram. Antes disso, na mesma semana em que o site foi lançado, Emerson, um dos misóginos que criou o site, denunciou Lola ao Ministério Público como autora do site e a denúncia foi inacreditavelmente acatada (ARONOVICH, 2018).

> Ainda assim, o dia em que o site de ódio no meu nome viralizou foi a única vez que eu chorei em quatorze anos de blog, porque foi quando constatei que é muito mais fácil espalhar o mal que o bem. Apesar de todo o empenho e atualizações diárias que eu dedicava ao meu blog de verdade, em apenas um dia conseguiram espalhar um site falso no meu nome, defendendo causas que eu jamais defenderia. Vale dizer que foi no final de 2015, antes do termo *fake news* se popularizar. Se tivesse sido depois das eleições de 2018, vencidas pela extrema-direita graças a mentiras como a mamadeira erótica, eu não teria ficado chocada ao ver tanta gente acreditando que uma professora (de Letras!) fazia abortos em sala de aula (ARONOVICH, 2022, p. 08).

Este conjunto de ameaças e ataques dirigidos à Lola mobilizaram a aprovação do Projeto de Lei nº 4614/16, conhecido como "Lei Lola", de autoria de Luizianne Lins (PT-CE), que altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que tange à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino. Ainda no que concerne à Lei, "através dela é a primeira vez que a palavra misoginia consta no ordenamento jurídico brasileiro" (SOUZA; PETROLI; MAGALHÃES, 2022, p. 245).

> Acreditamos, sinceramente, que essa alteração legislativa contribuirá para que não surjam mais casos como o ocorrido com a Dra. Lola Aronovich, professora universitária e feminista "blogueira", que teve o sítio eletrônico de seu "blog" clonado em passado recente. No lugar de mensagens em defesa dos direitos da mulher, os criminosos criaram páginas falsas e estamparam postagens preconceituosas, misóginas e misândricas. Como conseqüência dos ataques cibernéticos, Lola Aronovich foi perseguida, física e virtualmente, sem que a polícia local conseguisse, efetivamente, encontrar os responsáveis por esses atos. Casos como esses não podem se repetir em nosso País. A importância de nossa proposição reside nesse fato, de modo que, concluindo nossa manifestação, solicitamos aos Nobres Pares que apoiem a aprovação do PL em comento. Assim fazendo, contribuiremos para o aperfeiçoamento de nosso ordenamento jurídico, sobretudo no que toca ao combate às várias formas de violência contra a mulher (BRASIL, 2016, on-line).

Conforme apontado pela autora do Projeto de Lei, o ódio, desprezo e o preconceito contra mulheres ou meninas podem se expressar de diferentes formas, como discriminação sexual, hostilidade, aversão, piadas, depreciação etc. E ainda, "Que as jovens não se inibam de falar, de ser blogueiras e de dar o seu recado. Que muitas Lolas venham pela frente para que a gente possa ter de fato a internet como um mecanismo de libertação das mulheres e não mecanismo de opressão e de mais ainda violência contra nós." (LINS, 2018, on-line[36]). Além disso, conforme apontado por Lola,

> O fato da lei ter sido aprovada em tempo recorde no Congresso mostra que havia uma demanda para uma lei que atribui à Polícia Federal a investigação de crimes contra mulheres na internet. Se os ataques e ameaças às meninas e mulheres são tão frequentes, os meios de denúncia devem ser simples, rápidos e eficientes (ARONOVICH, 2023, on-line).

É interessante destacar que um voto pela rejeição do projeto partiu do Major Olímpio, que fora líder do PSL no senado e que apontou em seu argumento: “Em que pese a ilustre intenção de proteção à mulher, que entendo que deva se ter especial atenção em nossa legislação, o teor do projeto acaba propiciando efeito contrário ao pretendido” (BRASIL; 2016, on-line). É sabido que a direita neofascista brasileira tem a misoginia enquanto um de seus motes, assim, vale ressaltar que no caso dos masculinistas, a misoginia esteve aliada a comentários racistas, constituindo-se como parte de um mesmo discurso.

Somado a isso, devemos pensar que existe uma distância entre a aprovação da lei, sua aplicação e o movimento de fazer recuar esses criminosos, que muitas vezes demonstram “não ter muito a perder”. Nesse sentido, Lola ressalta que a Lei Lola não impediu a continuidade dos ataques, que chegavam na Universidade Federal do Ceará onde ela é professora.

> Em dezembro de 2016, dois dias antes do Natal, a quadrilha do Dogolachan enviou ao reitor da UFC um e-mail que dizia, entre links de bombas caseiras, “Deixo na mão de vocês escolherem: 1) expulsar esse demônio imundo [eu]. 2) Passar uma semana recolhendo pedaços de corpos e enterrando centenas de mortos”. Novamente, eu fui chamada para depor na Polícia Federal e tive que entregar o HD do meu computador e a senha do meu e-mail para que tentassem rastrear os autores. De todo modo, essa ameaça foi um ponto crucial para que a PF passasse a investigar Marcelo por terrorismo. Em abril de 2017, eu depus durante cinco horas ininterruptas na Delegacia da Mulher, que finalmente abriu um inquérito (e logo depois encaminhou o pedido de investigação à Polícia Federal). Antes disso, em janeiro de 2017, o Dogolachan realizou, sob o comando de Marcelo, denúncias em massa, via script, contra o meu blog ao Google. O Google acatou as denúncias anônimas e removeu a minha senha de

[36] Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/540214-desafio-e-tornar-lei-conhecida-diz-blogueira-que-inspirou-legislacao-sobre-misoginia-na-internet/. Acesso em: 03 maio. 2023.

> acesso ao blog e todas as imagens. Por meio de mobilização na internet, consegui falar com um ser humano, não um robô, e no final daquela semana pude recuperar o "Escreva Lola Escreva". (ARONOVICH, 2022, p. 08).

Esse episódio de denúncia em massa do "Escreva Lola Escreva" acolhida pelo Google só foi revertida com a campanha (#GoogleNãoCensureALola), além de inúmeras mensagens endereçadas ao presidente do Google Brasil e várias entrevistas na mídia. No final da semana, uma pessoa do jurídico do Google ligou para a ativista e avisou que devolveriam o blog. Mas o funcionário deixou claro que a empresa não ligava para ideologia, que tanto fazia se eram misóginos. Por fim, o Google não pediu desculpas publicamente (ARONOVICH, 2021). Tal fato corrobora com o entendimento que enunciamos anteriormente na seção 2, de que as *Big Tech* potencializam essa violência digital, lucram com ela e não se responsabilizam por aquilo que é veiculado em suas plataformas.

A certeza da impunidade fez com que o agressor Marcelo Valle Silveira Mello movesse um processo contra Lola Aronovich, utilizando a possibilidade de uma futura audiência como mais uma forma de ameaça de assassinato.

> Um mês depois, chegou o primeiro processo de Marcelo contra mim (o segundo chegou no final daquele ano). Ele estava ansioso para que eu comparecesse à audiência em Curitiba e escreveu diversos posts no Dogolachan, como este: "É amanhã que é minha audiência com a Dolores. Terei que me segurar para não voar no pescoço dela. Aquela mulher me fez apodrecer 1 ano na cadeia. A vontade que tenho é de furar a merda do pescoço dela". Outros membros sugeriram que ele me matasse de vez, ou que alguém me seguisse até o hotel onde eu estaria hospedada, para "estuprá-la e cortá-la em pedacinhos". Houve também uma breve discussão sobre se eu deveria ser estuprada antes de me matarem, depois, ou ambos. É óbvio que eu não fui. No mesmo dia em que faltei à audiência, Marcelo ordenou aos outros membros que encontrassem todos os dados das minhas duas advogadas e suas famílias e passassem a ameaçá-las e espalhar *fake news* sobre elas na internet. Apavoradas, elas renunciaram. Marcelo também passou a atacar meu advogado seguinte, mas acabou abandonando as ações. Ele dizia, no chan, que estava cursando Direito para poder processar todos que falassem mal dele e que tinha entrado em contato com vários acusados de crimes sexuais que eu citei no meu blog para que eles pudessem me processar também (ARONOVICH, 2022, p. 09).

Já no ano de 2018, Marcelo Valle Silveira Mello foi condenado a 41 anos e seis meses de prisão por vários crimes cometidos, entre eles associação criminosa, divulgação de pedofilia, racismo e terrorismo, todos utilizando o ambiente virtual (internet). A prisão se insere na Operação Bravata, lançada pela Polícia Federal, que o prendeu pela segunda vez. Desde então, o criminoso teve quatro *habeas corpus* negados (ARONOVICH, 2018).

A partir desse quadro de ameaças à vida da autora, de repulsa ao que esta representa (por se intitular feminista e com posicionamento político de esquerda), a manutenção do blog se insere num contexto de resistência, visto que a prisão dos seus perseguidores não coloca um fim às ameaças.

> A prisão de Marcelo infelizmente não representou o fim do Dogolachan. Em junho de 2018, um mês após a prisão do líder, um dos moderadores do chan, André Luiz Gil Garcia, 29 anos, mais conhecido como 'Kyo', que fazia parte da quadrilha desde 2011 (foi ele que ofereceu 5 mil reais para quem fizesse um rodeio das gordas comigo), deixou uma mensagem no chan, dizendo que sua vida era miserável e que iria se matar. Ouviu como resposta o tradicional "leve a escória junto". Alguns membros se ofereceram para fazer uma vaquinha e arrecadar dinheiro suficiente para que ele pudesse viajar de Penápolis, interior de São Paulo, até Fortaleza, para me matar. Na mesma noite, André saiu da casa onde vivia com os pais, abordou duas jovens que ele nunca tinha visto antes numa praça em Penápolis, covardemente atirou na nuca de uma delas enquanto ela tentava fugir, e se matou. Sua vítima, Luciana de Jesus do Nascimento, 27 anos, morreu no dia 5 de julho, após vinte dias na UTI. Um pouco depois, o Dogolachan migrou para a *Deep Web*, e eu parei de acompanhá-lo.
>
> Mas, em 26 de fevereiro de 2019, recebi e-mail de um dos moderadores do Dogolachan, Breno, se vangloriando que o chan tinha muito mais membros e acessos na *Deep Web* do que na superfície e que, com as doações que estavam recebendo, em breve iriam contratar um pistoleiro para me matar: "Sim, você irá morrer ainda esse ano, em uma simulação de latrocínio, eu juro em nome de Deus e com a mão no túmulo do meu pai. Você perdeu. Nós ganhamos" (ARONOVICH, 2022, p. 09).

A permanência das ações se ilustra no Massacre de Suzano, ocorrido no dia 13 de março de 2019. Os assassinos, um de 17 e outro de 25 anos, invadiram a Escola Estadual Raul Brasil, na região metropolitana de São Paulo e mataram cinco estudantes entre 15 e 17 anos, a inspetora e a diretora da escola, e se mataram em seguida. O massacre foi parcialmente planejado no Dogolachan. Ao contrário do ocorrido em Realengo, desta vez não houve dúvida entre os jornalistas que foi um crime de ódio. Uma repórter contou à Lola que uma das frases mais ouvidas nas redações foi "A Lola avisou" e "A Lola vivia falando que isso iria acontecer" (ARONOVICH, 2022).

O inimigo a ser por eles combatido, "volta-se exatamente contra a escola, a educação, os intelectuais, uma vez que o pensamento funciona como inimigo dessa concepção misógina e hierárquica de mundo" (PINTO-NETO, 2019, p. 188). A insistência de educadores e ativistas como Lola, reacendem ainda mais o ódio dos que não conseguem ver no outro a subordinação desejada.

Assim, a visibilidade que Lola atinge através de seu blog e sua postura combativa frente

a grupos misóginos repercute nas redes sociais e nas mídias mais convencionais. Selecionamos, assim, algumas reportagens que foram veiculadas nesse mesmo ano de 2019 sobre Lola e seu trabalho como ativista: *Portal Uol*: "Lute como uma garota: Há uma década, Lola é alvo de grupos de ódio e não deixa barato: levou para a cadeia seus agressores"[37]. *Revista Fórum*: "Blogueira Lola Aronovich é ameaçada novamente: adoraria esfregar sua cara fétida no chão"[38]. *O dia*: Lola Aronovich, vítima de fóruns de ódio: pais precisam saber o que os filhos fazem na web[39]. *TVT*: Feminista, Lola Aronovich recebe ameaças de morte constantemente[40]. *Vi o mundo*: Blogueira Lola Aronovich é ameaçada por membros de fórum de ódio que atiradores de Suzano frequentavam[41]. *Época*: Blogueira que inspirou lei lançará livro[42]. No mesmo ano, também ocorreu a indicação de Lola Aronovich para uma premiação internacional de jornalismo, do Repórter sem Fronteiras, na categoria *Coragem*.

> Estou muito feliz! Saíram hoje as indicações para o prêmio Liberdade de Imprensa 2019, uma iniciativa da prestigiada organização internacional Repórteres sem Fronteiras, e eu fui indicada!
> Sem dúvida é um reconhecimento do meu trabalho. Sei que sou corajosa. Todo mundo me diz isso e, mais ainda, eu vejo como homens muito mais famosos e importantes reagem quando recebem um centésimo dos ataques que eu recebo há tantos anos.
> Mas sempre é bom quando uma organização internacional te chama de corajosa (ARONOVICH, 2019).

Em 2020, com a pandemia e as aulas remotas, os masculinistas desviaram seu foco para o *zoombombing* (invasões em videoconferências e lives). Já em 2021 os atentados voltam a ocorrer. No dia 4 de maio, um homem de 18 anos entrou na creche Aquarela, em Saudades, oeste de Santa Catarina, e matou três crianças com menos de 2 anos, uma professora e uma agente educacional. No mesmo mês, cinco outros atentados foram impedidos pela polícia: um

[37] Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/lola-aronovich-dez-anos-sendo-alvo-de-grupos-de-odio-que-agem-no-submundo-da-web/.> Acesso em 20 nov. 2019.
[38] Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/blogueira-lola-aronovich-e-ameacada-novamente-adoraria-esfregar-sua-cara-fetida-no-chao/>. Acesso em 20 nov. 2019.
[39] Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2019/03/5627229-lola-aronovich--vitima-de-foruns-de-odio--pais-precisam-saber-o-que-os-filhos-fazem-na-web.html#foto=1.> Acesso em:20 nov. 2019.
[40] Disponível em: <http://www.tvt.org.br/feminista-lola-aronovich-recebe-ameacas-de-morte-constantemente/.> Acesso em: 20 nov. 2019.
[41] Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/blogueira-lola-aronovich-e-ameacada-por-membros-de-forum-que-dois-assassinos-de-suzano-frequentavam-veja-mensagens.html.> Acesso em: 20 nov. 2019.
[42] Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/blogueira-que-inspirou-lei-lancara-livro-23817625. >Acesso em: 20 Nov. 2019.

em Cabo Frio, RJ, outro em São Paulo (para marcar o ‘aniversário’ de Suzano), um terceiro em Brasília, um quarto em Goiânia, e um quinto em Belo Horizonte. Até meados de agosto de 2021, a polícia divulgou ter evitado dez massacres em escolas brasileiras naquele ano (ARONOVICH, 2022). Já entre o ano de 2022 e 2023[43] sete ataques são registrados em escolas e o pânico em relação às ameaças atinge todo o país.

Ainda em 2021, o assassinato de Ingrid Oliveira Bueno da Silva, de 19 anos, conhecida como Sol, cometido por Guilherme Alves Costa, de 18 anos trouxe novamente o masculinismo à tona. No artigo da Carta Capital intitulado “O assassinato de Sol não é caso isolado” de autoria de Lola Aronovich, a feminista compartilha a mensagem que recebeu do assassino após o crime:

> “Boa noite Lola, aqui quem fala é o Flash, conhecido como Guilherme pelos mais íntimos, possuímos pensamentos divergentes, mentes diferentes, minha mente é completamente diferente da sua, eu respeito isso, pessoas são diferentes, no fundo adquirimos o mesmo objetivo, mudar as pessoas, você vive pra isso, espalha sua psicologia tosca e eu vivo pensando no quanto eu odeio a humanidade, eu sinceramente nesses últimos anos, andei me abalando com minha namorada Eduarda, ela não me compreendia, eu peguei um ódio forte pelas mulheres nesses últimos anos da minha vida, toda esse drama que elas passam, toda essa melancolia, eu sinto nojo e ódio disso, eu quero ficar longe, ser um homem seguro e esperto, não sei se isso será mais possível, porém eu deixo pra você o meu livro com todos os dias que passei, pensando, lá eu falo tudo sobre mim e o porque fiz o que fiz, sinceramente não foi em vão, pessoas irão aprender com isso, só basta você ter uma linha de raciocínio parecida com a minha, claro que você é completamente contra, mas mesmo assim, entenda o meu lado, não sou um desesperado, sou alguém que pensa e compreende.”
> No email, ele ainda agradece ao “Crazychan”, fala de sua (pistola) 9mm – não encontrada pela polícia -, e promete “coisas novas” (ARONOVICH, 2021, on-line).

Torna-se uma tarefa difícil contabilizar os ataques recebidos por Lola ao longo de mais de uma década. Ainda que a Lei Lola tenha direcionado a investigação desses crimes como incumbência da Polícia Federal, muito ainda há de ser feito para o mapeamento e controle desses grupos masculinistas. Em alguns momentos, a feminista recorre ao humor como via de demonstrar que não tem mais medo das investidas ameaçadoras (figura 18).

[43] Disponível em: https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2023/06/19/brasil-teve-7-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023-relembre-casos.html. Acesso em: 19 jun. 2023.

Figura 18: Captura de tela de tweet

Fonte: Twitter. Disponível em: twitter.com/lolaescreva. Acesso em: 23 jan. 2023

Em muitos momentos o questionamento da resistência de Lola frente a esses grupos apareceu em nosso trabalho de pesquisa. Por que continuar e "bater de frente" com tantas ameaças à sua existência? Ao que ela responde:

> Sei que a quadrilha continua fazendo planos para me atacar, até porque várias ameaças chegam por e-mail. Mas não tenho medo. Sou um alvo fácil. Eles sabem (e divulgam) onde eu moro e trabalho, e não vou mudar minha rotina devido às ameaças, que ocorrem desde 2011. Com o blog eu tenho voz, e esta é também uma estratégia de defesa. Sigo um ditado famoso da ativista afroamericana Audre Lorde: "Meus silêncios não haviam me protegido. Seu silêncio não a protegerá" (1977). É verdade. Ficar quieta não faz com que homens que odeiam mulheres deixem de te agredir. Se eu parasse com o blog, misóginos continuariam atacando, a mim e a muitas outras mulheres. O que eles querem é nos silenciar, calar nossa voz. Portanto, ter medo não é um luxo de que posso desfrutar. Prefiro seguir lutando (ARONOVICH, 2018, on-line).

Percebemos com esses enquadramentos envoltos em violência, que "O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à "mulher" como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definhou. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio" (SPIVAK, 2010, p.165). Lola além de resistir, demonstra como essa vivência enquanto ativista on-line ao longo dos 15 anos de existência do blog proporcionou novas experiências:

> Apesar de todos os ataques e ameaças, há muitas coisas boas: eu conheço pessoas (e, num blog tão antigo, algumas eu conheci quando tinham 13, 15 anos, e hoje estão na faculdade, várias estudando gênero), recebo carinho e apoio de quem conseguiu deixar o preconceito para trás e agradece meu blog por isso. Tento fazer um bom trabalho e ajudar as pessoas. Penso que poderia ter uma vida tranquila e mais tempo para lazer (e para a universidade) se eu parasse com o blog, mas, ao mesmo tempo, duvido que meus inimigos parariam de me atacar. E, sem o blog, sem voz, eu ficaria sem defesa. Além

> disso, acabar o blog passaria a mensagem de que eles venceram. E eles não podem vencer. Nem sabem o que é isso (ARONOVICH, 2017, on-line).

SEÇÃO 4: A INTERSECCIONPOSTALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA PARA PENSAR OS GRUPOS MASCULINISTAS NO BRASIL

> É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares (BENTO, 2022).

Ao longo dessa seção propomos pensar a interseccionalidade como ferramenta analítica para a leitura dos grupos masculinistas no Brasil. Percebemos como as categorias de raça, classe e gênero se tornam vitais tanto para a constituição desses grupos, quanto na seleção de seus alvos.

Além disso, buscamos avultar o debate acerca da violência produzida sobre o corpo feminino, trabalhando com a hipótese de que há uma tentativa de desumanização destes corpos via discurso de ódio e violência que são perpetrados por grupos misóginos, fato que também nos leva a ampliar a questão sobre a resistência nos ambientes institucionais, como a escola, em se falar sobre gênero e sexualidade. Para tanto, a conjuntura política brasileira será destacada, visto que a ascensão de uma direita fascista está diretamente articulada com o aumento dessas práticas. Finalizamos a seção propondo a articulação desses campos com a educação, como forma de transformação e prática da liberdade.

4.1 A interseccionalidade como ferramenta analítica dos grupos masculinistas no Brasil

Ao longo de nossa pesquisa, diante das transformações que são inerentes ao processo de construção do conhecimento, nos aproximamos cada vez mais da interseccionalidade como suporte teórico e metodológico. Tal estreitamento, em conjunto com a realidade por nós estudada, nos levou a conjecturar novas possibilidades de análise, como a de pensar a interseccionalidade de determinadas características dos grupos masculinistas e dos ataques dirigidos à Lola Aronovich.

Nesse contexto, a discussão acerca da constituição das identidades aparece entrelaçada com os temas alusivos à interseccionalidade. Assim, “O vasto corpo de estudos no interior da interseccionalidade, envolvendo o tema das identidades individuais como interseccionais e performativas, mudou o significado de identidade de algo que se tem para algo que se constrói” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 187-8). Destacamos que há um embate no campo epistemológico sobre o foco na identidade, e ainda que não seja nosso objetivo esmiuçá-la, consideramos

importante abordar as principais críticas e em contraponto, o porquê pensar as identidades no âmbito do nosso estudo se torna um movimento importante.

Em primeiro lugar, aponta-se frequentemente que a política identitária é separatista e fragmentária, e por consequência a interseccionalidade se torna culpada por associação: ela supostamente dividiria os grupos em subgrupos cada vez menores. Ainda, argumenta-se que a política identitária valoriza o reconhecimento cultural em detrimento da redistribuição econômica. Uma terceira crítica permeia a política de vitimização, ou seja, as pessoas que reivindicam políticas identitárias se apegam a algum tipo de status de vítima – como mulheres, pessoas negras ou com deficiência – como base para suas reivindicações separatistas em favor de reconhecimento, por esse argumento, a política identitária desempodera as pessoas oprimidas porque as encoraja a se agarrar ao status de vítima (COLLINS; BILGE, 2021).

Em oposição às criticadas supracitadas, acreditamos, como ressalta Akotirene (2018, p. 24), que "A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. " Além disso, que a interseccionalidade situa tanto a questão da redistribuição econômica, quanto a articulação entre as outras categorias que não se mostram fixas e isoladas, o que tem sido realizado por diversos trabalhos.

> Por exemplo, o estudo de caso sobre os motivos pelos quais as mulheres negras no Brasil sentiam que precisavam de um movimento de mulheres negras fala desse uso da identidade. As políticas identitárias vivas desse grupo não eram separatistas: elas valorizavam tanto o reconhecimento cultural (o respeito a elas enquanto mulheres afro-brasileiras) quanto a redistribuição econômica no Brasil (COLLINS; BILGE, 2021, p. 204)

Isso posto, partimos para pensar um outro caminho identitário, pois a identidade não se torna apenas objeto de luta daqueles que buscam a justiça social, mas também para aqueles que a utilizam como forma de impor e afirmar a sua supremacia e para reiterar desigualdades. Assim, a bandeira do cisheteropatriarcado e da branquitude, aparece como elementos fundamentais na constituição de grupos masculinistas.

> Ironicamente, os populistas de extrema direita se organizaram para apoiar essas mesmas relações de poder, usando ferramentas semelhantes em favor de uma agenda política conservadora. A ascensão do populismo de extrema direita, que promove políticas públicas contra imigrantes, mulheres, pessoas negras e de minorias raciais/étnicas, pode ser vista como uma forma de política identitária que também agrega ideias de raça, gênero, sexualidade,

> capacidade e cidadania. De fato, as expressões “política identitária branca” e “nacionalismo branco” passaram a ser cada vez mais utilizadas pelo público depois da eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos (COLLINS; BILGE, 2021, p. 187).

Do ponto de vista de uma análise racial, percebemos que embora este seja um pacto implícito nos grupos masculinistas, ainda carecemos de pesquisas que nos demonstrem essas articulações de modo mais explícito, pois ainda que semelhanças aos movimentos estadunidenses possam ser observadas, o contexto social brasileiro precisa ser melhor elucidado.

Por fim, a análise interseccional, como forma de leitura das desigualdades sociais, refere-se à distribuição do poder e dos recursos da sociedade entre todas as posições, seja dos grupos marginalizados (aos quais está vinculada historicamente esta teoria), mas também daqueles que ocupam posições dominantes em distintas ordens sociais (VIGOYA, 2018). Além disso, “O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica promove uma concepção mais ampla de como formas heterogêneas de violência contribuem para a desigualdade e a injustiça social” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 72). Destacamos que ao pensar as estratégias dos grupos masculinistas, a violência é um elo de suas ações, assim, se torna importante discutir que

> A violência pode ser analisada tanto pela maneira como atravessa os sistemas de poder interseccionais como pela maneira como é organizada entre os domínios do poder. Em contextos sociais variados, o uso ou ameaça de violência é central nas relações de poder que produzem desigualdades sociais. Uma análise interseccional revela não apenas como a violência é entendida e praticada dentro de sistemas fechados de poder, mas também como constitui um fio comum que liga racismo, colonialismo, heteropatriarcado, nacionalismo e capacitismo. Ao questionar como as formas de violência dentro de sistemas separados podem de fato se interconectar e se apoiar mutuamente, a estrutura analítica da interseccionalidade abre novos caminhos de investigação. Como a violência tem sido uma preocupação para feministas, lideranças antirracistas, intelectuais, lideranças comunitárias e profissionais de diversos campos de estudo, a investigação e a práxis interseccionais oferecem uma compreensão mais sólida da violência (COLLINS; BILGE, 2021, p. 79).

Ainda abordando as questões da violência, tratamos no tópico seguinte a forma como os grupos masculinistas utilizam categorias que podem ser lidas pela via interseccional para atacar Lola Aronovich em uma tentativa de desumanizá-la.

4.2 Lola entre as intersecções: as categorias utilizadas nos ataques recebidos que visam a sua desumanização

Quando observamos os ataques direcionados à Lola Aronovich, que abordamos na seção anterior da tese, percebemos que algumas categorias são utilizadas para mobilizar as ofensas. Estas ofensas focalizam características de seu corpo gordo, idade, por não exercer os papeis que acreditam ser da mulher, como da maternidade, apontando para uma não conformidade com os papeis de gênero que acreditam ser os adequados à norma.

Nesse viés, a norma reitera os padrões de comportamento, pois "A representação do sexo, então, além de construir corpos e moldá-los em formas preconcebidas, é caminho de assujeitamento, pois só se encontra na ordem do discurso quem dele não destoa. Só é verdadeira, a mulher, no singular que seduz e procria" (SWAIN, 2008, p. 400).

Conforme aponta os trechos abaixo, extraídos da postagem "Nenhuma mulher pode querer não ter filho", Lola aponta que foram criados fóruns por masculinistas para discutir sobre as razões que a levaram a não ser mãe, o que na visão deles é inconcebível, pois seria papel da mulher a reprodução e educação de filhos.

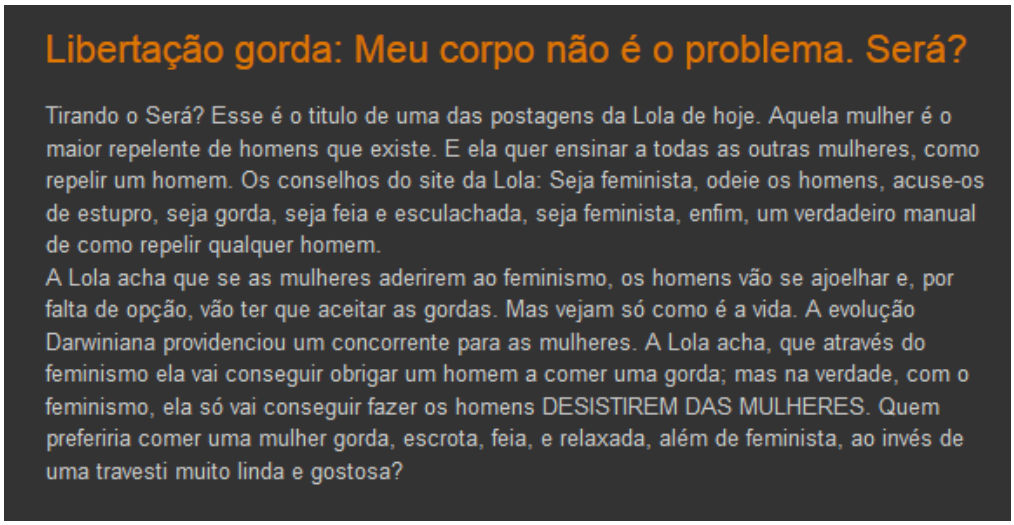
> Mascus não têm muitos outros assuntos que não sejam falar de mim. E eles têm certeza que sabem mais da minha vida do que eu mesma. Então eles abriram um fio para discutir por que eu não tinha filhos. Sabe, não adianta escrever vários textos explicando que eu e meu maridão há 25 anos nunca quisemos, que nunca fez parte do nosso projeto de vida, que eu jamais pensei em ser mãe, nem quando eu era criancinha, que estamos muito bem assim, obrigada. Nesta terra machista de maternidade compulsória, não existe isso de mulher escolher não ser mãe. É sempre ela não pode, ela tem algum problema (e não é incrível como a cobrança pro homem é muito menor?).[...] Bom, vejamos as hipóteses mirabolantes dos maiores fracassados da internet para explicar por que eu, euzinha, não tenho filhos. "Todo mundo sabe que a Lola não tem filhos, mas eu me pergunto, será que ela não tem uma tara maníaca de fazer um aborto atrás do outro? Pois eu acho muito difícil que uma mulher que tem quase 60 anos e é casada nunca tenha tido um filho. É claro que ela teve, mas o seu desejo feminista não deixa o filho se desenvolver e ela sempre acaba fazendo o aborto da criança por questões ideológicas. Ela já deve ter feito no mínimo uns 20 abortos."[...] "Ela não teve filhos nem uma vida de mulher honrada e decente para poder investir na 'carreira'. Sim, nessa patacoada de feminismo patusco e mixuruca que baba todos os dias na internet é uma compensação para o fato de que não conseguir ter realizado o mínimo que se espera de uma mulher. Ser mãe, cuidar e educar uma pessoa

> para que esta possa continuar o legado de sua família e da própria raça humana no mundo." (ARONOVICH, 2015, on-line).

Além disso, “A própria designação de feminilidade aos corpos femininos, como se fosse propriedade natural ou necessária, ocorre no interior de um enquadramento normativo em que a designação da feminilidade para a condição de fêmea é um dos mecanismos que produzem o próprio gênero” (BUTLER, 2022, p. 26).

Além disso, em um dos chans masculinistas, Lola encontrou o seguinte comentário, que perpassa sua aparência e de outras feministas. O enfoque ao corpo gordo como sendo abjeto, fora do humano, aparece tanto na postagem (imagem 19), quanto em ilustrações produzidas sobre o corpo de Aronovich (imagem 20).

Figura 19: Captura de tela de chan masculinistas.



Fonte: Blog “Escreva Lola Escreva”. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/search?q=mascus+feminina. Acesso em: 23 jun. 2023

Figura 20: Imagem da desciclopédia que ilustraria Lola Aronovich

Fonte: Desciclopédia. Acesso em: 23 jun. 2023

Conforme aponta Judith Butler, no sentido da violência e desumanização dos corpos,

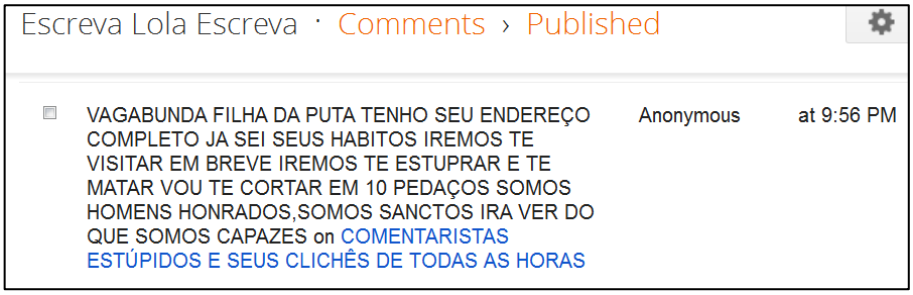
> O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência. O corpo pode ser a agência e o instrumento de tudo isso ou o local onde "fazer" e "ser feito para" se tornam equívocos. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os mesmos corpos pelos quais lutamos nem sempre são apenas nossos. O corpo tem invariavelmente uma dimensão pública; se constitui como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu (BUTLER, 2022, p. 43).

O escrutínio público que se produz sobre o corpo de Lola visa situá-la abaixo do humano ao animaliza-la, sendo assim, "as normas que governam a anatomia humana idealizada operam no sentido de produzir um senso diferencial de quem é e não é humano, de quais vidas são e não são vivíveis" (BUTLER, 2022, p. 17). E ainda:

> o humano é diferencialmente entendido de acordo com sua raça, a legibilidade dessa raça, sua morfologia, a reconhecibilidade dessa morfologia, seu sexo, a verificabilidade perpétua desse sexo, sua etnia, o entendimento categórico dessa etnia. Algumas pessoas são reconhecidas como menos que humanas, e essa forma de reconhecimento qualificado não conduz a uma vida vivível. Algumas sequer são reconhecidas como humanas, e isso leva a mais outra ordem de vida não-vivível. (BUTLER, 2022, p. 13)

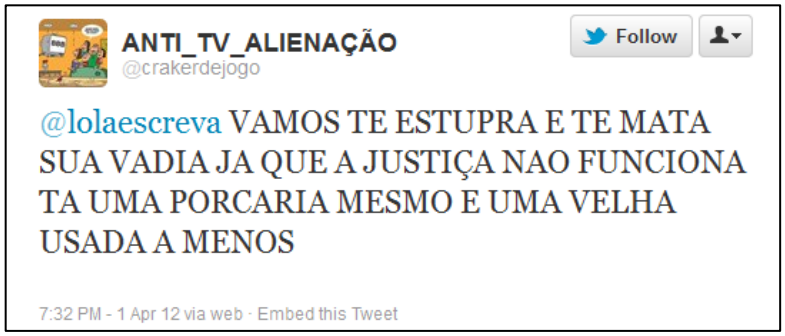
Nesse contexto, vemos a ameaça de morte e do estupro sendo levadas a todo instante como um lembrete da vigilância a que ela e seu discurso no blog são submetidos, conforme demonstram as figuras 21 e 22.

Figura 21: Ameaça dirigida à Lola Aronovich



Fonte: Blog "Escreva Lola Escreva". Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/search?q=amea%C3%A7a+estupro+mascus. Acesso em: 23 jun. 2023.

Figura 22: Captura de Tela de postagem no Twitter



Fonte: Twitter.com. Acesso em: 01 out. 2019.

A violência é o pior tipo de toque. É a maneira pela qual a vulnerabilidade humana aos outros seres humanos é externada em sua forma mais aterrorizante. É a forma pela qual somos entregues, sem controle, à vontade de outrem, na qual a própria vida pode ser eliminada pela ação voluntária de um outro. Na medida em que cometemos violência, estamos agindo sobre outro, colocando outros em risco, causando danos aos outros. E de certo modo, todos vivemos com essa vulnerabilidade particular, uma vulnerabilidade ao outro que faz parte da vida corpórea, mas, sob certas condições sociais e políticas, essa vulnerabilidade torna-se intensificada (BUTLER, 2022).

Além das ameaças físicas, ao sublinhar a questão etária, observamos como a idade é também um divisor de águas. A juventude, tão rápida, fugaz, tão fluida, cujas margens se alongam ou se retraem, segundo as condições de imaginação, de enunciação, das representações sociais do mundo, dos corpos, do humano. Para as mulheres, os valores são beleza (segundo rígidos padrões), juventude, magreza, a capacidade de sedução, normas que constroem os corpos femininos em um quadro de poder e inteligibilidade binária (SWAIN, 2003).

Ao apontar as categorias que esses grupos masculinistas acreditam ser atinentes à figura da mulher, vemos que há também um prenúncio de como a masculinidade deve ser forjada. Ainda que esses mesmos homens não atendam a essa demanda idealizada, eles também se alocam a partir de algumas categorias, conforme veremos adiante.

4.3 Análise dos grupos masculinistas em suas intersecções

Conforme apontam Amato e Fuchs (2022), as ideias contidas nos discursos masculinistas não ficam restritas ao espaço on-line. O ódio contra as mulheres e outras minorias políticas ganham força e terreno no corpo social como um todo, atravessando indivíduos, instituições, governos etc. Aparece, por exemplo, nos discursos que sugerem que a luta por direitos de determinados movimentos (LGBTQIA+, feministas, antirracistas, entre outros) seriam, na verdade, privilégios concedidos a esses mesmos grupos, pela ruptura que suas existências acabam produzindo nos pilares hegemônicos da cisheteronorma, da branquitude e da corponormatividade.

Rodrigues (2023) investigou em seu trabalho a organização “Dogolachan” (já citada em nossa seção 3 da tese) no *Telegram*[44]. A partir da pesquisa empreendida, localizou um canal (ainda no *Telegram*) batizado por extremistas como “Canais Fascistas BR” que, com o objetivo de criar uma rede de neonazifascista, catalogou uma lista de canais e grupos pertencentes a organizações brasileiras ao seu público-interlocutor. De todo esse catálogo, foram encontradas 267.661 contas inscritas e que situavam em duas categorias, a primeira de apologia direta ao nazifascismo e a segunda de apologia indireta ao nazifascismo (diálogo velado). Na primeira

[44] “O Telegram é um aplicativo de mensagens que foi criado pelos irmãos Durov, uma dupla de empreendedores da Rússia conhecida pela rede social VKontakte (VK), o "Facebook russo". Em 9 anos, se tornou um dos mais populares do mundo com mais de meio bilhão de usuários”. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/27/o-que-e-o-telegram-saiba-como-funciona-o-aplicativo.ghtml. Acesso em: 06 jul. 2022.

categoria, 27.744 contas participam de organizações que negam a existência do Holocausto e louvam os governos ditatoriais de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Nesses espaços, propagandas nazifascistas são compartilhadas, com o propósito de enaltecer valores que se ligam ao militarismo, à masculinidade e à aniquilação em massa. Formam-se bibliotecas digitais com livros baseados em negacionismos, racial-supremacismos e conspiracionismos. Na segunda categoria, 239.917 contas participam de organizações que ressignificam a imagem do povo negro como violento, inferior e caricato.

Ressaltamos que a legislação brasileira criminaliza tanto a discriminação ou preconceito racial, quanto a propaganda nazista:

> Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)
> Pena: reclusão de um a três anos e multa. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)
> § 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97) (BRASIL, LEI 7716/89).
> Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)
> § 2º Se qualquer dos crimes previstos neste artigo for cometido por intermédio dos meios de comunicação social, de publicação em redes sociais, da rede mundial de computadores ou de publicação de qualquer natureza: (Redação dada pela Lei nº 14.532, de 2023)
> Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 15/05/97).

Entretanto, a aplicabilidade da Lei é extremamente falha, seja nos casos que ocorrem fora dos ambientes on-line, vide as frequentes notícias com que nos deparamos cotidianamente, e ainda mais nos ambientes on-line, com a facilitada proliferação de espaços destinados ao ódio e violência e a escassa fiscalização desses discursos. Além disso, "a ascensão da extrema direita (a extrema direita digitalmente mediada) ao longo dos últimos anos mostrou que as redes transnacionalmente interligadas de neonazistas e grupos de extrema direita e simpatizantes também se beneficiam do recrutamento on-line" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 165). E conseguem cooptar cada vez mais os que se identificam com um ódio em comum, com o desejo compartilhado de aniquilação do outro:

> o Estado nazi é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar, que culminou no projeto da "solução final". Ao fazê-lo tornou-se o arquétipo de uma formação de poder que combinava

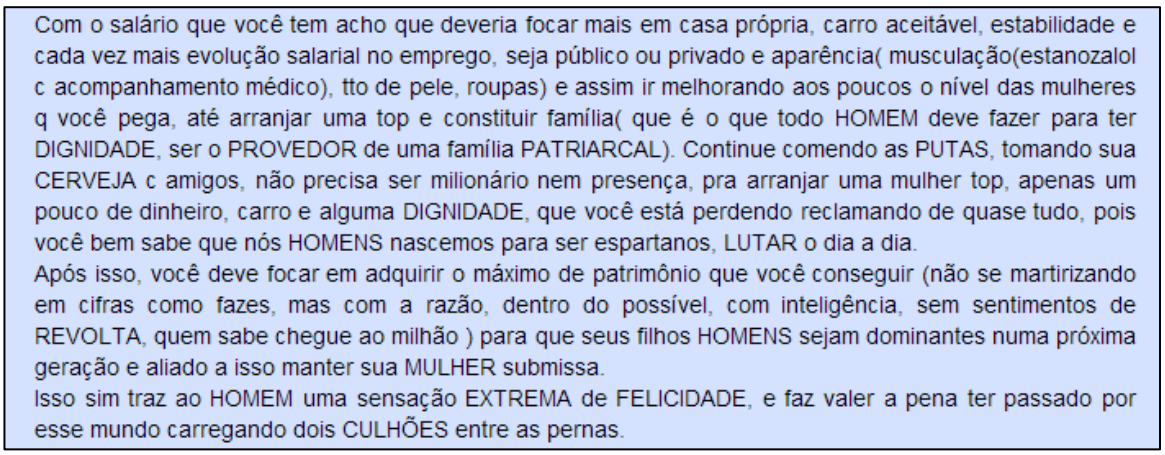
> as características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicidário (MBEMBE, 2018, p. 19).

Nesse Estado racista e nazista que se almeja, articulam-se os ideais de branquitude e de supremacia branca juntamente com outros elementos, como de classe. Há uma nítida percepção de que até os brancos mais pobres se beneficiaram dos períodos escravagistas, além da permanência atual dos privilégios, em que a população branca ocupa os mais altos postos de trabalho, recebem os maiores salários, não são vítimas da violência como a população negra. Ainda, a literatura supremacista branca aponta que "a mistura de raças, gêneros, sexualidades e religiões contribui para a queda dos homens brancos das posições de superioridade econômica e política (COLLINS; BILGE, 2021, p. 87). Assim,

> Todas as outras classes, até as mais pobres, também se beneficiaram da elevação de padrão de vida, do desenvolvimento econômico e da transferência do trabalho pesado para as colônias, o que corroborou com a perspectiva de raça e classe desenvolvida por W. E. B. Du Bois nos estudos sobre branquitude, ou seja, mesmo os brancos pobres e a classe trabalhadora se beneficiam do legado da opressão racial. À medida que a Europa foi se expandindo pelo mundo e os europeus foram acessando e se apropriando dos recursos materiais e simbólicos dos "outros", a narrativa da branquitude foi sendo construída (BENTO, 2022, p. 29-30).

Além disso, em relação ao recorte de classe, há nesses grupos masculinistas um desejo pela prosperidade financeira como forma de ascensão social e também de possibilitar um suposto controle sobre as mulheres e seus corpos (Figura 23).

Figura 23: Texto de blogueiro masculinista sobre a ascensão social por eles idealizada.



Com o salário que você tem acho que deveria focar mais em casa própria, carro aceitável, estabilidade e cada vez mais evolução salarial no emprego, seja público ou privado e aparência(musculação(estanozalol c acompanhamento médico), tto de pele, roupas) e assim ir melhorando aos poucos o nível das mulheres q você pega, até arranjar uma top e constituir família(que é o que todo HOMEM deve fazer para ter DIGNIDADE, ser o PROVEDOR de uma família PATRIARCAL). Continue comendo as PUTAS, tomando sua CERVEJA c amigos, não precisa ser milionário nem presença, pra arranjar uma mulher top, apenas um pouco de dinheiro, carro e alguma DIGNIDADE, que você está perdendo reclamando de quase tudo, pois você bem sabe que nós HOMENS nascemos para ser espartanos, LUTAR o dia a dia.
Após isso, você deve focar em adquirir o máximo de patrimônio que você conseguir (não se martirizando em cifras como fazes, mas com a razão, dentro do possível, com inteligência, sem sentimentos de REVOLTA, quem sabe chegue ao milhão) para que seus filhos HOMENS sejam dominantes numa próxima geração e aliado a isso manter sua MULHER submissa.
Isso sim traz ao HOMEM uma sensação EXTREMA de FELICIDADE, e faz valer a pena ter passado por esse mundo carregando dois CULHÕES entre as pernas.

Fonte: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/04/os-unicos-blogs-mascus-que-ainda-crescem.html. Acesso em: 17 jan. 2024.

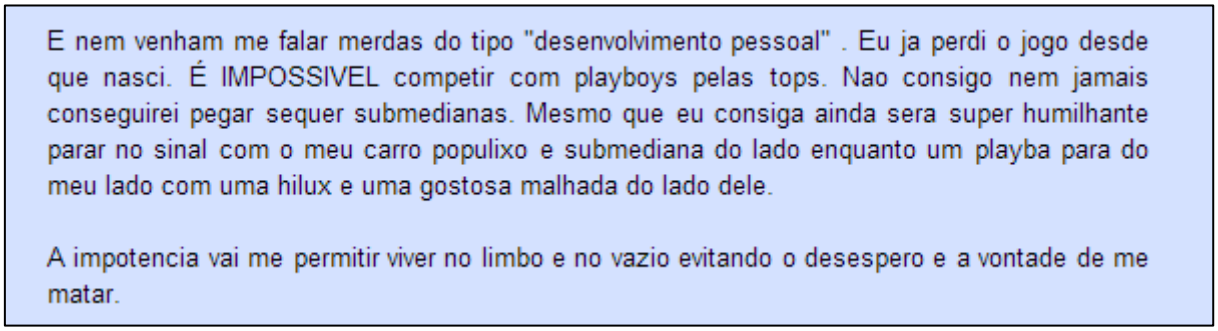
Concomitantemente, há um culto pela meritocracia com aporte do neoliberalismo, que

> pode funcionar como um tipo de política de masculinidade em grande medida por causa do papel poderoso do Estado na ordem de gênero. O Estado constitui relações de gênero de muitas maneiras, e todas as suas políticas de gênero afetam homens. Muitas políticas convencionais (por exemplo, questões de segurança e de economia) lidam substancialmente com homens ou servem aos interesses dos homens, sem que esse fato seja reconhecido (Bezanson e Luxton, 2006) (CONNEL, 2016, p. 108).

Também se observa que há um crescente sentimento de não realização das promessas meritocráticas. Esses mesmos homens narram em suas postagens como se sentem fracassados e aquém da idealização por eles criada de ocupar altos postos de trabalho e alavancar sua presença na sociedade, para finalmente sentirem-se recompensados (vide figura 24).

> a territorialização liberal (do enriqueça-se!, do *self-made man*, do capital humano etc.) se vê impossibilitada de realizar aquilo que prometera nas décadas de 1980-90. Forçosamente protecionista, o projeto neofascista encontra e alimenta o ressentimento, a frustração e os medos dos trabalhadores brancos, restabelecendo, por meio da manutenção da hierarquia sexual e da garantia de identidades, a nacionalização do emprego e do salário, o poder sobre os não assalariados e o controle sobre os desempregados (ALLIEZ; LAZZARATO, 2021, p. 403).

Figura 24: Fracasso de masculinistas frente ao sonho neoliberal



Fonte: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/04/os-unicos-blogs-mascus-que-ainda-crescem.html. Acesso em: 17 jan. 2024.

Nesse âmbito do ressentimento, da perda de um paraíso do privilégio outrora assegurado, para muitos desses homens as relações afetivas também estão imbuídas do ódio, que transparece pela via de situar a mulher enquanto aproveitadora, má, e que ao enriquecer, os homens teriam uma vingança restabelecida. Ou ainda, “Dói muito para eles não ter parceiras, porque a sociedade lhes diz que macho tem que ser pegador, que o valor deles (eles separam os

homens entre alfas e betas[45]) está associado à quantidade e variedade de sexo que fazem" (ARONOVICH, 2011, on-line).

O trabalho de Meira (2017), nomeado "Infiltrado no Chan: Economia e linguagem do ódio", apresenta uma análise das postagens do já citado "Dogolachan", onde comumente são encontrados excertos como o que está abaixo, em que um usuário do chan fala sobre a relação entre as mulheres e o dinheiro:

> Uma coisa que eu aprendi com o clipe de funk do pardo MC Modelo é que mulheres não se importam com você, e nunca se importaram. Mulher não tem alma nem vida ou raciocínio, mulher é pura merda. Você só começa a viver quando deixa de ser gado e fica um milionário, então cai 300000.00000.00000 bocetas molhadas pro seu lado. Afinal, a mulher não sente amor ou prazer sexual, ela só quer lhe golpear e roubar. O FUNK REPRESENTA MUITO BEM A MULHER BRASILEIRA (sic) (MEIRA, 2017, p. 81).

Com isso, vemos que:

> Basta reconhecer como as ofensas raciais ou de gênero vivem e se alimentam da carne daqueles a quem são endereçadas e como esses insultos se acumulam com o tempo, dissimulando sua história, assumindo a aparência do natural, configurando e limitando essa *doxa* a que chamamos de "realidade" (BUTLER, 2021, p. 260-1).

Para esses homens, há uma negativa em performar masculinidades outras, focam em um conceito de masculinidade que ultrapassa até mesmo o tido como hegemônico, que está "calcado nos modelos tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, qual seja, "machista, viril e heterossexual". Para Lola Aronovich "o sonho dos mascus não é apenas voltar aos anos 1950. É voltar ao tempo das cavernas" (ARONOVICH, 2016, on-line). Ou ainda,

> Mascus fantasiam um mundo apocalíptico em que as mulheres não teriam poder algum. Poderiam ser estupradas e mortas no meio da rua por qualquer homem (engraçado é que mascus creem que no mundo moderno em que vivemos mulheres não são estupradas nem mortas cotidianamente). Se você acha que estou exagerando, veja o

[45] De acordo com pesquisa anterior, na análise do blog "Pobre Diabo", formulamos a seguinte definição para a classificação produzida por esses homens: "Qualidades "alfísticas" são aquelas que compõe o arquétipo do homem "Alfa". De acordo com as gírias e expressões criadas pela real-masculinista, pelo autor do blog estudado e por seus usuários, os homens são classificados em três categorias: Alfas: homens bonitos, ricos, famosos e poderosos, que possuamos atributos elencados ou, pelo menos, algum(s) dele(s) e que seja capaz de atrair um número muito grande de mulheres bonitas e parceiras sexuais; Beta: homens feios, pobres, anônimos e solitários, socialmente inaptos, incapazes de atrair mulheres de beleza "padrão" ou ainda, qualquer tipo de mulher. Ômega: são os homens que, socialmente, vivem maior rechaço e exclusão social em virtude de estarem muito aquém dos padrões físicos ideais (muito magros ou obesos), e que não possuem nenhum ou quase nenhum atributo físico, econômico e social. (PONCIANO; AZEVEDO; SILVA; LIMA, 2019, p. 168).

> caso de jovens ocidentais indo lutar pelo Estado Islâmico (ARONOVICH, 2016, on-line).

Em um mundo idealizado por esses grupos, que mais se assemelha a uma distopia, vemos que alguns aspectos já habitam o real, como os estupros e violência a que são submetidas as populações que ocupam as posições mais vulneráveis da sociedade. Como as mulheres, que

> são dadas em casamento, ganhas nas batalhas, trocadas por favores, enviadas como tributo, comercializadas, compradas e vendidas. Longe de serem confinadas ao mundo "primitivo", estas práticas parecem apenas tornar-se mais afirmadas e comercializadas nas sociedades mais "civilizadas". Naturalmente, homens são também traficados – mas como escravos, prostitutos, estrelas do atletismo, servos ou com qualquer outro estatuto social catastrófico, antes que como homens. Mulheres são transacionadas, como escravas, servas e prostitutas, mas também simplesmente como mulheres (RUBIN, 1993, p. 10).

Outro aspecto que poderia parecer distante nos anos que se precederam, foi a eleição de uma figura como Jair Bolsonaro, o que trataremos no tópico seguinte, em sua articulação com o fascismo e o fortalecimento de movimentos envoltos pelo ódio.

4.4 Fascismo à brasileira: o contexto social do processo de recrudescimento do antifeminismo e da crescente ansiedade sexual

Iniciamos com o entendimento que o processo histórico que culmina com o golpe de Dilma Roussef em 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 não terá o objetivo de ser aqui esgotado. Muitos antecedentes conjunturais deram corpo a essa nova ascensão da direita no Brasil. Passando pelas heranças coloniais do país, Ditadura Militar etc. Entendemos também, que o nazifascismo esteve presente nos anos que sucederam, assim como os grupos masculinistas, mas até então não encontravam suporte do Estado, como quando observamos com a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder.

O ano de 2013 também se torna marcante para a compreensão desse processo. Quando um grande contingente de manifestantes brasileiros ocupa as ruas, vemos ali o surgimento de grupos com perfis diferenciados, de cunho mais liberal e com forte oposição aos partidos de esquerda do país, como o Movimento Brasil Livre (MBL)[46]. Com isso, vemos o avanço desse

[46] Conforme aponta matéria do Jornal El País, O MBL "nasceu com o objetivo de mobilizar as ruas a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), de pregar o liberalismo econômico e exigir o combate à

conservadorismo, que culminou no resultado das eleições de 2018, em que uma perseguição aos movimentos sociais e igualitários foi intensificada e legitimada pelos setores governamentais. Percebemos uma intensificação da noção de que esses "outros" era uma ameaça, sendo a própria ideia do "outro" uma das bases de um pensamento fascista. "O sintoma mais marcante da política fascista é a divisão. Destina-se a dividir uma população em "nós" e "eles". (STANLEY, 2022, p. 15). Ainda,

> Normalmente, a filosofia do populismo de extrema direita afirma representar os interesses de um segmento que representa "o povo" e se sente excluído ou preterido nas políticas sociais. Ela identifica esse grupo como as cidadãs e os cidadãos mais desejáveis, legítimos e patriotas; acusa os "outros" de se aproveitarem indevidamente do grupo eleito e do Estado-nação. Em geral esses "outros" compreendem grupos raciais/étnicos, minorias sexuais, migrantes sem documentos, pobres, mulheres e crianças. Esse modo de pensar baseado em um nós/eles identifica um segmento da população considerado digno dos benefícios da cidadania plena e relega todos os outros a um status inferior. Distingue um nós "merecedor" de outros "não merecedores". O populismo de extrema direita também identifica uma elite que considera cúmplice do declínio da identidade nacional e traidora do interesse nacional, porque favorece interesses de pessoas indignas, em detrimento do interesse genuíno do grupo eleito. Em geral, o populismo de extrema direita acusa intelectuais, servidores públicos, partidos políticos e jornalistas de serem cúmplices da deterioração do Estado e, por consequência, de seu próprio grupo (COLLINS; BILGE, 2021, p. 182-183)

Aqui, ao falarmos sobre a justiça social em sua relação com o Estado, surgem alguns questionamentos centrais "em que medida o populismo de extrema direita promove a injustiça social, e isso precisa ser perguntado e respondido de maneira historicamente específica (COLLINS; BILGE, 2021, p. 182)" e mais, "qual pode ou deve ser o papel do Estado nação? Aqui, o contexto social é muito importante. O Estado é o maior defensor das iniciativas de justiça social, o maior inimigo das iniciativas de justiça social ou tanto amigo como inimigo – ou nem uma coisa nem outra?" (COLLINS; BILGE, 2021, p. 184-185).

Durante o governo Bolsonaro observamos em seus discursos e de sua equipe de governo um frequente ataque à população negra e indígena, LGBTQIA+, mulheres, aos intelectuais e Universidades, além de promover uma incerteza constante em relação às políticas sociais que visavam a diminuição da desigualdade social.

Os que estão envoltos no discurso fascista justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico em que deseja se apoiar e retornar. Eles

---

corrupção." Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html>. Acesso em: 01 jul. 2019.

reescrevem a compreensão geral da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando universidades, intelectuais e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado. Nesse contexto, qualquer progresso para um grupo minoritário faz nascer os sentimentos de vitimização na população dominante. A política da lei e da ordem tem um apelo de massa, lançando o "nós" – cidadãos legítimos – contra "eles", criminosos sem lei cujo comportamento representa uma ameaça existencial à masculinidade da nação. A ansiedade sexual também é algo típico da política fascista, visto que a hierarquia patriarcal é ameaçada pela crescente igualdade de gênero (STANLEY, 2022). Nesse contexto,

> Em março de 2018, o atentado à vereadora Marielle Franco, assassinada em plena rua com seu motorista Anderson Pedro Gomes, foi um prenúncio da vitória do pior no Brasil. O poder masculinista, virilista, patriarcal e amigo do neoliberalismo não hesitaria em assassinar em público uma figura da oposição negra e *queer*. As crescentes incitações ao estupro em redes sociais voltadas para as feministas decoloniais, mulheres queer e pessoas trans na índia, na América do Sul, nos Estados Unidos, na Europa e na África indicam a fúria do patriarcado. Em todos os lugares, ameaças, insultos, difamação, assédio sexual, violência sexual, estupro e censura são usados como forma de intimidação e como um chamado à ordem (VERGÈS, 2020, on-line).

A necessidade de controle sobre os corpos que fogem à norma, que se insurgem contra o estabelecido ganha ainda mais corpo em um momento de retomada do fascismo. A ansiedade sexual passa a constar nos discursos com mais frequência, na ameaça à violência e na suposta defesa da família. Vale frisar que "Discussões sobre o comportamento sexual muitas vezes são meios de esquivar-se de preocupações sociais e descarregar as tensões sociais que as acompanham. Assim sendo, a sexualidade devia ser tratada com especial cuidado em tempos de grande *stress* social" (RUBIN, 2003, p. 02).

Um questionamento que nos fazemos é de como a sexualidade passa a estar tão presente nos discursos governamentais, desencadeando tentativas frustradas de estabelecer um retorno a um passado idealizado. Neste quadro,

> juntamente com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produtos da atividade humana. Elas são permeadas por conflitos de interesses e por manobras políticas, tanto deliberadas como acidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há também períodos históricos em que as disputas

> em torno da sexualidade são mais acirradas e mais abertamente politizadas (RUBIN, 2003, p. 02).

Ao retomarmos como historicamente a sexualidade passa a ser um campo de disputas e entendida como um dispositivo, recorremos a Foucault (1988), que enuncia que foi marcante a passagem no século XIX de uma sociedade que se pauta na simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade. A primeira se encontra ao lado da lei, da morte, da transgressão, do simbólico e da soberania; já a sexualidade aparecerá ao lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações.

Neste sentido, o filósofo questiona os motivos que levaram a estabelecer a sexualidade como campo estratégico fundamental. Para ele, isso decorre da necessidade do controle disciplinar de âmbito individual, o que requer permanente vigilância sobre o corpo, seja no ambiente familiar, escolar e nos demais espaços, algo que já se iniciava na tenra infância. Por outro lado, a sexualidade se destaca por seus efeitos de procriação, em processos de caráter biológico que não concernem ao corpo uno, do indivíduo, mas a essa unidade múltipla que se constitui pela população, mostrando que a sexualidade se encontra no campo da disciplina e da regulamentação entre corpo e população (FOUCAULT, 2005). A partir disso,

> A análise de Foucault se inicia a partir de um paradoxo: as proibições e regulamentações dos comportamentos sexuais, ditados por autoridades religiosas, legais ou científicas, longe de constranger ou reprimir a sexualidade, produziram-na e continuam a produzi-la, da mesma forma que a máquina industrial produz bens e artigos, e, ao fazê-lo, produz relações sociais (LAURETIS, 1987, p. 220).

No século XIX, vemos ainda, o fortalecimento das ciências psi e do saber-poder da medicina, o que se estende para os domínios do entendimento do indivíduo compreendido como corpo e mente. Neste sentido, o sujeito tido como anormal, seja no âmbito da loucura, da criminalidade, ou do que se caracterizava enquanto desvio sexual, será esmiuçado pelo aparato científico, sob a lógica da normalização. “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 2005, p 302). Neste prisma, é possível vislumbrar como se moldam as condutas, partindo de um processo de disciplinarização que irá se espraiar além da anátomo-política, em uma nosopolítica da população:

> A extrema valorização médica da sexualidade no século XIX teve, assim creio, seu princípio nessa posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Daí também a ideia médica

> segundo a qual a sexualidade, quando é indisciplinada e irregular, tem sempre duas ordens de efeitos: um sobre o corpo, sobre o corpo indisciplinado que é imediatamente punido por todas as doenças individuais que o devasso sexual atrai sobre si. Uma criança que se masturba demais será muito doente a vida toda: punição disciplinar no plano do corpo. Mas, ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, pervertida, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima (FOUCAULT, 2005, p. 300-1).

A Inglaterra e os Estados Unidos viveram um período de extremo controle sobre os corpos no final do século XIX. Nessa época, movimentos sociais preocuparam-se com "vícios" de todo tipo. Havia campanhas educacionais e políticas para promover a castidade, eliminar a prostituição e desestimular a masturbação, especialmente entre os jovens. Atacavam ainda, a literatura pornográfica, os nus na pintura, o aborto, informações sobre controle de natalidade e casas de dança. A consolidação da moralidade, assim como o aparato social médico e jurídico que a respaldavam, eram consequência de um longo período de luta, cujos resultados, desde então, têm sito objeto de uma disputa feroz. As consequências desses grandes paroxismos morais do século XIX ainda estão presentes entre nós. Elas deixaram uma marca profunda nas atitudes em relação a sexo, nos procedimentos médicos, na educação das crianças e jovens, nas preocupações dos pais, na ação da polícia, na legislação sobre sexo (RUBIN, 2003).

Assim, torna-se possível compreender a importância que terá o sexo como foco de uma disputa política, visto que este se encontra na articulação das disciplinas do corpo, por meio do adestramento, economia das energias e intensificação das forças (estas práticas recorrem a vigilâncias infinitesimais, controles constantes, ordenações espaciais de extrema meticulosidade, exames médicos ou psicológicos infinitos); e da regulação das populações, pois demanda efeitos em âmbito total (por meio de estimativas estatísticas e intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente) (FOUCAULT, 1988).

Adentramos, então, a perspectiva da sexualidade enquanto dispositivo de poder. Sobre ele assim escreve Foucault (1988, p. 144): "É o dispositivo da sexualidade que, em suas diferentes estratégias, inaugura essa ideia "do sexo"; e o faz aparecer, sob as quatro grandes formas – da histeria, do onanismo, do fetichismo e do coito interrompido" (FOUCAULT, 1988, p. 144). Por conseguinte, os corpos serão averiguados a partir da externalização de seus desejos e das proibições que recaem sobre os sujeitos, visando a patologização daquilo que foge à norma, levando à noção de que: "O sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento" (FOUCAULT, 1988, p 145).

Neste emaranhado, recai sobre a mulher, um processo de histerização, em que o feminino se encaixa sempre enquanto segundo elemento. O que pode ser percebido a partir destas três enunciações: o sexo como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; como algo atinente ao homem e que falta à mulher, e por fim, como exclusivo da mulher, mas inteiramente voltado para a reprodução (FOUCAULT, 1988).

Nesse viés, o sistema de sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a sujeitos dentro da sociedade. Assim, a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação (LAURETIS, 1987).

Ao analisar a década de 1980 nos Estados Unidos, Gayle Rubin (2003) demonstra as similaridades com o século XIX e ao compararmos esse panorama com o Brasil de Jair Bolsonaro, vemos que há fortes similaridades. A autora demonstra que por todo um século, nenhum meio para despertar uma histeria erótica foi mais eficiente que conclamar as pessoas para proteger as crianças. A onda de terror erótico penetrou mais fundo nas áreas que abordam a sexualidade dos jovens. Como exemplo, o lema da campanha pela renovação das leis do condado de Dade era "Salvem Nossas Crianças[47]" de um suposto aliciamento homossexual. Nessa conjuntura, a Nova Direita e a ideologia neoconservadora atualizaram esses temas e apostaram na estratégia de associar comportamento sexual "imoral" ao suposto declínio do poder da nação americana, havia até mesmo uma acusação de que culpabilizar os homossexuais pela suposta incapacidade de enfrentar os russos. Assim, estabelecia-se uma clara relação entre a luta anti-gay no âmbito nacional e as lutas anticomunistas na política externa. (RUBIN, 2003). Vale lembrar, que a luta contra um suposto espectro comunista foi lema de campanha de Jair Bolsonaro e que o lema de proteger as crianças estava presente em inúmeros discursos, incluindo os da ex Ministra Damares Alves. Gayle Rubin ainda aponta que a oposição da ala direita à educação sexual, à homossexualidade, à pornografia, ao aborto e ao sexo antes do casamento passou para o centro da arena política a partir de 1977 nos EUA, quando os estrategistas da direita e os fundamentalistas religiosos descobriram que as massas eram muito receptivas a esses temas.

[47] Salvem Nossas Crianças (*Save Our Children.*) foi uma coalizão política formada em 1977 em Miami, EUA, para revogar uma lei aprovada no condado que acabava com a discriminação nas áreas residenciais, empregos e acomodações públicas baseada em orientação sexual. A coalizão foi publicamente liderada pela cantora Anita Bryant, que alegava que a lei discriminava seu direito de ensinar a moralidade bíblica a suas crianças. Foi uma campanha que iniciou uma forte disputa política entre ativistas gays e cristãos fundamentalistas. Quando a rejeição da lei foi a voto, atraiu o maior quórum já visto numa eleição especial do Condado de Dade, sendo a lei rejeitada por mais de 70%. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Save_Our_Children. Acesso em: 10 jul. 2023.

Ao pensarmos no Brasil, vemos que as similaridades são evidentes, o que também acarretou em um retorno a uma pauta dos costumes, na tentativa de proibição de abordar assuntos atinentes à gênero e sexualidade e no retrocesso de políticas públicas para proteção das camadas mais vulneráveis da população.

4.5 Alguns apontamentos acerca do papel da Educação no debate sobre gênero e sexualidade e na prevenção de grupos masculinistas

Um dos espaços formais que sofreu com o cerco de controle na abordagem sobre gênero e sexualidade, foi a escola. Pulularam nos últimos anos Projetos de Lei, discursos imbuídos de uma tentativa de controlar os discursos de professores e de intelectuais, tendo em vista impedir sua ação em escolas e universidades.

É importante lembrar que o direito à educação para a igualdade de gênero, raça e identidade de gênero tem base legal na Constituição Brasileira (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), nas Diretrizes Nacionais de Educação e Diversidade, nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (art. 16) e na Lei Maria da Penha (2006). Além disso, esse direito também está previsto nos tratados internacionais de direitos humanos com peso de lei dos quais o Brasil é signatário: a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino (1960), a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1968) e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), entre outros (GÊNERO E EDUCAÇÃO[48], on-line, 2018).

Dentro das metas da ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável[49]) estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e que compõem uma agenda para implementação de ações de 2015 até o ano de 2030 (e que estão sendo utilizadas em materiais como o Currículo Paulista[50]) o objetivo 5 trata:

> 5. Igualdade de Gênero
> Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
> Meta 5.1: Nações Unidas: Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte.

[48] Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/folder_direitoigualdadegeneroescola_semmarcas.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.
[49] Disponível em: https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html. Acesso em: 10 jun. 2023.
[50] Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/tag/ods/. Acesso em: 09 jul. 2023

> Brasil: Eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas (ONU, 2015, on-line).

Observamos na perspectiva adota pela ONU que a prática da interseccionalidade pode ajudar a promover as discussões entorno das desigualdades supracitadas e auxiliar no âmbito escolar no aporte teórico e metodológico dessa tarefa. Em sinergia com a educação crítica, a interseccionalidade compartilha três pontos: "ambas trabalham, sobretudo, com a escolaridade e a educação formal como principal lugar institucional de sua prática; e, tanto para uma como para a outra, navegar pelas diferenças é parte importante do desenvolvimento da consciência crítica" (COLLINS; BILGE, 2021, p 221).

Para nós, os trabalhos de Paulo Freire são extremamente potentes para tratarmos dessas questões. Conforme demonstram Collins e Bilge (2021), os oprimidos de Paulo Freire no Brasil do século XX são análogos aos de hoje: sem-teto, sem-terra, mulheres, pobres, pessoas negras, minorias sexuais, indígenas, imigrantes sem documentos, indivíduos em cárcere, minorias religiosas, jovens e pessoas com deficiência. O uso que Freire dá aos conceitos de "opressão" e "oprimido" evoca desigualdades interseccionais de classe, raça, etnia, idade, religião e cidadania. Por essa escolha de palavras, ele vincula as necessidades das pessoas oprimidas aos apelos em favor da justiça social. Com Paulo Freire também destacamos como uma abordagem bancária da educação pode reforçar as desigualdades sociais existentes, fazendo com que alguns estudantes tenham mais oportunidades que outros. Por exemplo, em sociedades que veem as meninas no futuro apenas como cuidadoras, esposas e mães, não faz tanto sentido lhes dar uma escolaridade formal. O recurso escolar é "desperdiçado" com elas, com habilidades que nunca usarão. Por fim, conforme demonstra a concepção bancária criticada por Paulo Freire, essa exige que os alunos aceitem acriticamente e, assim, reproduzam o lugar que lhes foi atribuído na hierarquia social. Seguindo essa lógica, não apenas as escolas ensinam aos homens brancos de elite que eles são melhores que todas as outras pessoas, como as escolas enquanto instituição são criadas para fornecer um capital cultural a esse grupo, para que possam cumprir esse objetivo.

No contexto brasileiro atual, torna-se ainda mais importante trazer à tona essas questões. Vivenciamos nos últimos anos um cooptação crescente de jovens pelos discursos autoritários e de pendor neofascista, o que pode ser observado no incremento dos ataques e massacres realizados em escolas. Como resposta a isso, vemos mais uma vez a tentativa de militarização dos espaços e o refinamento do controle dos corpos, entretanto:

> A inserção nas escolas de artefatos de segurança, tais como catracas, detectores de metais, dispositivos de identificação facial e seguranças armados, não vai enfrentar o impacto do ultrarreacionarismo extremista nos jovens e, pelo contrário, tende a aumentar as ameaças, pois afetará clima escolar – tornando-o potencialmente mais insalubre –, além de tornar a escola um espaço ainda mais relevante em termos de propaganda extremista, ocasionando riscos de novos atentados (CARA, 2022, p. 20).

Nesse sentido, é fundamental que órgãos de inteligência ligados às forças de segurança monitorem sites, redes sociais, comunicadores instantâneos e fóruns anônimos, e mantenham canais de comunicação direto com as escolas e redes públicas de ensino. E no âmbito da escola, é preciso garantir que esta seja espaço de liberdade, criação, criatividade e criticidade, que funcione a luz dos princípios constitucionais, protegida das ameaças, acusações e interferências de agentes externos no desenvolvimento da sua função social de formação totalizante dos sujeitos. Por fim, a formação que combata o impacto do ultrarreacionarismo e previna a cooptação dos jovens pelos grupos extremistas, não será possível em escolas militarizadas e/ou transformadas em local de confinamentos e punição. O ambiente escolar deve ser saudável e acolhedor, com foco no acolhimento da diferença e criticidade (CARA, 2022).

No entanto, romper com os processos de captura das subjetividades, produzidos pelo contexto autoritário contemporâneo, requer mais do que os discursos bem intencionados e, muitas vezes, conciliadores. O desafio parece estar mesmo em compreender os meandros destes processos que nos conduziram a esse estado de coisas. O passo seguinte é entender como funcionam os mecanismos que sustentam o ódio contra aquelas e aqueles que se situam foram da lógica do poder higienizante e pacificador, o qual advoga a prerrogativa de manter a ordem a qualquer custo. Faz isso promovendo o medo, o preconceito, o machismo, o racismo e a misoginia, ao mesmo tempo em que estabelece as linhas a partir das quais se definem o anormal e patológico sobre os qual recai o rigor da lei e da normalidade, como forma de anular, eliminar ou, no limite, enquadrar todas as vidas narradas como inferiores e desviantes.

Nesse sentido todas as formas de resistências e de desvios das normas são tratadas como afronta à moral e à ordem, portanto perigosas para o corpo social. É contra essas subjetividades, performances e aberturas que estas vidas produzem que se dirigem a ferocidade do poder autoritário, em suas diferentes frentes de atuação e violência. Isso configura, afirma Edson Teles (2018, p. 71), “uma guerra de subjetivação” que atua, continua o autor, "contra as subjetividades das experimentações de múltiplas práticas, dos habitantes dos morros e das periferias, dos afetos proibidos e das anormalidades.” Este talvez seja o campo mais árduo das lutas e das disputas

sobre o qual não se tem, efetivamente, nenhum controle. E é nesse lugar que atuam os masculinistas, assim como o variado espectro de narrativas que tem posto em risco a democracia.

Além dos dois desafios acima colocados, um terceiro também se anuncia: o que fazer e como enfrentar esse estado de coisas? O presente trabalho não se propõe a responder a essas questões. Ou pelo menos não o faz de forma direta e incisiva. Ao pensarmos estas questões na perspectiva das possibilidades do que a escola pode fazer, talvez valesse a pena retomar aquela emblemática exigência ética de Theodor Adorno, que se encontra na conferência "Educação após Auschwitz". Afirma o autor: "A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita" (ADORNO, 1995, p. 119). Esta constitui uma exigência que soa como um imperativo ético, o qual dispensa qualquer justificativa ou escapa a qualquer demanda especulativa. No entanto, o próprio Adorno reconhece que a pouca consciência que se tinha à época sobre o que havia acontecido, e que persiste ainda até nossos dias, prova o quanto a violência ali praticada "não calou fundo nas pessoas". O que significa que a repetição de Auschwitz constitui uma possibilidade iminente. Aliás é o que se confirma dia após dia em diferentes contextos mundiais.

Obviamente, que não se trata de pensar a repetição de Auschwitz nos termos do que ocorreu na Alemanha, posto que os contextos histórico, social, econômico e cultural são diferentes, mas de pensarmos ou nos interrogarmos acerca do que tornou possível a barbárie de Auschwitz e que tem ressonância na reincidência da barbárie atual. Adorno (1995) é incisivo na indicação de alguns aspectos que talvez nos ajudem a pensar uma educação contra a barbárie. Primeiro: que se fizesse um estudo sobre a personalidade dos algozes nazistas, em se buscasse saber que pais tiveram, que escolas frequentaram e que formação receberam. Compreendendo a educação que esses sujeitos receberam, poderíamos, assim, evitar repeti-la. Segundo: pensar espaços educacionais que favoreçam um clima cultural e intelectual contrário à violência. Terceiro: que se privilegie nos espaços de formação o esclarecimento, a explicação e a elucidação em detrimento do obscurantismo e que, sobretudo, invista na educação infantil, particularmente na primeira infância. Quarto: que se evite uma educação para a virilidade que premie a capacidade de suportar a dor e o sofrimento, pois essa educação predispõe os sujeitos a atitudes sadomasoquistas. Quinto: que a educação não reprima o medo. "Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente medo tanto quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo

inconsciente e reprimido.” (ADORNO, 1995, p. 129). Sexto: evitar uma educação que reforce a competição, o ódio e a inveja.

Adorno não trata desse assunto em seu texto em forma de tópicos e muito menos pretende que ele seja um receituário. O modo como o retomamos, não temos dúvida, contrariaria seu próprio pensamento e seu modo de pensar. No entanto, que importa é destacar alguns aspectos que consideramos relevantes para pensarmos uma educação contra a barbárie num contexto marcado pela violência, pela perseguição às mulheres, pelo racismo, pela homofobia e pela transfobia. Universo este habitado pela tribo dos masculinistas.

Adorno está ciente do quanto é complexa e delicada a tarefa de educar contra a barbárie. A Europa culta e “civilizada” produziu a monstruosidade nazista. Nos pontos que acima destacamos, Adorno se volta para os aspectos da autorreflexão crítica que o sujeito deve exercer sobre si mesmo. Todavia, Adorno tem consciência de que os aspectos objetivos que conformam a realidade social incidem fortemente na estruturação da violência e da barbárie. Portanto, aspectos objetivos e subjetivos estão imbricados, o que também faz da educação e, principalmente, da educação escolar um espaço marcado por disputas ideológicas e está perpassado por interesses e valores eivados de preconceito e ódio.

Assim, caminhamos para as considerações finais do presente trabalho, reafirmando a importância da Educação Formal (essencialmente realizada no ambiente escolar) e daquela não formal (por meio dos blogs, tal qual o “Escreva Lola Escreva”) como vias de enfrentamento à barbárie que se coloca com a ascensão de pensamentos neonazistas e conforme observado ao longo da tese, do recrudescimento dos grupos masculinistas no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicio as considerações finais retomando as palavras de Heleieth Saffioti: “toda e qualquer conclusão é sempre provisória” (1987, p. 111). O narrado até aqui, como parte de uma realidade vívida continuará ecoando e produzindo novas possibilidades interpretativas.

Ao tomar como questão da tese a problematização dos novos enquadramentos da violência contra a mulher no ambiente on-line, essencialmente a partir do estudo do blog “Escreva Lola Escreva” e da figura de sua autora, Lola Aronovich, percursos de minha subjetividade se mesclaram com o que lia, estudava e analisava. Enquanto mulher, ainda que dentro dos privilégios da cisheteronorma (onde também se situa Lola), me vi ferida em muitas ocasiões. Perceber com tanta intensidade a nossa vulnerabilidade e enveredar por esse sentir é também um exercício de conceber como o sujeito se situa no cerne de uma pesquisa acadêmica.

Percebi, ainda, de forma mais intensa, como a história e a vida social “se constitui de ações pessoais e, sobretudo, coletivas, praticadas no dia-a-dia. Aliás, como se procurou deixar claro, a história real é feita por homens e mulheres anônimos, através da luta diária. Só a história oficial é feita pelos grandes homens” (SAFFIOTI, 1987, p. 112). Lola Aronovich começa o blog “Escreva Lola Escreva” como forma de se manter próxima aos amigos e familiares durante um doutorado sanduíche no exterior e ao longo dos anos seguintes ganha repercussão nacional por conta, principalmente, de sua resistência frente aos grupos masculinistas em ascensão no Brasil.

Durante a leitura das postagens de Lola Aronovich no blog, além dos artigos e capítulos de livros por ela publicados, percebemos como sua atuação na luta política terá uma função mais central do que seu trabalho desenvolvido pela via teórico-acadêmica sobre o feminismo. Dessa forma, sua ação nos ambientes virtuais cumpre um papel importante no embate com os grupos masculinistas, ao mesmo tempo em que expõe e evidencia o nível das violências machistas e misóginas nas redes sociais.

A partir da leitura de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, em conjunto com a análise realizada ao longo da tese, conseguimos também conjecturar que se as tecnologias digitais podem impulsionar movimentos sociais progressistas com agendas e solidariedades interseccionais, elas também estimulam movimentos populistas de extrema direita que cooptam pessoas por meio de plataformas digitais e visões racistas, sexistas e homofóbicas. As evidências apontam, inclusive, que os movimentos de direita se beneficiaram mais das tendências digitais que os movimentos de esquerda, pois têm mais dinheiro e uma estrutura mais hierarquizada, o que maximiza estratégias eficientes de comunicação digital. A exemplo

disso, atos violentos praticados por homens brancos, indiscriminadamente, como matança em escolas ou de grupos específicos (judeus, muçulmanos, negros, latinos, LGBTQs e mulheres), são predominantemente explicados como patologias individuais, não como padrões estruturados de violência. Entretanto, os casos documentados demonstram o oposto, que há um terrorismo supremacista branco em rede internacional, com evidências sólidas de que os autores de ações terroristas eram ávidos seguidores da direita alternativa, através de discursos digitais que glorificavam ataques anteriores (como no caso dos ataques em escolas no Brasil). No entanto, essa correlação entre ações terroristas brancas e o aumento exponencial do discurso supremacista branco on-line é negligenciada em um contexto de normalização do supremacismo branco (repaginado como nacionalismo branco), em que o discurso de ódio branco é tolerado e legitimado em nome da liberdade de expressão. Em outras palavras, o discurso de ódio branco, aparentemente tem passe livre (COLLINS; BILGE, 2021).

Nesse sentido, tentamos realizar ao longo da tese um exercício de análise interseccional, pensando em como o feminismo necessita de um olhar para além do gênero, visto que categorias como raça e classe são indissolúveis no processo de constituição dos sujeitos, o que também irá se aplicar para pensar os grupos masculinistas, envoltos em um pacto de branquitude, da cisheteronorma e por um desejo de pertencer às classes sociais mais altas da sociedade.

Destacamos também, a armadilha que há em repetir o tecno-otimismo que há muito tempo vem ditando a agenda de pesquisas em tecnologia e mídia, que vê a internet como uma força intrinsecamente progressiva e democratizadora, dada a suposta facilidade e acessibilidade do ativismo digital, embora as evidências provem o contrário. Percebemos que os movimentos de direita em rede são de longo alcance, globalmente interconectados e interseccionais, que buscam recrutar e reunir apoiadores e sustentar-se em posições identitárias interseccionais – situam-se como indivíduos “discriminados” por serem brancos, cis, homens etc., enquanto atacam ativistas focados na justiça social (COLLINS; BILGE, 2021).

Ao longo do trabalho, demonstramos como a ação de Lola frente aos grupos masculinistas produziu a criação da “Lei Lola”, que atribui à Polícia Federal a investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundem conteúdo misógino. Todavia, a forma como isso se concretiza na prática ainda é extremamente falha, vide que a própria homenageada com o nome da Lei permanece recebendo ameaças constantes contra a sua vida, sem que com isso haja a devida responsabilização dos autores.

No sentido dos ataques direcionados à Lola, percebemos como estes se situam no limiar da desumanização, visto que para os masculinistas, o papel da mulher deveria estar situado abaixo do humano, principalmente por Aronovich não exercer a maternidade e por ser uma

mulher feminista e gorda, o que nos levou a discutir como as “Vidas são, por definição, precárias: podem ser eliminadas de maneira proposital ou acidental; sua persistência não está, de modo algum, garantida” (BUTLER, 2019, p. 46). Nesse sentido, quando Lola não retrocede frente ao ódio iminente, à ameaça que ocorre dia após dia, ela demonstra que “quando lutamos por direitos, não estamos apenas lutando por direitos que se ligam à minha pessoa, mas estamos lutando para sermos concebidos como pessoas” (BUTLER, 2022, p. 61). Acreditamos que escolher a luta feminista é também sempre se posicionar para além do eu.

Nesse âmbito, a ação de Lola torna-se também educativa, vide o papel desempenhado on-line através de gerações que conheceram o feminismo por meio de suas postagens, e atualmente, ao evidenciar a existência e as táticas utilizadas por grupos masculinistas. Enquanto educadores, urge que nos posicionemos frente ao recrudescimento do nazifascismo e de grupos supremacistas brancos, que na atualidade são em sua maioria organizados via internet.

Ao trabalharmos com uma Educação crítica, apoiada nas diferentes categorias interseccionais que organizam a vida social, podemos auxiliar na tomada de consciência dos estudantes sobre os diferentes processos que agem na articulação da vida social contemporânea. Visto que conforme apontou Lélia Gonzalez, “nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado” (2020, p. 160).

Por fim, no ambiente escolar, ao desnudarmos as relações de dominação, as pessoas podem vir a se tornar mais autoconscientes daquilo que as torna preconceituosas, violentas, propensas a se identificar e apoiar líderes autoritários e antidemocráticos. Além disso, esse movimento pode fortalecer o processo de construção da autonomia e resistir à desumanização das relações de dominação (BENTO, 2022).

Buscamos ao longo do trabalho problematizar os novos enquadramentos da violência contra as mulheres no ambiente on-line, utilizando como recorte os textos do blog “Escreva Lola Escreva” e a figura de sua autora, Lola Aronovich. Para isso, a interseccionalidade foi pensada como ferramenta analítica para compreender a atuação de Lola e as categorias que perpassam os ataques por ela sofridos, eixos que atuam em via de sua desumanização. Ao mesmo tempo, a interseccionalidade serviu à análise dos grupos masculinistas. Apontamos a importância de novos estudos na área citada, principalmente no que concerne à violência on-line contra as mulheres, além de um necessário mapeamento e análise dos grupos neonazistas e masculinistas com atuação no Brasil e em outros países.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: **Educação após Auschwitz**. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

ALLIEZ, Éric; LAZZARATO, Maurizio. **Guerras e Capital**. São Paulo: Ubu, 2021.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. (orgs.). **Blogs.com**: Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-53.

AMATO, Bruna; FUCHS, Jéssica J. B. DISCURSOS DE ÓDIO DE GÊNERO E SUBJETIVAÇÃO: articulações entre masculinismo e extrema-direita. **Violência e Gênero**: análises, perspectivas e desafios, [S.L.], p. 77-92, 2022. Editora Científica Digital. http://dx.doi.org/10.37885/220709519.

ARONOVICH, Dolores Aguero. Análise do discurso de ódio contra uma blogueira. In: VII Colóquio e II Instituto da ALED-Brasil - Anais Eletrônicos. **Anais. Brasília** (DF) UnB, 2018. Disponível em: <https//www.even3.com.br/anais/ALEDBrasil/102326-ANALISE-DO-DISCURSO-DE-ODIO-CONTRA-UMA-BLOGUEIRA>. Acesso em: 07/09/2019.

ARONOVICH, Lola. **Blogueiras e trolls**. 2008. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2008/08/blogueiras-e-trolls.html. Acesso em: 05 fev. 2020.

ARONOVICH, Lola. **Entrevista comigo sobre este bloguinho**. 2013. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2013/08/entrevista-comigo-sobre-este-bloguinho.html. Acesso em: 03 mar. 2020.

ARONOVICH, Lola. **Eu, mais ou menos branca**. 2015. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2015/05/eu-mais-ou-menos-branca.html. Acesso em: 07 maio 2023.

ARONOVICH, Dolores Aguero. Feminismo é necessário e urgente. [Entrevista concedida a Vitor Necchi. **Revista IHU Online**, 14 junho. 2017. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/568638-feminismo-e-necessario-e-urgente-entrevista-especial-com-lola-aronovich. Acesso em: outubro de 2019.

ARONOVICH, Lola. **Homens podem (e devem) ser feministas**. 2014. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/06/homens-podem-e-devem-ser-feministas.html. Acesso em: 12 mar. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Indicada ao prêmio coragem do repórteres sem fronteiras**. 2019. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/08/indicada-ao-premio-coragem-do.html. Acesso em: 18 set. 2020.

ARONOVICH, Lola. **Legalização do aborto**: a luta feminista é para que mulheres possam escolher. a luta feminista é para que mulheres possam escolher. 2016. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2016/09/legalizacao-do-aborto-luta-feminista-e.html. Acesso em: 07 maio 2019.

ARONOVICH, Lola. **Masculinistas são frustrados**: palavra de mascus. Palavra de mascus. 2011. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/08/masculinistas-sao-frustrados-palavra-de.html. Acesso em: 16 abr. 2022.

ARONOVICH, Lola. **Mascus, idiotas que vivem nas cavernas**. 2016. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2016/02/mascus-idiotas-que-vivem-nas-cavernas.html. Acesso em: 16 abr. 2022.

ARONOVICH, Lola. **Meu feminismo não é pra mim**. 2011. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/03/meu-feminismo-nao-e-pra-mim.html. Acesso em: 07 mar. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Mulheres infelizes?**: culpa do feminismo. Culpa do feminismo. 2009. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2009/10/mulheres-infelizes-culpa-do-feminismo.html. Acesso em: 27 ago. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Mulheres, saiam do armário**. 2011. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/03/mulheres-saiam-do-armario.html. Acesso em: 05 maio 2019.

ARONOVICH, Lola. **Os perigos de não se falar sobre sexo em casa**. 2017. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2017/12/os-perigos-de-nao-se-falar-sobre-sexo.html. Acesso em: 07 maio 2019.

ARONOVICH, Lola. **O Twitter e um exemplo de homem que não aceita ser corrigido**. 2019. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/03/o-twitter-e-um-exemplo-de-homem-que-nao.html. Acesso em: 12 fev. 2022.

ARONOVICH, Lola. **Pelo direito de poder ser o que quiser**. 2017. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2017/12/pelo-direito-de-poder-ser-o-que-quiser.html. Acesso em: 16 jul. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Por que me chamo Dolores**. 2008. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2008/09/por-que-me-chamo-dolores.html. Acesso em: 07 mar. 2021.

ARONOVICH, Lola. **Postagem twitter**. 12 maio 2015. Twitter: @lolaescreva. Disponível em: https://twitter.com/lolaescreva/status/598219122921623552. Acesso em: 20 maio 2023.

ARONOVICH, Lola. **Quinze anões de bloguinho!** Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2023/02/quinze-anoes-de-bloguinho.html. Acesso em: 01 mar. 2023.

ARONOVICH, Lola. **Sou feminista desde a mais tenra infância**. 2008. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2008/08/sou-feminista-desde-mais-tenra-infncia.html. Acesso em: 11 ago. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Uma década de blog**. 2018. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2018/02/uma-decada-de-blog.html. Acesso em: 11 ago. 2019.

ARONOVICH, Lola. **Um bloguinho com sete vidas**. 2015. Disponível em: https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2015/01/um-bloguinho-com-sete-vidas.html. Acesso em: 07 maio 2020.

ARONOVICH, Lola. A trajetória e resistência do Escreva Lola Escreva. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 1-13, 2022. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286981.

ARONOVICH, Lola. As muitas fake news contra a feminista mais atacada do Brasil. In: D´ÁVILA, Manuela. **Rede de mentiras e ódio**: relatos da violência promovida pelas redes de ódio, preconceito e fake news. Porto Alegre: Instituto e Se Fosse Você, 2021. p. 62-75.

ARONOVICH, Lola. Utopias e distopias vividas por uma feminista. **Revista Alere**, Tangará da Serra, v. 24, n. 02, p. 379-392, 2021.

ARONOVICH, Lola; NECCHI, Vitor. **Feminismo é necessário e urgente**. 2017. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/568638-feminismo-e-necessario-e-urgente-entrevista-especial-com-lola-aronovich. Acesso em: 07 ago. 2019.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AZEVEDO, Luciene. Blogs: a escrita de si na rede dos textos. **Fernão**, Vitória, p. 81-95, jan./jun. 2023.

BAUMGARTEN, Nicole Cristine. Menstruapps: da datificação de sujeitos menstruantes à biopolítica de si. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIêNCIA E DA TECNOLOGIA, 8., 2021, São Carlos. **Anais [...].** São Carlos: React, 2021. p. 609-622.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. **Revista Feminismos**, [*s. l*], v. 8, n. 3, p. 67-82, set./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/33680/19468. Acesso em: 20 maio 2023.

BOTTEGA, Ana; BOUZA, Isabella Comini; CARDOMINGO, Matias Rebello; PIRES, Luiza Nassif; PERON, Fernanda. **Quanto fica com as mulheres negras?**: uma análise da distribuição de renda no brasil. Uma análise da distribuição de renda no Brasil. 2021. Disponível em: https://madeusp.com.br/publicacoes/artigos/quanto-fica-com-as-mulheres-negras-uma-analise-da-distribuicao-de-renda-no-brasil/. Acesso em: 13 dez. 2021.

BRASIL DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/Del3688.htm. Acesso em: 27 jun. 2023.

BRASIL**. Lei 13642/2018**, de 03 de março de 2016. Acrescenta atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2078694.> Acesso em 28/10/2019.

BRASIL**. Projeto de Lei 4289/2016**, de 03 de fevereiro de 2016. Dispõe sobre a profissão de vlogueiro e blogueiro. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2076726&ord=1>. Acesso em 28/10/2019.

BRUM, Eliane. A boçalidade do mal: Guido Mantega e a autorização para deletar a diferença. **El país**, 02 de mar. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html. Acesso em: 12/02/2023.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. Jornal **Folha de São Paulo**, Ilustríssima, 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml. Acesso em: 12/02/2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto?. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARA, Daniel. **Relatório**: o extremismo de direita entre adolescentes e jovens no brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. 2022. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf. Acesso em: 04 maio 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, p. 117-132, set. 2003.

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 43, p. 99-114, abr. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020141614.

CETIC.BR; NIC.BR. **TIC Domicílios 2021**.Disponível em: https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2021/domicilios/A1/. Acesso em: 16/02/2023

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: Nversos, 2016.

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapeando as margens**: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. 2017. Tradução: Carol Correia. Disponível em: https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/. Acesso em: 27 mar. 2023.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira; MATTOS, Amana. Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas. In: SIQUEIRA, Isabel Rocha de; MAGALHÃES, Bruno; CALDAS, Mariana; MATOS, Francisco (org.). **Metodologia e Relações Internacionais**: debates contemporâneos. Rio de Janeiro: Puc - Rio, 2019. p. 67-94. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/Metodologias_e_RI_volume-2%20(1).pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

EDFELDT, Chatarina. De ‘mulheres masculinizadas e histéricas’ a ‘nazi-feministas’: reflexão sobre o discurso de ódio e de contrafeminismo na internet. **Cadernos de Literatura Comparada**, [*s. l*], n. 35, p. 345-355, dez. 2016.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 44, p. 199-228, jan./jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4ª ed. Lisboa: Veja/Passagens, 2000.

GONZAGA, Juliane de Araujo. **Novo feminismo**: acontecimento e insurreição de saberes nas mídias digitais. 2018. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Organização: Flavia Rios, Márcia Lima.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 157-158.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p. 103-117, out. 1998.

KOMESU, F. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 100-119.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do Gênero**. 1987. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5673685/mod_resource/content/4/DE%20LAURETIS%2C%20Teresa.%20A%20Tecnologia%20do%20G%C3%AAnero%20%281987%29.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

LIMA, Paola; PORTELA, Raissa. **Mulheres na política**: ações buscam garantir maior participação feminina no poder. ações buscam garantir maior participação feminina no poder. 2022. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/aliados-na-luta-por-mais-mulheres-na-politica. Acesso em: 04 jun. 2022.

LIMA, Paulo Ricardo Silva; PRESSER, Nadi Helena. A lei geral de proteção de dados e os desafios para a gestão nas organizações brasileiras na era do big data. **P2P & INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 109-120, mar./ago. 2022.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 30 set. 2022. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. http://dx.doi.org/10.12957/epp.2022.69802.

LUCCIO, Flavia Di; NICOLACIDA-COSTA, Ana Maria. Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores. **Psicol. cienc. prof. Brasília**, v. 30, n. 1, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12/02/2022.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 51-60.

MACHADO, Juliano. **Pesquisa aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números**. 2023. Disponível em: https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409#:~:text=A%20pesquisa%20apontou%20que%20um,Sa%C3%BAde%20(OMS)%20em%202021.. Acesso em: 14 mar. 2023.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **Pensador da extrema direita**: jack donovan radicaliza o machismo. Jack Donovan radicaliza o machismo. 2019. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/. Acesso em: 20 jun. 2023.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, Niterói, v. 16, n. 02, p. 55-69, 27 dez. 2016.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, [S.L.], v. 0, n. 56, p. 1-34, jan. 2019. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900560012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MEIRA, Luís Antônio Alves. **Infiltrado no chan**: economia e linguagem do ódio. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguagens, Mídia e Arte, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOTA, Keli Rocha Silva. Feminismo Contemporâneo: como ativistas de são paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Revista Extraprensa**, São Paulo, p. 108-127, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, [*s. l*], v. 7, n. 6, p. 41-49, 1985.

NATANSOHN, Graciela. Para uma internet feminista, descolonizar internet é urgente. *In*: GONÇALVES, Christiane Ribeiro; ROCHA, Marcos Antonio Monte. (org.). **Feminismo descoloniais e outros escritos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

NATANSOHN, Graciela. Que têm a ver as tecnologías digitais com o gênero? In: NATANSOHN, Graciela (org.). **Internet em código feminino**: teorias e práticas. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2013. p. 15-38.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de; SILVA, Renato da. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, p. 1609-1625, set. 2021.

PAIM, Marina Bastos. Os corpos gordos merecem ser vividos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-6, 2019.

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, São Paulo, p. 178-191, set./dez. 2019.

PITANGUY, Jacqueline. A carta das mulheres brasileiras aos constituintes: memórias para o futuro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 91.

PONCIANO, Jéssica Kurak; AZEVEDO, Ana Carolina Colnago Roco de; SILVA, Divino José da; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. O Zeitgeist Hipermoderno e a "Real Masculinista": um estudo de caso de um blog da web. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 166-184, ago./dez. 2019.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística de 50 blogs em língua portuguesa. **MATRIZes**, n. 1, p. 129-147, jul./dez. 2010.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, Maria Clara. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: Edufba, 2021. 102 p. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34395. Acesso em: 14 maio 2023.

RECUERO, Raquel. **Fluxos de Informação e Capital Social nos Weblogs**: um estudo de caso na blogosfera brasileira. Um estudo de caso na blogosfera brasileira. 2010. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/artigos/livroucsrecuero.pdf. Acesso em: 25 maio 2019.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no twitter. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 41, p. 31-47, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela. Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. Revista 404notfound - **Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa**. Edição 31, agosto de 2003. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_31.htm.> Acesso em: setembro de 2019.

RIOS, Flávia; PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 40, p. 36-51, 28 dez. 2019. Semestral. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46648/31118. Acesso em: 30 maio 2023.

RIZZOTTO, Carla. O "quinto poder" exerce poder de fato? Relações entre um observatório de mídia e seu público. **Revista Extraprensa, 11** (1), 128-150. https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.129074, 2017.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. No submundo do terror e da conspiração no Telegram: a construção estilística do discurso de membros-integrantes da organização dogolachan. **Heterotópica**, Uberlândia, v. 5, n. 1, p. 201-229, jan./jun. 2023.

ROSA, Helaine Abreu; ISLAS, Octávio. Contribuições dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. (orgs.). **Blogs.com**: Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 161-177.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a "economia política do sexo". Recife: SOS Corpo, 1993.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 1-81, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, ago. 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: congresso internacional da lasa (latin american studies association), 21., 1998, Chicago. **Apresentação.** Chicago: Lasa, 1998. p. 1-12.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 675-680, maio/ago. 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Thais Pereira da. **Construções identitárias & TICs**: o caso do blog "blogueiras negras". 2019. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOUZA, Luanna Tomaz de; PETROLI, Danielle Pinto; MAGALHÃES, Letícia Vitória Nascimento. A Lei Lola e os usos acadêmicos da misoginia no Brasil. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto, v. 31, n. 02, p. 231-257, maio/ago. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2010.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do "nós" e "eles". 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 2022.

SWAIN, Tania Navarro. “Para além do sexo, por uma estética da liberação”. In:Albuquerque Júnior, Durval M.; Veiga-Neto, Alfredo; Souza Filho, Alípio de (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SWAIN, Tania Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. **LABRYS**: estudos feministas, n. 4, 2003. Disponível em: www.unb.Br/ih/his/gefen. Acesso em: 09/07/2023.

TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política**. A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

TREIN, Daiana; SCHLEMMER, Eliane. Projetos de aprendizagem baseados em problema no Contexto da web 2.0: possibilidades para a prática pedagógica. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-20, jun. 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/3225/2147/0. Acesso em: 28 fev. 2019.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?** Tradução: Osmundo Pinho. Disponível em: https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/. Acesso em: 10 jan. 2023.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai; PELôCIO, Larissa. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”. **Estudos de Sociologia**, [S.L.], v. 25, n. 48, p. 87-113, 24 jul. 2020. UNESP - Universidade Estadual Paulista. http://dx.doi.org/10.52780/res.13447.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa américa. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos Blogs aos Microblogs: aspectos históricos, formatos e características. **Interin**, [*s. l*], v. 9, n. 1, p. 1-12, 2010.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ZIGA, Itziar. **A feliz e violenta vida de Maribel Ziga**. São Paulo: Crocodilo Edições, 2022.